

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

FERNANDA FARIA FERNANDES

MAPEAMENTO DE MICROCONSTRUÇÕES COM *ASSIM*

JUIZ DE FORA

2025

FERNANDA FARIA FERNANDES

MAPEAMENTO DE MICROCONSTRUÇÕES COM *ASSIM*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda.

Juiz de Fora

2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Fernandes, Fernanda Faria.

Mapeamento de microconstruções com assim / Fernanda Faria Fernandes. -- 2025.
146 p. : il.

Orientadora: Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2025.

1. Linguística Funcional Centrada no Uso. 2. Padrão microconstrucional. 3. Construções com assim. I. Cunha Lacerda, Patrícia Fabiane Amaral da, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA



ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO
STRICTO SENSU

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Nº PPG: 05/2025

Formato da Defesa: () presencial (X) virtual () híbrido

Ata da sessão pública referente à defesa da dissertação intitulada MAPEAMENTO DE MICROCONSTRUÇÕES COM ASSIM, para fins de obtenção do título de mestra(e) em linguística, área de concentração linguística, pelo(a) discente Fernanda Faria Fernandes (matrícula 120260001- início do curso em 06/03/2023), sob orientação da Prof.(a)Dr.(a)Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda.

Ao 17º dia do mês de fevereiro do ano de 2025, às 14:00 horas, de forma remota, conforme Resolução nº 10/2022-CSPP e Portaria 882/2022 -UFJF da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), reuniu-se a Banca examinadora da dissertação em epígrafe, aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação, conforme a seguinte composição:

Titulação Prof(a) Dr(a) / Dr(a)	Nome	Na qualidade de:	Vínculo Institucional
Prof(a) Dr(a)	Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda	Orientador(a)	UFJF
Prof(a) Dr(a)	LAURIÉ FERREIRA MARTINS DALL'ORTO	Membro titular interno	UFJF
Prof(a) Dr(a)	Mariangela Rios de Oliveira	Membro titular externo	UFF
Prof(a) Dr(a)	SANDRA APARECIDA FARIA DE ALMEIDA	Suplente interno	UFJF

*Na qualidade de (opções a serem escolhidas):

- Membro titular interno
- Membro titular externo
- Membro titular externo e Coorientador(a)
- Orientador(a) e Presidente da Banca
- Suplente interno
- Suplente externo
- Orientador(a)
- Coorientador(a)

*Obs: Conforme §2º do art. 54 do Regulamento Geral da Pós-graduação stricto sensu, aprovado pela Resolução CSPP/UFJF nº 28, de 7 de junho de 2023, "estando o(a) orientador(a) impedido(a) de compor a banca, a presidência deverá ser designada pelo Colegiado".

AVALIAÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

Tendo o(a) senhor(a) Presidente declarado aberta a sessão, mediante o prévio exame do referido trabalho por parte de cada membro da Banca, o(a) discente procedeu à apresentação de seu Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-graduação Stricto sensu e foi submetido(a) à arguição pela Banca Examinadora que, em seguida, deliberou sobre o

seguinte resultado:

(X) APROVADO

() REPROVADO, conforme parecer circunstanciado, registrado no campo Observações desta Ata e/ou em documento anexo, elaborado pela Banca Examinadora

() APROVADO CONDICIONALMENTE, sendo consenso da banca de que esta ata é provisória e condicional

Novo título da Dissertação/Tese (só preencher no caso de mudança de título):

Observações da Banca Examinadora caso haja necessidade de anotações gerais sobre a dissertação/tese e sobre a defesa, as quais a banca julgue pertinentes

A banca ocorreu de forma virtual. Todos os membros e o discente participaram da sessão de Defesa e a acompanharam na sua integralidade. (Conforme Resolução nº 10/2022- CSPP)

Descrição de todas as condicionalidades para a aprovação (só preencher no caso de Aprovação Condicional):

Nada mais havendo a tratar, o(a) senhor(a) Presidente declarou encerrada a sessão de Defesa, sendo a presente Ata lavrada e assinada pelos(as) senhores(as) membros da Banca Examinadora e pelo(a) discente, atestando ciência do que nela consta.

INFORMAÇÕES

Para fazer jus ao título de mestre(a)/doutor(a), a versão final da dissertação/tese, considerada Aprovada, devidamente conferida pela Secretaria do Programa de Pós-graduação, deverá ser tramitada para a PROPP, em Processo de Homologação de Dissertação/Tese, dentro do prazo de de 60 ou 90 dias, para discentes aprovados condicionalmente, a partir da data da defesa. Após o envio dos exemplares definitivos, o processo deverá receber homologação e, então, ser encaminhado à CDARA.

Se as condições descritas nesta ata não forem atestadamente atendidas dentro do prazo de 90 dias, a aprovação condicional será convertida em reprovação.

Esta Ata de Defesa é um documento padronizado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa. Observações excepcionais feitas pela Banca Examinadora poderão ser registradas no campo disponível acima ou em documento anexo, desde que assinadas pelo(a) Presidente(a).

Esta Ata de Defesa somente poderá ser utilizada como comprovante de titulação se apresentada junto à Certidão da Coordenadoria de Assuntos e Registros Acadêmicos da UFJF (CDARA) atestando que o processo de confecção e registro do diploma está em andamento.



Documento assinado eletronicamente por **Patricia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, Professor(a)**, em 17/02/2025, às 16:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mariangela Rios de Oliveira, Usuário Externo**, em 18/02/2025, às 10:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lauriê Ferreira Martins Dall' Orto, Professor(a)**, em 18/02/2025, às 11:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Faria Fernandes, Usuário Externo**, em 18/02/2025, às 11:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o



código verificador **2232695** e o código CRC **D0F2F286**.

Fernanda Faria Fernandes

MAPEAMENTO DE MICROCONSTRUÇÕES COM ASSIM

Dissertação
apresentada ao
Programa de Pós-
Graduação em
Linguística
da Universidade
Federal de Juiz de
Fora, como requisito
parcial à obtenção do
título de mestre em
linguística. Área de
concentração:
Linguística.

Aprovada em 17 de fevereiro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. LAURIÉ FERREIRA MARTINS DALL'ORTO
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Mariangela Rios de Oliveira
Universidade Federal Fluminense

Juiz de Fora, 06/02/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Patricia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, Professor(a)**, em 17/02/2025, às 16:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mariangela Rios de Oliveira, Usuário Externo**, em 18/02/2025, às 10:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lauriê Ferreira Martins Dall" Orto, Professor(a)**, em 18/02/2025, às 11:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2232698** e o código CRC **DA5FDB01**.

AGRADECIMENTOS

A escolha pelo mestrado, analisando em retrospectiva, foi longa, consciente e bastante árdua, assim como todo o processo – o antes e o durante. Ao longo de toda esta trajetória, (re)encontrei em mim muitas coisas pelas quais sou grata, das quais gosto e que, sobretudo, me ajudaram a (re)descobrir uma nova relação comigo mesma.

Antes, bem antes na verdade, e durante o processo seletivo de ingresso do qual participei, foi maravilhoso explorar e adentrar a novos mundos na Linguística, os quais, às vezes, tão vastos, dispersos e inalcançáveis podiam me parecer durante a minha primeira graduação – sobretudo com uma pandemia como fator de peso. Assim, poder ver a linguagem como a concebo hoje para minha vida é muito além do que a Fernanda, com anseios de pesquisa, buscava e esperava. A criatividade e a capacidade humana da linguagem são fascinantes; poder aprender a me afeiçoar e a valorizar tudo isso me faz agradecida pela Fernanda – curiosa e fascinada pela Linguística e, especialmente, pela língua em uso – que nasceu – e cresceu muito – ao longo desta etapa. Ainda que o futuro seja impreciso, independentemente dos próximos passos, sei que os aprendizados e os frutos desta jornada me acompanharão. E que bom que a curiosidade é uma parte essencial de quem sou.

Contudo, tornou-se um caminho possível com a ajuda de muitas pessoas. Sei que, às vezes, posso ser uma pessoa não muito fácil, ainda mais quando, muitas vezes, o trilhar acadêmico acaba sendo um percurso tão solitário. Assim, esta primeira rodada de agradecimentos se estende a todos que, de alguma forma, me incentivaram, escutaram meus desabafos ou me deram uma palavra de consolo. Acreditem, fez toda diferença do mundo.

No âmbito acadêmico, são já muitos anos na FALE, onde pude construir relacionamentos longevos. Desse modo, agradeço, com muito carinho e boas lembranças, às professoras com quem pude trabalhar no meu percurso na graduação: Profa. Dra. Natália Sigiliano, Profa. Dra. Mercedes Marcilese, Profa. Dra. Clara Novoa e Profa. Dra. Roberta Pacheco. Foram muitas – e distintas – experiências e projetos pelos quais sou extremamente consciente e agradecida pelo quanto vocês contribuíram para minha formação acadêmica, profissional e pessoal.

No âmbito da pós-graduação, agradeço aos professores do programa que me possibilitaram uma sólida formação. À coordenação e à secretaria do PPG, pelo

comprometimento e seriedade, os quais me possibilitaram perfazer um percurso acadêmico mais tranquilo. À FAPEMIG, pelo apoio financeiro, o qual me permitiu desenvolver esta pesquisa com dedicação e seriedade.

Às professoras que compõem a banca de defesa, Profa. Dra. Laurie Dall'orto e Profa. Dra. Mariângela Oliveira, e aos professores que compuseram a banca de qualificação, Profa. Dra. Sandra Almeida e Prof. Dr. Tiago Torrent, muito obrigada pelo interesse e pela disponibilidade de ler meu trabalho e pelas valiosas contribuições para minha pesquisa.

Às minhas companheiras e amigas de turma – e de tão antes –, Leandra e Taís, que bom que estivemos juntas por tudo que significou esta etapa.

Agradeço com todo respeito, admiração e carinho à minha querida orientadora, Profa. Dra. Patrícia Fabiane. Foi um longo caminho, o qual sei que exigiu de você muita paciência. Obrigada por todo profissionalismo, respeito, compreensão, dedicação e amizade. Obrigada por me ensinar o quanto a Linguística pode ser inacreditavelmente fascinante. É tão bom essa convergência de compromisso, seriedade e amor pelo seu objeto de trabalho, como vejo em você.

Às minhas irmãs: à Daniela, pelo entendimento e compreensão; e à Luísa, por todo apoio, ajuda e respeito. Obrigada por dividirem o peso da vida comigo.

À minha mãe, por ser sempre uma fonte inesgotável de incentivo e de convicção nos meus sonhos.

Isn't it splendid to think of all the things there are to find out about? It just makes me feel glad to be alive – it's such an interesting world. It wouldn't be half so interesting if we know all about everything, would it?

Lucy Maud Montgomery

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo fundamental investigar os padrões construcionais com *assim* à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU – (Bybee, 2010; Furtado da Cunha *et al.*, 2013; Traugott; Trousdale, 2013), a qual preconiza que “qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja estritamente previsível a partir das partes que o compõem ou a partir de outras construções reconhecidamente existentes” (Goldberg, 2006). Desse modo, há uma estreita relação entre o uso que os falantes fazem da língua, em situações reais de interação comunicativa, e a codificação linguística. E as hipóteses iniciais deste trabalho são as seguintes: i) as diferentes construções com *assim* são instanciadas na língua a partir de diversos ambientes discursivos; ii) há uma expansão semântico-pragmática de seus usos, e ela está relacionada a um aumento de intersubjetividade; iii) diferentes padrões microconstrucionais com *assim* apresentam produtividade nas diferentes modalidades de uso da língua – oral e escrita. Nesse sentido, a fim de cumprir o objetivo geral proposto, temos por objetivos específicos (i) identificar os padrões construcionais nos *corpora* analisados; e (ii) descrever as características formais e funcionais dos padrões microconstrucionais identificados com *assim*. A análise de dados pauta-se no método misto, nos termos de Cunha Lacerda (2016), baseando-se no levantamento da frequência de uso e na descrição de ocorrências dos padrões construcionais analisados. Para tal, usamos dois *corpora* sincrônicos, sendo um deles representativo da modalidade escrita, o qual é composto por dados da rede social X, antigo *Twitter*, cujas amostras representam os anos de 2017, 2018, 2019 e 2020, compilado por Martins (2021). Já o *corpus* representativo da modalidade oral, o qual é constituído por vídeos postados na plataforma YouTube, é pertencente ao gênero entrevista, a partir de vídeos datados entre 2023 e 2024. Os resultados, a partir dos dados analisados, possibilitam a identificação de vinte e um padrões microconstrucionais com *assim*, os quais decorrem de um processo de construcionalização gramatical pautada na instanciação de construções cada vez mais intersubjetivas, a partir de um esquema mais geral, cuja função básica é a foricidade de *assim*.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso. Padrão microconstrucional. Construções com *assim*.

ABSTRACT

The main objective of this work is to investigate constructional patterns with *assim*, from the perspective of the Usage-based theory and the constructional approach to change (Bybee, 2010; Furtado da Cunha et al., 2013; Rosário; Traugott; Trousdale, 2013; Oliveira, 2016), which advocates that “any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist” (Goldberg, 2006). In this way, there is a close relationship between the use that speakers make of the language, in real situations of communicative interaction, and linguistic coding. Thus, we assume the following initial hypotheses: i) constructions with *assim* are instantiated in the language from more abstract hierarchical levels; ii) there is a semantic-pragmatic expansion of its uses, and it is related to an increase of intersubjectivity; iii) different microconstructional patterns with *assim* present productivity in the different modalities of language use – oral and written. In this sense, in order to fulfill the proposed general objective, we have specific objectives (i) to identify the constructional patterns in the analyzed *corpora*; (ii) to describe the formal and functional characteristics of the identified microconstructional patterns with *assim*. Data analysis is based on the mixed method, in terms of Cunha Lacerda (2016), which is based on the survey of the frequency of use and the description of occurrences of the constructional patterns analyzed. To do this, we use two synchronous *corpora*, one of which is representative of the written modality, which is composed of data from the social platform X, formerly Twitter, whose samples represent the years of 2017, 2018, 2019 and 2020, compiled by Martins (2021). The representative *corpus* of the oral modality, which is composed by videos posted on the YouTube platform, referent to interview gender, from videos dated between 2023 and 2024. The results, based on the analyzed data, allow the identification of twenty-one microconstructional patterns with *assim*, which result from a process of grammatical constructionalization based on the instantiation of increasingly intersubjective constructions, from a more general scheme, whose basic function is the phoricity of *assim*.

Keywords: Usage-Based Linguistics. Microconstructional pattern. Constructions with *assim*.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Frequência das microconstruções nos <i>corpora</i>	130
---	-----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplo 1 de construção com assim.....	15
Figura 2 – Exemplo 2 de construção com assim.....	15
Figura 3 – Representação de construção por Croft (2001)	25
Figura 4 – Representação de Langacker de rede construcional (2008)	26
Figura 5 – Modelo de rede construcional adaptado do modelo de Traugott e Trousdale (2013).....	31
Figura 6 – Relação entre construcionalização e mudanças construcionais de acordo com Traugott e Trousdale (2013)	39
Figura 7 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 1	65
Figura 8 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 1	66
Figura 9 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 2.....	68
Figura 10 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 2.....	69
Figura 11 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 3.....	72
Figura 12 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 3.....	73
Figura 13 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 4.....	76
Figura 14 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 4.....	77
Figura 15 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 5.....	80
Figura 16 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 5.....	81
Figura 17 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 6.....	83
Figura 18 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 6.....	84
Figura 19 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 7.....	87
Figura 20 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 7.....	88
Figura 21 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 8.....	90
Figura 22 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 8.....	91
Figura 23 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 9.....	93
Figura 24 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 9.....	94
Figura 25 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 10.....	96
Figura 26 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 10.....	96
Figura 27 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 11.....	100
Figura 28 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 11.....	101
Figura 29 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 12.....	104
Figura 30 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 12.....	105
Figura 31 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 14.....	110
Figura 32 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 14.....	110
Figura 33 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 15.....	113
Figura 34 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 15.....	113
Figura 35 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 16.....	115
Figura 36 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 16.....	116
Figura 37 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 17.....	117
Figura 38 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 17.....	118
Figura 39 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 18.....	120
Figura 40 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 18.....	120
Figura 41 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 21.....	128
Figura 42 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 21.....	129

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Os modelos de Gramáticas de Construção – panorama (Pinheiro; Alonso, 2018)	23
Quadro 2 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução temporal	64
Quadro 3 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução dêitica	67
Quadro 4 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução anafórica	71
Quadro 5 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução catafórica	75
Quadro 6 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução comparativa	79
Quadro 7 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução exemplificativa	82
Quadro 8 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução conclusiva	86
Quadro 9 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução interrogativa	89
Quadro 10 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução de progressão discursiva	92
Quadro 11 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução focalizadora	95
Quadro 12 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução contraexpectativa	98
Quadro 13 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução contra-argumentativa	103
Quadro 14 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução modalizadora epistêmica delimitadora	106
Quadro 15 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução modalizadora epistêmica asseverativa	109
Quadro 16 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução resumitiva-avaliativa	112
Quadro 17 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução avaliativa	114
Quadro 18 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução marcador	117
Quadro 19 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução marcador discursivo organizador do discurso	119
Quadro 20 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução marcador discursivo encerramento do tópico discursivo	123
Quadro 21 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução marcador discursivo focalizador	125
Quadro 22 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução marcador discursivo prefaciador	127

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 CAPÍTULO I	17
LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
2.1 LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO: UMA VISÃO GERAL	17
2.1.1 Modelos da Gramática de Construções e a Abordagem Construcional da Mudança	18
2.1.2 Propriedades da mudança: esquematicidade, produtividade e composicionalidade	27
2.1.2.1 Esquematicidade	28
2.1.2.2 Produtividade	31
2.1.2.3 Composicionalidade.....	33
2.1.3 Construcionalização, mudanças construcionais e mecanismos de mudança	36
2.1.3.1 Construcionalização.....	36
2.1.3.2 Mudanças construcionais	38
2.1.3.2.1 Mecanismos de mudança.....	39
2.1.4 (Inter)subjetividade e o posicionamento avaliativo do falante	41
2.1.5 Conclusões	42
3 CAPÍTULO II	44
QUESTÕES ACERCA DE ASSIM: uma breve revisão	44
3.1 AS ATRIBUIÇÕES DE ASSIM NOS ESTUDOS NORMATIVOS	44
3.2 O TRATAMENTO DE ASSIM EM UMA PERSPECTIVA LINGUÍSTICA: UMA VISÃO GERAL	46
3.3 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO	52
4 CAPÍTULO III	55
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	55
4.1. A CONSTITUIÇÃO DOS <i>CORPORA</i> : PROCEDIMENTOS E QUESTÕES FUNDAMENTAIS	55
4.2 MÉTODO MISTO: DEFINIÇÕES E APLICAÇÃO NAS ANÁLISES DOS DADOS.....	58
4.3 PROCEDIMENTOS ADOTADOS PARA A ANÁLISE.....	60
5 CAPÍTULO IV	62
ANÁLISE DE DADOS	62
5.1 PADRÕES MICROCONSTRUCIONAIS COM ASSIM NOS <i>CORPORA</i> ANALISADOS	62
5.1.1 Padrão microconstrucional temporal	63

5.1.2 Padrão microconstrucional dêitico	66
5.1.3 Padrão microconstrucional anafórico	71
5.1.4 Padrão microconstrucional catafórico	75
5.1.5 Padrão microconstrucional comparativo	78
5.1.6 Padrão microconstrucional exemplificativo	82
5.1.7 Padrão microconstrucional conclusivo	86
5.1.8 Padrão microconstrucional interrogativo	89
5.1.9 Padrão microconstrucional progressão discursiva.....	91
5.1.10 Padrão microconstrucional focalizador.....	94
5.1.11 Padrão microconstrucional contraexpectativa	98
5.1.12 Padrão microconstrucional contra-argumentativo	103
5.1.14 Padrão microconstrucional modalizador epistêmico asseverativo	108
5.1.15 Padrão microconstrucional resumitivo-avaliativo	112
5.1.16 Padrão microconstrucional avaliativo.....	114
5.1.17 Padrão microconstrucional marcador discursivo <i>tipo assim</i>	116
5.1.18 Padrão microconstrucional marcador discursivo organizador do discurso	118
5.1.19 Padrão microconstrucional marcador discursivo encerramento do tópico discursivo	122
5.1.20 Padrão microconstrucional marcador discursivo focalizador	125
5.1.21 Padrão microconstrucional marcador discursivo prefaciador.....	127
5.2 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO	130
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
REFERÊNCIAS	139

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, assumimos uma concepção de língua que está pautada no uso. Logo, a entendemos como sendo uma estrutura não fixa, dinâmica e maleável, que, devido às diversas situações e aos contextos comunicativos em que os falantes estão inseridos, tem por característica ser multável, visando a atender aos propósitos e às necessidades comunicativas de seus usuários. Nesse sentido, estabelece novas relações e mudanças que se pautam no uso, ou seja, as mudanças ocorrem à medida que a língua é usada. Desse modo, este trabalho parte de uma perspectiva da língua baseada no uso, fundamentando-se na Linguística Funcional Centrada no Uso – doravante, também LFCU – e, mais especificamente, na abordagem construcional da mudança, nos termos de Traugott e Trousdale (2013).

A LFCU toma como princípio que a unidade básica da língua é a construção (Goldberg, 1995, 2006, 2016). As construções, segundo Goldberg (1995, 2006, 2016), se constituem a partir de pareamentos de forma e função. E esses, por sua vez, formam novas relações – nós – que posteriormente se organizam em rede. A partir disso, nessa concepção teórica, a língua se organiza em extensas redes construcionais taxonômicas, que têm a construção como sendo o nível mais básico. No contexto da LFCU, assumimos, de modo mais específico, conforme sinalizado acima, a proposta de Traugott e Trousdale (2013), uma vez que os autores descrevem um modelo para mudança linguística sob uma perspectiva construcional.

Isso posto, pautando-nos nos postulados teóricos apontados acima, temos como objetivo principal, neste trabalho, descrever os padrões microconstrucionais com *assim* na língua portuguesa, haja vista a produtividade desses padrões. Nesse sentido, a partir do objetivo geral, temos por objetivos específicos (i) mapear as microconstruções com *assim* nos *corpora* analisados e (ii) descrever as características formais e funcionais desses padrões microconstrucionais. Vale ainda ressaltar que, embora haja diversos trabalhos que se dedicam a *assim*, nenhum deles, contudo, até o momento, se propôs a realizar uma análise que se pautar na perspectiva construcional e, especificamente, na abordagem construcional da mudança, nos termos propostos por Traugott e Trousdale (2013).

Considerando os nossos objetivos de pesquisa, temos por hipótese inicial que: (i) as diversas construções com *assim* se instanciam na língua a partir de diferentes ambientes discursivos; (ii) há uma expansão semântico-pragmática de usos de *assim*, e ela está relacionada a um aumento de intersubjetividade, seguindo um contínuo de usos mais concretos – e menos intersubjetivos – para usos mais abstratos – e mais intersubjetivos –, nos termos de Traugott e Dasher (2005); e (iii) diferentes padrões microconstrucionais com *assim* apresentam produtividade nas diferentes modalidades de uso da língua – oral e escrita.

Para a realização deste trabalho, utilizamos dois *corpora*, sendo um *corpus* representativo da modalidade escrita e outro da modalidade oral. O *corpus* representativo da modalidade escrita foi compilado por Martins (2021) a partir de dados retirados da rede social X, antigo *Twitter*. Para tal constituição, a autora usou dez perfis dessa rede social, com amostras pertencentes aos anos de 2017, 2018, 2019 e 2020, contando com um total de 1.677.627 palavras. Já o *corpus* representativo da modalidade oral foi constituído por nós a partir de vídeos postados na plataforma *YouTube*, pertencentes ao gênero entrevista, com um total de dez vídeos, datados entres os anos de 2023 e 2024, os quais contabilizam, em sua totalidade, duas horas e três minutos, sendo o *corpus* constituído por um total de 21.383 palavras. Nesse sentido, a fim de cumprir os objetivos acima propostos, pautamo-nos no método misto, nos termos de Cunha Lacerda (2016), que equaciona as metodologias quantitativa e qualitativa. Esse método se baseia no levantamento da frequência de uso e na descrição de ocorrências dos padrões construcionais analisados.

De modo a ilustrar nossa proposta – e a produtividade – do objeto de pesquisa, apresentamos, em sequência, algumas ocorrências extraídas dos *corpora* analisados. Vejamos:

(1) A Anita chegou pra mim e falou **assim**: “olha, eu queria te pedir desculpas, eu errei com você”.¹ (*Corpus* oral, entrevistas *Youtube* – anos 2023 e 2024)

¹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kP2m0CLfnDs&t=540s&ab_channel=CanalGNT. Acesso em 31 de jul. de 2024.

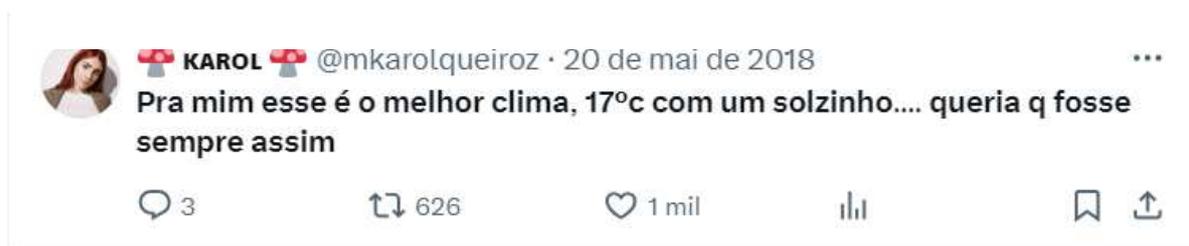
(2) A religião é uma presença **assim** importante na sua vida?²(*Corpus oral, entrevistas Youtube – anos 2023 e 2024*)

Figura 1 – Exemplo 1 de construção com *assim*



Fonte: Twitter (2019).

Figura 2 – Exemplo 2 de construção com *assim*



Fonte: Twitter (2018).

Nas ocorrências acima, apresentamos exemplos de quatro diferentes padrões microconstrucionais. No primeiro exemplo, *assim* atua como catafórico, promovendo uma referência, de forma antecipada, a elementos subsequentes na sequência discursiva. Já na segunda ocorrência, *assim* atua como focalizador, realizando um destaque da informação subsequente, em que o locutor realiza uma caracterização do primeiro fragmento discursivo. Por sua vez, na terceira ocorrência, a construção com *assim* é formada pelo *chunk como assim*, em que a locutora demonstra surpresa e incompreensão, realizando um pedido de esclarecimento em relação à continuidade de uma série televisiva. Por fim, no último exemplo, *assim* atua como anafórico, promovendo uma retomada de elementos anteriormente mencionados pela locutora –

² Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4XKtMi4DikY&t=304s&ab_channel=CanalGNT. Acesso em 31 de jul. de 2024.

a temperatura e a descrição do clima. Destacamos que esses são apenas alguns dos padrões identificados neste trabalho, os quais serão discutidos, de maneira individual e pormenorizada, no Capítulo IV.

Assim sendo, a fim de cumprir os objetivos propostos, este trabalho está organizado da seguinte maneira: (i) no Capítulo I, apresentamos a fundamentação teórica em que se baseia esta pesquisa; (ii) no Capítulo II, realizamos um breve percurso histórico gramatical de *assim*, do latim até o português contemporâneo, e também revisamos trabalhos mais significativos sobre *assim* em diferentes abordagens; (iii) no Capítulo III, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados para a análise de dados nesta pesquisa; (iv) no capítulo IV, propomos uma análise das microconstruções mapeadas e a caracterização da forma e da função para cada padrão construcional identificado; por fim, sistematizamos as principais conclusões a que chegou a pesquisa realizada.

2 CAPÍTULO I

LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente capítulo tem como objetivo apresentar a fundamentação teórica em que se baseia este trabalho acerca de construções com *assim*. Para tal, assumimos a abordagem da LFCU (Bybee, 2010; Furtado da Cunha *et al.*, 2013, 2016; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016). Nesse sentido, discutiremos, neste capítulo, aspectos fundamentais relacionados aos pressupostos assumidos pela Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU – e, de modo mais específico, à abordagem construcional da mudança, nos termos de Traugott e Trousdale (2013). A fim de cumprir objetivos propostos para este capítulo, na primeira seção, apresentamos os pressupostos basilares da Linguística Funcional Centrada no Uso; em 1.2, tratamos especificamente das três propriedades da mudança – esquematicidade, produtividade e composicionalidade –; já em 1.3, abordamos os conceitos de construcionalização e mudança construcional; em 1.4, discutimos a noção de subjetividade e de intersubjetividade; por fim, na seção 1.5, apresentamos nossas considerações a partir das discussões empreendidas neste capítulo.

2.1 LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO: UMA VISÃO GERAL

Neste capítulo, tratamos da fundamentação teórica na qual se baseia a presente pesquisa acerca de construções com *assim*. Portanto, discutimos aspectos relacionados a abordagens construcionais da mudança e ao Funcionalismo, intersecção em que se encontra a Linguística Funcional Centrada no Uso – denominada também como LFCU –, que tem postulado seus estudos pautando-se em uma coadunação entre os princípios do Funcionalismo norte-americano e os princípios da Linguística Cognitiva, principalmente da Gramática de Construções (Bybee, 2010; Furtado da Cunha *et al.*, 2013, 2016; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016).

A partir da intersecção entre as duas correntes, a LFCU adota o princípio de língua como um instrumento de comunicação. Assim, assume uma concepção de língua pautada no uso, mas que está também ancorada em princípios cognitivos. Nesse contexto, adotamos, neste trabalho, a proposta de construcionalização, tal como assumida por Traugott e Trousdale (2013). Assim sendo, realizamos, na primeira seção, uma breve discussão acerca dos diferentes modelos de Gramática de Construções, apontando suas principais contribuições e, acima de tudo, destacando o papel do modelo construcional proposto por Traugott e Trousdale (2013), proposição teórica na qual se fundamentará a análise realizada no presente trabalho.

A fim de cumprir o objetivo deste capítulo, de maneira mais pormenorizada, na segunda seção, tratamos das propriedades da mudança. Nesse sentido, em 1.2.1, apresentamos o conceito de esquematicidade; em 1.2.2, discutimos o conceito de produtividade; e, em 1.2.3, trataremos do conceito de composicionalidade. Já na terceira seção, apresentamos os conceitos de construcionalização, em 1.3.1.1, e de mudança construcional, em 1.3.1.2. Já na subseção 1.3.2, tratamos dos mecanismos de mudança envolvidos na construcionalização – na subseção 1.3.2.1, abordamos a neolanálise e, na seção 1.3.2.2, a analogização. Por sua vez, na quarta seção, discutimos os conceitos de subjetividade e de intersubjetividade, destacando como eles atuam nos processos de mudança linguística. Por fim, na última seção, apresentamos algumas conclusões a partir das discussões realizadas neste presente capítulo.

2.1.1 Modelos da Gramática de Construções e a Abordagem Construcional da Mudança

Nesta seção, discutimos os modelos de Gramática de Construções e a abordagem construcional da mudança linguística, destacando a perspectiva da construcionalização (Traugott; Trousdale, 2013), ótica sob a qual o presente trabalho será realizado.

A concepção de construção como unidade básica da língua é uma abordagem teórica defendida por diversos modelos de Gramáticas de Construções. O termo Gramática de Construções (GC) compreende, em todos seus modelos, processos cognitivos e funcionais. Nesse sentido, assumem como principais tarefas de

investigação: i) o compromisso de explicar a estrutura linguística a partir de processos cognitivos gerais: assim como outros processos de domínio geral – tais como a capacidade de audição ou habilidades musicais –, também os padrões linguísticos seriam parte da capacidade de domínio geral de categorizar, estabelecer relações e operar tanto em nível local como global (Bybee, 2010); e ii) a consideração de modelos que são, nesse sentido, identificados epistemologicamente com a Linguística Cognitiva e também com a Linguística Funcional.

De acordo com Hoffmann e Trousdale (2013), existem sete modelos de Gramática de Construções, a saber: Gramática de Construções de Berkeley, Gramática de Construções Baseada em Signos, Gramática de Construções Fluida, Gramática de Construções Corporificada, Gramática Cognitiva, Gramática de Construções Radical e Gramática de Construções Cognitiva (Pinheiro; Silva e Junior, 2022), estando todos estes modelos pautados na concepção de que a construção é a unidade básica da língua.

As gramáticas construcionais partilham de princípios gerais da Linguística Cognitiva, baseando-se em restrições, e não em regras. Apesar de terem em comum estes princípios básicos na abordagem, os sete modelos apresentam diferenças significativas entre eles. Contudo, Goldberg (2013) argumenta que alguns postulados são compartilhados por todos eles, a saber: i) a unidade básica da gramática é a construção, a partir do pareamento convencional de forma e significado³; ii) a estrutura semântica é mapeada diretamente na estrutura sintática superficial, sem derivações; iii) a língua, como outros sistemas cognitivos, é uma rede de nós e elos entre os nós; iv) a variação linguística – e também a dialetal – pode ser explicada de vários modos, incluindo o processo cognitivo de domínio geral e construções específicas da língua. A maioria dessas abordagens compartilha também o princípio de que a estrutura da língua é moldada pelo seu uso. Ademais, todas as abordagens construcionais postulam a gramática como sendo uma estrutura holística, visto que defendem que nenhum nível da gramática é autônomo ou nuclear, uma vez que semântica, morfossintaxe, fonologia e pragmática atuam conjuntamente em uma construção (Traugott; Trousdale, 2013).

³ O segundo polo, do significado, foi discutido por Goldberg em 2016, que passou a nomeá-lo como função. Destacamos que essa redefinição será ensejada mais adiante.

Compreende-se, portanto, que o termo Gramática de Construções abarca diferentes modelos construcionais. Nesse sentido, Hoffmann e Trousdale (2013) propõem uma categorização para esses sete modelos, os quais serão brevemente discutidos a seguir.

A Gramática das Construções de Berkeley foi cunhada por Fillmore (1988). No modelo desenvolvido por ele e seus colaboradores, os autores defendem a hipótese de que alguns dos aspectos da construção podem ser universais. Inicialmente, dedicaram-se à investigação de expressões idiossincráticas e de expressões idiomáticas, como *let alone*/muito menos (Fillmore; Kay; O'Connor, 1988) e ao estudo do esquema *what's X doing Y*, por exemplo, *What's this fly doing in my soup?* O que esta mosca está fazendo na minha sopa? (Kay; Fillmore, 1999). Ademais, empenharam-se em observar a frequência a partir da qual esse tipo de expressão ocupa, de modo natural, na escrita e na fala e a centralidade ocupada por elas no conhecimento linguístico dos falantes (Fillmore, 2013). Essa abordagem é também muito centrada em questões formais, dedicando-se a questões como estruturas de núcleo, ponto de referência, direção e magnitude e outras construções mais gerais (Fillmore; Kay, 1997).

A Gramática de Construções Baseada no Signo (SBGC) se desenvolveu a partir da Gramática das Construções de Berkeley, nos moldes propostos por Boas e Sag (2012). Nessa abordagem, os autores defendem como premissa básica que a língua é um sistema baseado no signo, diferentemente da perspectiva saussureana, em que o signo é a combinação de forma e significado. Para a SBGC, o signo engloba dois polos: i) estrutura fonológica e morfológica; e ii) categorias sintáticas, semânticas e fatores contextuais, como estrutura informacional.

Por sua vez, a Gramática de Construções Cognitiva (CCG) começou a desenvolver-se antes da Gramática de Construções de Berkeley, com os trabalhos de Lakoff (1987) e Goldberg (1995, 2006), recebendo esse nome a partir de Croft e Cruse (2004). Goldberg (1995) definiu a construção como sendo o pareamento de forma e significado, em que algum aspecto da forma, ou algum aspecto do significado, não é derivável da combinação das partes componentes ou de outras construções preexistentes. O modelo em questão se caracteriza fundamentalmente por defender que a língua é aprendida em blocos e que as construções variam em constituição, tamanho, forma e complexidade – desde afixos a sentenças. De acordo com esse

modelo, as construções variam também de acordo com o grau de esquematicidade, indo do altamente esquemático para o parcialmente esquemático e compreendendo até construções totalmente específicas em tamanho, forma e complexidade. Nesse sentido, a premissa básica da CCG é que a língua é baseada em experiência humana corporificada e em processos cognitivos independentes da linguagem, como associação, automatização, esquematização e categorização. Além disso, uma vez que a CCG assume que a gramática é inerentemente significativa, construções como pares forma-significado têm um lugar central na estrutura. A contribuição fundamental da Gramática de Construções Cognitiva para o arcabouço teórico da LFCU é a definição da bidirecionalidade entre forma e significado (Goldberg, 1995, 2006), a partir do argumento de que as duas instâncias possuem o mesmo estatuto e o mesmo grau de importância.

Já a Gramática de Construções Radical (RGC) foi proposta por Croft (2001). Essa abordagem se dedica principalmente à relação entre descrição gramatical e tipologia linguística. O autor defende, nesse sentido, que as construções e as categorias são definidas especificamente na língua. A grande contribuição dessa abordagem para a LFCU pauta-se na noção de rede construcional, uma vez que o modelo proposto por Croft foca no conceito de conhecimento construcional como sendo de natureza taxonômica, dando ênfase a como o uso da língua molda e determina aspectos da estrutura linguística e a relação entre as construções, isto é, nenhuma delas – ou qualquer conhecimento – ocorre de forma isolada. Além disso, a contribuição da relação entre os polos de forma – sintaxe, morfologia e fonética – e significado – semântica, pragmática e discurso – em uma construção, a serem discutidos posteriormente, são cunhados pelo autor.

O quinto modelo de Gramática de Construções é a Gramática Cognitiva, nomeada por Croft e Cruse (2004). Nessa abordagem, Langacker (2009) rejeita a noção de um componente sintático da gramática e conceitualiza o signo como uma ligação entre a estrutura semântica e a estrutura fonológica. Nesse sentido, nesse modelo, não há o componente de sintaxe, o que difere substancialmente essa abordagem construcional das outras discutidas até o momento. O modelo se fundamenta principalmente no que o autor define como sendo a habilidade do usuário da língua para conceitualizar a mesma situação de modos alternativos, isto é, a proposta envolve, então, a ideia de perspectiva e direção do escaneamento mental.

Nesse sentido, alguns dos pontos defendidos pelo autor também são relevantes para o aporte teórico da LFCU, tais como: i) a frequência demonstra os usos convencionalizados e sancionados na língua; ii) as categorizações por protótipos diferem das categorizações por esquemas; e iii) os esquemas e suas instanciações representam conteúdos compartilhados a partir de diferentes níveis de especificidade.

Por fim, discutimos outros dois modelos de Gramática de Construções, sendo eles a Gramática de Construção Fluida (FCG) e a Gramática de Construção Corporificada (ECG). Além de sua natureza formal, essas duas abordagens também compartilham o fato de serem especificamente voltadas para implementação computacional.

A Gramática de Construção Fluida, Luc Steels (2011) chama a atenção para o fato de que o FCG é um formalismo gramatical de construção computacional de código aberto que permite aos linguistas computacionais escreverem formalmente o inventário de construções lexicais, possibilitando formularem suas descobertas de maneira precisa e testarem as implicações de suas teorias para análise, produção e aprendizado de língua. Considerando que as construções podem estender-se a todos os níveis de análise linguística, essa abordagem possibilita, do ponto de vista da linguagem de modelagem, um sistema aberto e adaptativo de análise e de aplicação (Hoffman; Trousdale, 2011).

Por sua vez, no modelo da Gramática de Construção Incorporada (ECG), Bergen e Chang (2005) apontam que a questão cerne é como a linguagem é usada em contextos reais de situações físicas e sociais, em que simulação mental desempenha um papel crucial no processamento linguagem. Assim, o modelo trata, primordialmente, de uma tentativa de modelar computacionalmente os mecanismos cognitivos e neurais subjacentes ao comportamento linguístico humano em que os autores examinam a função da simulação mental no processamento e descrevem como a linguagem pode ser vista como uma interface para a simulação.

No que se refere tanto à incorporação de processos associados à cognição geral bem como à contemplação de efeitos do uso sobre a representação subjacente, Pinheiro e Alonso (2018) formulam o seguinte quadro acerca dos sete modelos de Gramática de Construções categorizados por Hoffmann e Trousdale (2013):

Quadro 1 – Os modelos de Gramáticas de Construção – panorama (Pinheiro; Alonso, 2018)

	Incorpora processos associados à cognição geral?	Contempla os efeitos do uso sobre a representação subjacente?
Berkeley Construction Grammar (Fillmore, 1988; Fillmore; Kay; O'connor, 1988)	Não	Não
Sign-Based Construction Grammar (Boas; Sag, 2012)	Não	Não
Cognitive Construction Grammar (Goldberg, 2006)	Sim	Sim
Cognitive Grammar (Langacker, 1987; 1991)	Sim	Sim
Radical Construction Grammar (Croft, 2001)	Sim	Sim
Fluid Construction Grammar (Steels, 2011)	Sim	Sim
Embodied Construction Grammar (Bergen; Chang, 2005)	Sim	Sim

Fonte: Pinheiro e Alonso (2018, p. 21-22).

Com base nas informações apresentadas acima, é possível afirmar que a GC está bifurcada em duas grandes áreas: a área cujos modelos são baseados na competência (*competence-based*) e a área que assume a proeminência do uso, baseando-se em uma abordagem social-cognitiva. Hoffmann (2017) realiza, nesse sentido, uma distinção entre estas duas vertentes por meio do critério do uso, pois,

segundo o autor, o armazenamento construcional, por meio do *input*, poderia ser redundante. Assim, os modelos baseados na competência – *Berkeley Construction Grammar* e a *Sign-Based Construction Grammar* – defendem uma representação gramatical livre de redundâncias, ou seja, separam o modelo dos efeitos do uso ou desempenho. Por outro lado, as demais abordagens de GC defendem que a representação subjacente é afetada pela experiência concreta do falante, sendo a língua, então, resultado da experiência linguística dos usuários.

Nesse sentido, no panorama atual da GC, cinco modelos – *Cognitive Construction Grammar*, *Cognitive Grammar*, *Radical Construction Grammar*, *Fluid Construction Grammar* e *Embodied Construction Grammar* – contemplam o uso como sendo primordial em suas análises. Destes, a LFCU, em sua abordagem, faz uso principalmente das proposições assumidas pelos modelos representados pela Gramática de Construções Cognitiva (*Cognitive Construction Grammar*), de Goldberg (1995, 2006, 2016), pela Gramática Cognitiva (*Cognitive Grammar*), de Langacker (1987, 1991), e pela Gramática de Construções Radical (*Radical Construction Grammar*), de Croft (2001). Os modelos em questão preconizam o enfoque baseado no uso da língua e defendem a concepção da capacidade linguística não como algo inato, mas como parte – sendo um deles – dos processos cognitivos de domínio geral.

Sob esse panorama, Traugott e Trousdale publicam, em 2013, a obra *Constructionalization and Constructional Changes*, em 2013, em que os autores propõem uma abordagem construcional pautada nos pressupostos da Gramática de Construções de Goldberg (1995) e Croft (2001). Para Pinheiro e Alonso (2018), a proposta de Traugott e Trousdale (2013), se estabeleceria como mais um modelo de GC, sendo, então, o oitavo, já que, nesta obra, os autores defendem o enfoque construcional para tratar da mudança linguística, postulando que fornece significantes e, naquele aquele momento, novas contribuições aos trabalhos desenvolvidos no domínio da LFCU.

Traugott e Trousdale (2013) argumentam que o conhecimento linguístico do falante estaria organizado em redes taxonômicas organizadas hierarquicamente, as quais são constituídas por construções. No modelo em questão, a representação simbólica da construção ocorre da seguinte maneira: $[[F] \leftrightarrow [S]]$, em que a forma ([F])

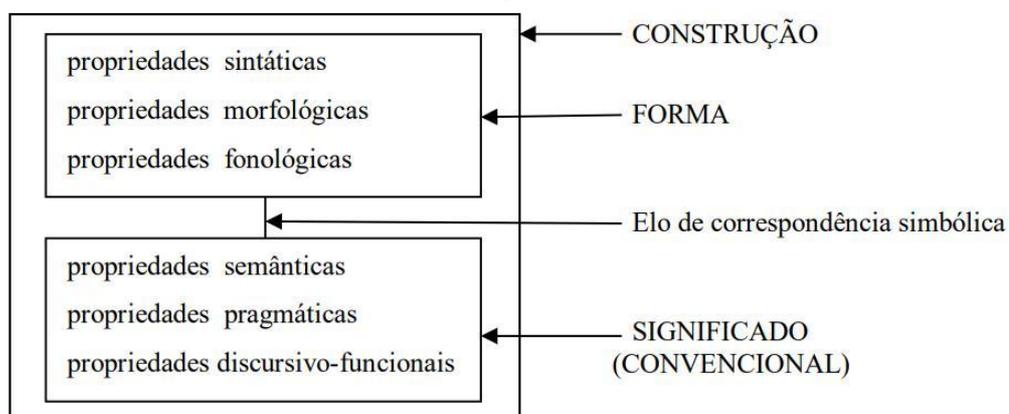
diz respeito à fonologia, à morfologia e à sintaxe, enquanto a função⁴ ([S]) está relacionada à semântica, à pragmática e ao discurso.

Os autores defendem o postulado de que, de uma perspectiva sincrônica, a língua é constituída a partir de pareamentos forma-significado – que constituem as chamadas construções –, que formam, então, novos tipos de relações – os chamados nós – que posteriormente serão organizados em rede (Goldberg, 2006; Langacker, 2008). A partir de Langacker (1987) e Croft (2005), assume-se que as construções são unidades simbólicas convencionais. Segundo Furtado da Cunha e Cunha Lacerda (2017, p.4), as construções são:

[...] convencionais porque são compartilhadas por um grupo de falantes; simbólicas porque são signos, associações relativamente arbitrárias de forma e significado; unidades porque algum aspecto do signo é tão idiossincrático (Goldberg, 1995) ou tão frequente (Goldberg, 2006) que ele é estabelecido como um pareamento forma-significado na mente do usuário da língua.

Assim, a construção é tomada como unidade básica da língua, e o conhecimento linguístico do falante forma uma rede de construções que estão relacionadas entre si, ainda que estas relações se deem em diferentes graus – algumas mais próximas e outras mais distantes. Nesse sentido, a noção de construção, discutida por Croft (2001) e adotada nesse modelo, considera o pareamento de forma e significado, desde morfemas a esquemas mais complexos.

Figura 3 – Representação de construção por Croft (2001)



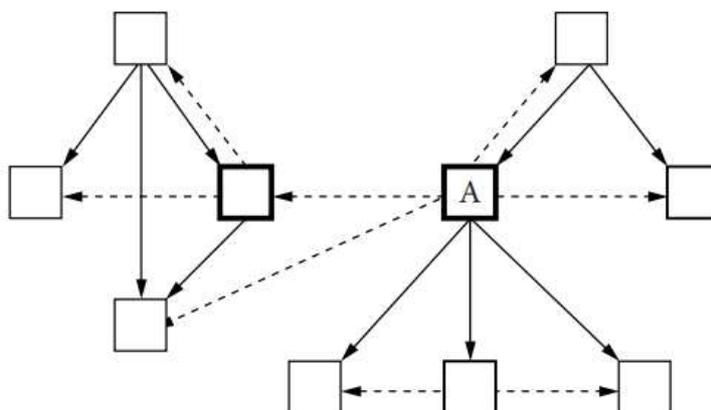
⁴ Usamos o termo “função” com base na discussão de Goldberg (2016) em sua redefinição para o termo “sentido”/” significado”, de Croft (2001).

Fonte: Croft (2001, p. 18).

A construção envolve, então, segundo o autor, o pareamento de forma – fonética, morfologia e sintaxe – e significado – semântica, pragmática e discurso –, havendo, portanto, uma relação simbólica e indissociável entre esses dois elementos. Goldberg (2016), nesse sentido, rediscute esse segundo eixo – o do significado –, passando a intitulá-lo como sendo função em vez do termo significado, por aquele se mostrar mais adequado por abranger tanto o pólo do significado (semântica) quanto o polo do uso (pragmática), e não mais apenas significado⁵.

A língua é assumida, dessa forma, como uma rede hierarquicamente organizada, em que as construções formam uma extensa rede de nós ligados por elos associados por meio de hierarquia de herança (Langacker, 1987). Ao assumir esse postulado, essa rede se formaria, já que cada construção – unidade mínima da língua – está relacionada a outras construções por meio de nós, mantendo com alguns relação mais próxima e com outros mais distantes. Assim, a língua é considerada uma rede altamente esquemática e abstrata, que vai desde morfemas a unidades mais complexas, como sentenças. Langacker (2008) propõe o seguinte esquema para ilustrar como as relações entre as construções se estabelecem em rede:

Figura 4 – Representação de Langacker de rede construcional (2008)



Fonte: Langacker (2008, p.226).

⁵ Goldberg (2016), no *Workshop A constructionist approach to language*, propôs o termo “função” no lugar de “significado” para nomear o pólo semântico, pragmático e discursivo da construção.

A proposta de Langacker (2008) para rede construcional demonstra bem como o conhecimento linguístico do usuário da língua – em uma abordagem construcional – está estruturado em rede. Desse modo, cada construção – pareamento entre uma forma e uma função – representaria um nó que assume um papel local nesta rede. E, como nenhum conhecimento se dá de forma isolada, esse nó estabelece relações com outros nós, formando elos e começando, então, a formar uma rede. Como ilustrado acima, à medida que esses nós ganham novos elos, a rede começa a ficar mais esquemática e estruturada. Nesse sentido, algumas construções manterão entre si relações mais próximas, visto que estão mais entrincheiradas; já com outras construções essas relações serão mais distantes. A rede seria, então, constituída por construções em que cada uma delas forma um nó diferente, perfazendo uma estrutura de unidades simbólicas e complexas.

Ademais, Traugott e Trousdale (2013) defendem que a abordagem baseada no uso por eles adotada assume a língua como sendo estruturada e variável. Nesse sentido, corroboram o postulado de Bybee (2016, p.17) de que a língua é “um fenômeno que exhibe estrutura aparente e regularidade de padrões, enquanto, ao mesmo tempo, mostra variação considerável em todos os níveis”

Os autores argumentam ainda que a construção, por ser a unidade básica da gramática e do léxico, pode ser discutida em termos de dimensões gradientes, apresentando as propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, as quais serão discutidas na próxima seção.

2.1.2 Propriedades da mudança: esquematicidade, produtividade e composicionalidade

No modelo proposto por Traugott e Trousdale (2013), as construções se organizam em redes taxonômicas e hierárquicas, as quais apresentam diferentes níveis de complexidade – quanto mais complexa for a rede, mais abstrata ela será. Para esta abordagem, que visa a contemplar a mudança linguística por meio de uma análise em um viés da GC, os autores defendem que três propriedades são cruciais, sendo elas: i) esquematicidade; ii) produtividade; e iii) composicionalidade, a serem discutidas a seguir.

2.1.2.1 Esquematicidade

A esquematicidade diz respeito ao nível de abstratização de uma dada construção na rede, sendo uma generalização taxonômica de categorias, sejam elas linguísticas ou não. Kemmer (2003, p.78) define esquema como “padrões de experiência essencialmente rotinizados, ou cognitivamente fixados”, o que leva, então, à discussão de esquemas linguísticos como sendo altamente abstratos e disponíveis no inventário linguístico do usuário da língua.

Para Traugott e Trousdale (2013), a esquematicidade compreende três níveis, a saber: esquema, subesquema e microconstrução, que partem do mais abstrato para o menos abstrato. A propriedade da esquematicidade está, então, estritamente relacionada ao conceito de categorização, que envolve diretamente a abstração. Nesse sentido, um esquema irá agrupar construções que sejam similares, já que “um esquema é uma generalização taxonômica de categorias, sejam linguísticas ou não” (Traugott; Trousdale, 2013, p. 13, tradução nossa⁶). Logo, para os autores, esquemas linguísticos são grupos abstratos – e semanticamente mais gerais – de construções. Os autores defendem ainda que essas abstrações que perpassam esquemas são percebidas pelos usuários da língua como tecendo relações entre elas, mesmo que inconscientemente. Isto é, os falantes são capazes de perceber como os esquemas estão relacionados entre si na rede construcional. A título de exemplo, os autores citam o conceito de mobília, que é mais abstrato e genérico, além de ser uma categoria que inclui vários itens, ou seja, muitos itens podem formar parte desse esquema, tais como sofá, estante ou armário, que são mais restritos e menos abstratos.

Assim, um esquema sempre terá padrões mais esquemáticos – e mais abstratos – e seus subesquemas, por sua vez, apresentarão padrões menos esquemáticos – menos abstratos –, encontrando-se em uma posição mais baixa hierarquicamente na rede. Nesse sentido, a esquematicidade de uma construção linguística se instancia à medida que ela captura padrões mais gerais em uma série de construções mais específicas (Tuggy 2007, Barðdal 2008 *apud* Traugott, Trousdale, 2013). Indo ao encontro dessas colocações, Goldberg (2006) postula a hipótese de que os usuários da língua não possuem apenas conhecimentos

⁶ Cf.: “A schema is a taxonomic generalization of categories, whether linguistic or not.” (Traugott; Trousdale, 2013, p. 13).

específicos de itens em situações particulares de uso, mas também conhecimento esquemático sobre elas. Isto é, nesse sentido, já que os falantes têm – em algum grau – o conhecimento de rede internalizado, entende-se um esquema como contendo diversos *slots* preenchíveis de acordo com o padrão de estrutura estabelecido para ele, ou seja, os graus e as possibilidades de preenchimento em diferentes níveis – mais gerais ou mais específicos – irão depender do grau de extensibilidade do esquema em questão.

Podemos pensar, paralelamente, na ideia de protótipo discutida por Geeraerts (1997), que define a categoria como sendo um conjunto de propriedades essenciais em que, em uma rede para aves, por exemplo, um pardal pode ser considerado um exemplo prototípico para este grupo, mas galinha, por outro lado, também pertence a este grupo, ainda que de forma menos prototípica. Neves (2013) considera o membro prototípico aquele que “ostenta o maior número de propriedades que bem caracterizam uma categoria, o protótipo determina a classificação dos demais membros dessa categoria” (Neves, 2013, p.22). Seguindo este mesmo padrão lógico, em um esquema, todos os membros compartilham características em comum, sendo alguns membros mais representativos e outros menos, o que também influenciará a forma a partir da qual um membro da rede se relaciona com outros membros – mais ou menos distantes. Nesse sentido, o conceito de esquematicidade relaciona-se à noção de esquema proposta por Langacker (2008), segundo a qual o conhecimento linguístico do falante estaria hierarquicamente organizado em rede.

Paralelamente à ideia de protótipo discutida, as relações entre membros de um esquema se caracterizam e se organizam de maneira similar: a partir de outros níveis mais baixos que compartilham algumas características, ocorre o estabelecimento de um esquema. Assim, um esquema será instanciado por um ou mais subesquemas, que, por sua vez, são instanciados por um conjunto de microconstruções, que compreendem as construções individuais da língua. Nesse sentido, as microconstruções compreendem a convencionalização dos construtos, que dizem respeito às ocorrências empiricamente atestadas.

Traugott e Trousdale (2013, p.13, tradução nossa⁷) reiteram que “os construtos são muito ricos, imbuídos de uma grande quantidade de significado pragmático, dos

⁷ Cf.: “Constructs are very rich, imbued with a great deal of pragmatic meaning, much of which may be unrecoverable outside of the particular speech event.” (Traugott; Trousdale, 2013, p. 13).

quais muitos podem ser irrecuperáveis fora do evento de fala específico”. Assim, mesmo dentro de um subesquema, novas relações – ou microconstruções – podem ser constituídas ou cair em desuso, já que se trata de uma abordagem pautada no uso real da língua.

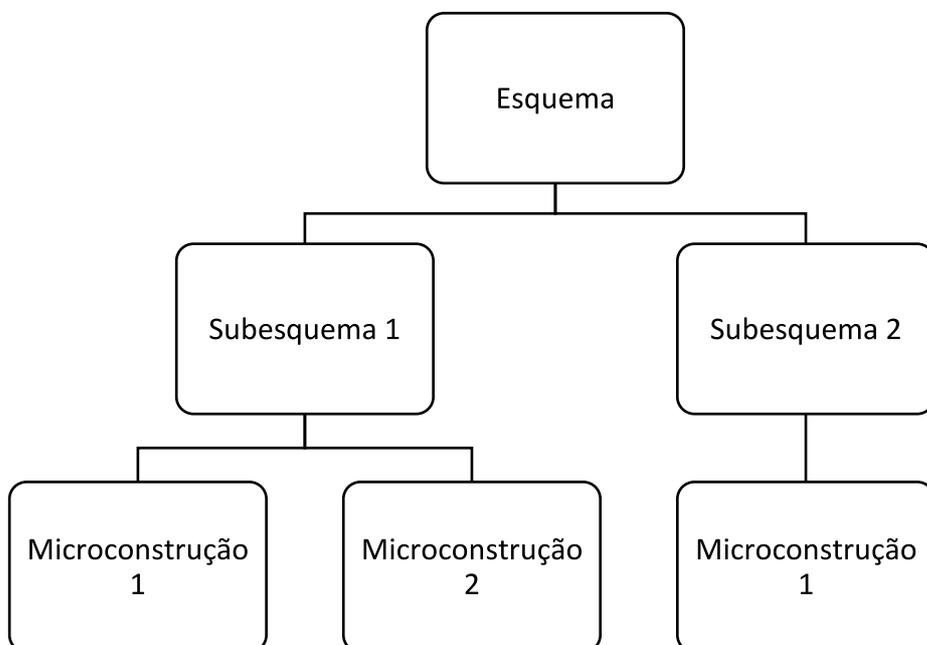
Sob essa perspectiva, a propriedade da esquematicidade é gradiente em dois pólos. O primeiro trata-se da convencionalização de dada construção na língua, visto que, muitas vezes, uma construção pode ser apenas parcialmente convencionalizada, o que motivará também os processos de mudança linguística, já que, com o tempo, essas construções parcialmente sancionadas podem tornar-se instâncias sancionadas por completo a partir de uma construção mais geral e, conseqüentemente, mais esquemática, por resultado da experiência do falante com a língua. Já o segundo pólo diz respeito aos níveis de hierarquia que podem ser estabelecidos, isto é, os níveis de esquematicidade possíveis dentro de um esquema: subesquema e microconstrução, que também podem vir a sofrer mudanças com o tempo e a terem as relações entre si modificadas. Para Traugott e Trousdale (2013), essa organização do esquema em níveis confirma o fato de que os usuários de uma língua tendem a ser tão sensíveis a padrões mais gerais como a informações específicas, o que, por não se tratar de padrões estáticos ou absolutos, faz com que essas relações possam ocasionar mudanças linguísticas ao longo do tempo. Ainda sobre esse conceito, os autores sinalizam que uma mudança construcional:

[...] começa quando novas associações entre construtos e construções emergem ao longo do tempo, ou seja, quando a replicação de *tokens* leva a categorizações provisórias que não estavam disponíveis para usuários da língua antes e podem, portanto, ser chamadas de 'novas'. [...] (Traugott; Trousdale, 2013 p. 17, tradução nossa⁸).

Assim, reproduzimos abaixo, na figura 05, um modelo de representação de rede construcional, baseando-nos em Traugott e Trousdale (2013), em que o esquema está em um nível mais abstrato e mais geral, o subesquema apresenta agrupamento de microconstruções, e as microconstruções compreendem uma representação esquemática a partir dos construtos, que representam os dados linguísticos.

⁸ Cf.: “Constructional change begins when new associations between constructs and constructions emerge over time, i.e. when replication of tokens leads to provisional categorizations that were not available to language-users before and can therefore be called ‘new’. (Traugott; Trousdale, 2013, p. 17).

Figura 5 – Modelo de rede construcional adaptado do modelo de Traugott e Trousdale (2013)



Fonte: Elaborado pela autora (2024) e adaptado do modelo de Traugott e Trousdale (2013).

Nesse sentido, em uma rede, o esquema corresponde ao nível mais hierárquico, abstrato e esquemático, abarcando as construções mais genéricas com possibilidades diversas de preenchimento – *slot*. Por sua vez, o subesquema corresponde a um conjunto de microconstruções que apresentam similaridades. Já as microconstruções correspondem aos pareamentos forma-função que já se encontram convencionalizados e produtivos na língua, isto é, são as construções propriamente ditas, empiricamente atestadas a partir dos construtos, com os *slots* integralmente preenchidos.

2.1.2.2 Produtividade

A propriedade de produtividade está diretamente relacionada ao grau de extensibilidade – e de frequência – de uma dada construção. Traugott e Trousdale (2013) argumentam que se trata de uma propriedade gradiente, já que pertence a esquemas (parciais) e diz respeito à sua extensibilidade – dado o grau em que eles

sancionam outras construções menos esquemáticas – e ao grau em que eles são restringidos. A produtividade está diretamente associada à frequência, que, por sua vez, está relacionada a processos de rotinização e de automatização de padrões linguísticos. De acordo com Bybee (2003, 2006, 2011), a produtividade compreende dois tipos de frequência: *type* e *token*. A primeira sinaliza o padrão de uso de determinado construto pelos falantes – demarcando o número de diferentes tipos que um padrão particular tem –, enquanto a última diz respeito à frequência de determinada construção, tratando-se, portanto, do número de vezes em que a mesma construção ocorre. Assim, a frequência de *type* está diretamente ligada à noção de esquematicidade. Nesse sentido, a combinação de uso dos dois tipos de frequência – *token* e *type* – é bastante vantajosa para a constatação de expansão e de restrição de um determinado padrão.

Traugott e Trousdale (2013) defendem que extensibilidade e frequência estão diretamente relacionadas, uma vez que, quando se formam novas construções, elas, conseqüentemente, de modo gradual, vão se espalhando, o que gera um aumento de sua extensibilidade e, ao longo do tempo, gradualmente, de sua frequência de uso. Nesse movimento de alinhamento de construções, o padrão vai demonstrando sua extensibilidade, a partir de seus membros mais ou menos prototípicos, e revelando sua capacidade de abarcar novos membros. Traugott e Trousdale (2013) sinalizam ainda que não há um prazo previsível ou estipulado para definir a interação de produtividade – ou não produtividade –, já que a produtividade de uma nova construção pode ser de curta duração – não ocasionando mudança linguística –, enquanto padrões não produtivos podem persistir por longos períodos de tempo. Nesse sentido, padrões mais produtivos podem se reconfigurar – e se expandir – visto que estão em contínua requisição pelos falantes, ao passo que outros padrões podem se manter mais estáveis e resistentes a reorganizações dentro do modelo de rede. Os autores argumentam ainda que o aumento da frequência de uso revela o aumento da frequência de uma dada construção: os falantes usam cada vez mais a nova construção emergente, o que levará à rotinização e à automatização.

Desse modo, as propriedades da esquematicidade e da produtividade atuam conjuntamente ao demonstrarem a capacidade de expansão produzida por uma construção. A constatação da extensibilidade de um esquema é possível conforme suas formas se expandem, na medida em que os seus *types* se mantêm no esquema

e outros – novos – *types* são incorporados, o que evidencia a extensão do esquema. Assim, outro fator importante acerca desta propriedade é o fenômeno de *host-class expansion*, discutido por Himmelmann (2004). Esse fenômeno indicaria também o aumento da produtividade, mas tratando ademais do alcance que novas construções podem obter – inclusive com maior grau de extensibilidade do que as construções das quais se originaram. Mantendo a ideia de uma rede como altamente esquemática e expansiva – considerando que sua expansão é dada por meio do uso da língua e que essa é volátil e está em constante mutação e em novos usos –, essas novas construções podem ser usadas em contextos novos e diferentes do original.

Dada a argumentação, o fator frequência é essencial para a propriedade em discussão, visto que pode ser usado como uma ferramenta no tratamento de dados para atestar a produtividade de fenômenos linguísticos – seja em escala de construções ou de esquemas e subesquemas. Bybee (2010, p.14, tradução nossa) argumenta que “a posição primordial do embasamento no uso é a hipótese de que as instâncias de uso impactam a representação cognitiva da linguagem”⁹. Por sua vez, Furtado da Cunha (2014) discorre sobre a relevância de usar a frequência como parâmetro de análise. A autora afirma o seguinte: “utilizamos a frequência de uso para observar a tendência de manifestação das construções no discurso por considerarmos a frequência uma ferramenta importante para a compreensão da dimensão da experiência com a linguagem” (Furtado da Cunha, 2014, p.02).

2.1.2.3 Composicionalidade

A última propriedade discutida por Tragoutt e Trousdale (2013) diz respeito ao nível em que o elo entre forma e função é transparente. Nesse sentido, trata-se da indissociabilidade entre a relação de forma e função que, a depender do nível de transparência uma construção, pode ser mais composicional – maior grau de decomponibilidade – ou menos composicional – menor grau de decomponibilidade e maior idiomatidade. Os autores argumentam, nesse sentido, que esta propriedade geralmente é analisada em termos de semântica – visto que expressões mais complexas recursivamente são construídas com base em expressões menores,

⁹ Cf.: “Central to the usage-based position is the hypothesis that instances of use impact the cognitive representation of language”. (Bybee, 2010, p. 14).

considerando, então, significado das partes e do todo – e de sintaxe –, já que faz uso do significado de expressões menores para construir significados de expressões maiores. A respeito dessas duas categorias, Rosário e Oliveira (2016) as definem da seguinte forma:

Composicionalidade semântica diz respeito à soma dos significados das partes. Assumimos que uma construção é mais composicional em termos semânticos quando o significado das partes ainda é recuperado no significado do todo. Composicionalidade sintática, por sua vez, diz respeito ao nível de integridade morfosintática das subpartes, no sentido de que quanto mais composicional, mais essas subpartes retêm as propriedades gramaticais de sua categoria fonte (Rosário; Oliveira, 2016, p. 246).

Considerando essas proposições, Traugott e Trousdale (2013) argumentam que, de uma perspectiva construcional, a composicionalidade pode ser pensada em termos de compatibilidade ou incompatibilidade entre aspectos de forma e aspectos de função. Nesse sentido, os autores discutem que a propriedade da composicionalidade pode ser discutida ainda em termos de *match* (convergência) e *mismatch* (divergência) entre forma e função. Segundo os autores, o *match* ocorre quando há uma expressão semanticamente composicional, ou seja, é produzida em uma sequência sintática convencional a partir da qual o interlocutor é capaz de compreender o sentido de cada item de forma individual. Quando isso não é possível, ou seja, se a expressão for não composicional, ocorre o *mismatch*, isto é, o significado do todo não pode ser decodificado somente pelas partes. Isso é bastante claro em expressões idiomáticas, como “bater as botas”, em que o significado da expressão não é resultado da junção da semântica e da sintaxe das partes constituintes.

Traugott e Trousdale (2013) vão ao encontro dos postulados de Arbib (2012, p.475, itálico do original) de que “o significado linguístico não é inteiramente composicional, mas a língua *tem* composicionalidade no sentido de que a estrutura composicional de uma sentença, muitas vezes, fornece pistas para o significado do todo”¹⁰, argumentando que os usuários da língua, em uma abordagem de língua como rede, aprendem muitas estruturas que são semelhantes superficialmente, mas que devem ser compreendidas e analisadas de modo diferente, já que a forma pode ser

¹⁰ Cf.: “[...] language meaning is not entirely compositional, but language *has* compositionality in the sense that the compositional structure of a sentence will often provide cues to the meaning of the whole”. (Arbib 2012, p. 475)

associada a um valor semântico particular que não é correspondente à sintaxe, sendo, portanto, menos composicional.

Traugott e Trousdale (2013) argumentam ainda que o fenômeno da mudança linguística tende, em muitos casos, a realizar um apagamento da composicionalidade, seja a semântica ou a sintática, especialmente em nível microconstrucional. A redução desta propriedade, em ambos os níveis, indica que o sentido da construção fica mais opaco e mais entrincheirado, ou seja, menos decomponível. Nesses contextos em que há perda de composicionalidade, há maior possibilidade de formação de *chunking*, definido por Bybee (2010) como:

Chunking é o processo por meio do qual sequências de unidades que são usadas juntas formam um todo de unidades mais complexas. Como um processo de domínio geral, a fragmentação ajuda a explicar por que as pessoas melhoram nas tarefas cognitivas e neuromotoras com a prática. Na língua, *chunking* é básico para a formação de unidades sequenciais expressas como construções, constituintes e expressões formulaicas. Sequências repetidas de palavras (ou morfemas) são “empacotadas” juntas na cognição, de modo que a sequência pode ser acessada como uma única unidade. É a interação do *chunking* com a categorização que dá às sequências convencionais variados graus de analisabilidade ou de composicionalidade. (Bybee, 2010, p.07, tradução nossa¹¹).

Nesse sentido, desse processo de *chunking*, resulta a formação de relações sequenciais cada vez mais fixas e – conseqüentemente – menos composicionais. Essa relação se torna mais entrincheirada à medida que a frequência de uso com que a unidade é empregada aumenta, levando à rotinização dessa sequência e, por conseqüência, à sua autonomia, já que essa passa a funcionar de maneira independente. Nesse caso, a nova unidade formada a partir do processo de *chunking* é nomeada como *chunk* (Bybee, 2010).

Para Traugott e Trousdale (2013), as três propriedades da mudança estão relacionadas, uma vez que o processo de construcionalização envolve aumento das

¹¹ Cf.: “Chunking is the process by which sequences of units that are used together cohere to form more complex units. As a domain-general process chunking helps to explain why people get better at cognitive and neuromotor tasks with practice. In language, chunking is basic to the formation of sequential units expressed as constructions, constituents and formulaic expressions. Repeated sequences of words (or morphemes) are packaged together in cognition so that the sequence can be accessed as a single unit. It is the interaction of chunking with categorization that gives conventional sequences varying degrees of analyzability and compositionality” (Bybee, 2010, p.07)

propriedades de produtividade e de esquematicidade, mas diminuição de composicionalidade.

2.1.3 Construcionalização, mudanças construcionais e mecanismos de mudança

No contexto da Linguística Funcional Centrada no Uso, a mudança linguística é considerada sob duas dimensões: construcionalização – que envolve a emergência de novos padrões construcionais a partir do pareamento de forma e significado –, e mudanças construcionais – que dizem respeito à dimensão interna da construção, visto que afeta os subcomponentes da forma ou da função de uma construção já existente. Esses dois processos serão discutidos respectivamente em 1.3.1.1 e 1.3.1.2. Por sua vez, os mecanismos que possibilitam essas mudanças – neoanálise e analogização – serão discutidos em 1.3.2.1.

2.1.3.1 Construcionalização

A perspectiva de mudança adotada em uma abordagem construcional é a de que esse processo se dá no uso, ocorrendo à medida que a língua é usada (Bybee, 2016). Nesse sentido, a construcionalização pode ser entendida como a criação de um novo pareamento de forma e função. Assim, Traugott e Trousdale (2013) apresentam a seguinte definição para construcionalização:

A construcionalização é a criação de (combinações de) novos pares de forma-sentido. Ela forma novos tipos de nós, os quais têm nova sintaxe ou morfologia e novos significados codificados na rede linguística de uma população de falantes. É acompanhada por mudanças no grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A construcionalização dos esquemas é sempre resultado de uma sucessão de micropassos e é, portanto, gradual. Novas microconstruções também podem ser criadas gradualmente, mas também podem ser instantâneas. As microconstruções criadas gradualmente tendem a ser processuais, e as microconstruções criadas instantaneamente tendem a ser de conteúdo. (Traugott; Trousdale, 2013, p. 22, tradução nossa¹²).

¹² Cf.: "Constructionalization is the creation of form new-meaning new (combinations of) signs. It forms new types of nodes, which have new syntax or morphology and new coded meaning, in the linguistic network of a population of speakers. It is accompanied by changes in degree of schematicity, productivity, and compositionality. The constructionalization of schemas always results from a

Novas construções são caracterizadas pelo pareamento de novas formas-funções, sejam elas de cunho lexical ou gramatical. Para que haja mudanças construcionais – que levem à construcionalização –, é necessário que uma construção esteja altamente convencionalizada na língua, pois é sua alta frequência de uso que possibilitará que esses micropassos, graduais, de mudanças sejam difundidos – e, possivelmente, venham a ser mudanças construcionais – na comunidade de fala. Nesse sentido, a propriedade da produtividade é crucial nesse processo.

A construcionalização gradual nem sempre é perceptível para os usuários da comunidade de fala, visto que ocorre em micropassos. É um processo que requer novas análises de construções anteriores, pois se trata de um novo pareamento de forma e função, gerando uma nova unidade ou signo e sendo, então, uma mudança no sistema, ou seja, uma mudança de tipo/nó. Traugott e Trousdale (2013) assinalam ainda que a construcionalização pode ser de dois tipos – gramatical e lexical –, destacando que, muitas vezes, construções que eram originalmente gramaticais podem levar ao processo de construcionalização lexical.

Em relação às diferenças entre os dois tipos de construcionalização, Traugott e Trousdale (2013) postulam que a diferença entre a construcionalização gramatical e a construcionalização lexical está centrada na gradualidade do desenvolvimento das construções – tanto as gramaticais como as lexicais. A construcionalização gramatical requer mudanças construcionais prévias. Nesse tipo de construcionalização, as mudanças verificadas no pareamento forma-função são de caráter mais procedural e ocorrem de maneira gradual na língua, por meio de uma sucessão de micropassos de mudança, envolvendo aumento de produtividade e de esquematicidade e decréscimo de composicionalidade.

Por sua vez, na construcionalização lexical, as mudanças que ocorrem no pareamento forma-função são outra natureza. Trata-se de construções de caráter mais referencial, isto é, o eixo da forma enquadra-se em categorias como nome, verbo e adjetivo. O desenvolvimento de construções lexicais é, geralmente, instantâneo, ou seja, não necessariamente demanda sucessão de neanálises e microetapas de

succession of micro-steps and is therefore gradual. New micro-constructions may likewise be created gradually, but they may also be instantaneous. Gradually created micro-constructions tend to be procedural, and instantaneously created micro-constructions tend to be contentful". (Traugott; Trousdale, 2013, p. 22).

mudança, envolvendo decréscimo de composicionalidade e decréscimo ou aumento de esquematicidade e de produtividade.

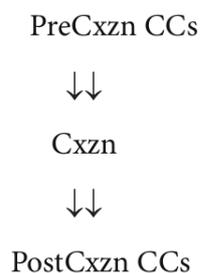
Nesse sentido, Traugott e Trousdale (2013) argumentam que vários tipos de construcionalização envolvem diferentes tipos de mudança, em que suas propriedades – esquematicidade, produtividade e composicionalidade – atuam de formas distintas. Ademais, os resultados de processos de construcionalização podem ocasionar mudanças nos esquemas e subesquemas e, conseqüentemente, uma organização na rede. Os diferentes tipos de construcionalização também podem levar a diferentes processos de desenvolvimento e gradualidade: enquanto esquemas, subesquemas e microconstruções gramaticais se desenvolvem de forma gradual, microconstruções lexicais podem se desenvolver de maneira instantânea.

2.1.3.2 Mudanças construcionais

Uma vez discutida que a construcionalização centra-se na emergência de novos padrões construcionais a partir do pareamento de forma e função, dedicamo-nos agora a discutir a mudança construcional. Mudanças construcionais ocorrem na dimensão interna da construção, visto que é um tipo de mudança que afeta os subcomponentes de uma construção preexistente, seja no polo da forma – fonética, morfologia, sintaxe – ou da função – semântica, pragmática, discurso –, não levando, entretanto, ao surgimento de uma nova microconstrução, ou seja, não envolvendo a criação de um novo nó na rede (Traugott e Trousdale 2013).

Traugott e Trousdale (2013) postulam que as mudanças construcionais que precedem e viabilizam a construcionalização envolvem, tipicamente, expansão pragmática, semanticização do componente pragmático, divergência entre forma e sentido e algumas pequenas mudanças distribucionais. Essas mudanças construcionais são denominadas pelos autores de pré-construcionalizações. Nesse sentido, Traugott e Trousdale (2013) destacam que a construcionalização pode fomentar novas mudanças construcionais – nomeadas de pós-construcionalizações –, possibilitando expansão de colocações e redução morfológica e fonológica. Nesse sentido, os autores propõem o seguinte esquema a fim de explicar como construcionalização e mudanças construcionais estão relacionadas:

Figura 6 – Relação entre construcionalização e mudanças construcionais de acordo com Traugott e Trousdale (2013)



Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p.28).

Traugott e Trousdale (2013) destacam que as setas indicam uma relação entre cada um desses elementos. Nesse sentido, os autores consideram que se trata de um processo em que a sucessão de mudanças pode ser recursiva, uma vez que a pós-construcionalização pode possibilitar uma nova construcionalização posteriormente. Traugott e Trousdale (2013) esclarecem ainda que uma análise de pré-construcionalização só pode acontecer em retrospectiva, pois “nada do que tenhamos conhecimento prevê que certas mudanças construcionais levarão necessariamente à construcionalização.” (Traugott e Trousdale, 2013, p.29, tradução nossa¹³). Os autores reiteram também que, inicialmente, tanto mudanças construcionais como construcionalizações são locais, impactando microconstruções particulares. Os dois processos em questão – construcionalização e mudança construcional – estão envoltos por mecanismo de mudanças, os quais serão discutidos na próxima seção.

2.1.3.2.1 Mecanismos de mudança

Tanto o processo de construcionalização como o de mudança construcional envolvem mecanismos que possibilitam compreender como estas mudanças linguísticas ocorrem. Traugott e Trousdale (2013) definem mecanismo como sendo o ‘como’ em contraste com os “porquês” – motivações – da mudança, defendendo que estas motivações seriam tanto uma base cognitiva como uma base comunicativa. Além disso, Bybee (2001, p.190, tradução nossa) define mecanismos de mudanças como sendo “processos que ocorrem enquanto a língua está sendo usada, e esses

¹³ Cf.: “[...] nothing of which we are aware predicts that certain constructional changes will necessarily lead to a constructionalization.” (Traugott, Trousdale, 2013, p.29)

são os processos que criam a língua”¹⁴. Destacamos como sendo fundamentais, na análise deste trabalho, dois mecanismos propostos por Tragoutt e Transdale (2013), a neoanálise e a analogização, a serem discutidos em sequência.

O mecanismo de neoanálise, anteriormente nomeado de reanálise no âmbito do Funcionalismo tradicional, diz respeito à mudança local, configurando-se como pequenos passos em uma mudança construcional, sendo uma nova compreensão de uma forma. Tragoutt e Transdale (2013) defendem, por sua vez, o uso da nomenclatura neoanálise, pois, segundo os autores, o termo reanálise seria um tanto quanto problemático. O termo em questão foi definido por Langacker (1977) como sendo uma mudança que ocorre na estrutura de uma expressão ou classe de expressões que envolve modificação imediata ou intrínseca na superfície. Nesse sentido, o argumento apresentado por Tragoutt e Transdale (2013) é que, do ponto de vista terminológico, não se pode reanalisar – analisar de novo – uma construção que ainda não foi internalizada, ou seja, não existia, uma vez que, se a construção não foi internalizada, o usuário apenas a analisa de um modo diferente. Isso posto, a neoanálise envolve, então, uma mudança gradual em *small-steps*, isto é, pequenos passos locais, seja na forma ou na função, de uma dada construção, que se dão a partir de negociações de sentidos entre interlocutores em uma interação. Conforme esses novos usos se sobressaem na língua e se tornam mais rotinizados, há a sua convencionalização, que ocorre, gradualmente, a partir de micropassos.

O segundo mecanismo discutido por Tragoutt e Transdale (2013), a analogização, compreende o modo como a mudança é implementada. Segundo os autores, a analogização refere-se ao mecanismo que leva à combinação entre aspectos da forma e da função de uma construção-alvo e aspectos da forma e da função de uma construção-fonte que não existiam anteriormente, ou seja, a partir de padrões já convencionalizados na língua, outros são criados. Próximo a esse mecanismo, os autores discutem também o pensamento analógico – a fim de diferenciá-lo de analogização –, o qual permite a combinação de aspectos da forma e da função. Contudo, esse pode ou não resultar em mudança. Assim, a diferença entre os dois centra-se no fato de que a analogização é um mecanismo – ou processo de mudança – que faz surgir novos pares de forma-função, enquanto o pensamento

¹⁴ Cf.: “Mechanisms of change are processes that occur while language is being used, and these are the processes that create language.” (Bybee, 2001, p. 190)

analogico não necessariamente irá ocasionar essas mudanças. Nesse sentido, o mecanismo de analogização, por mobilizar – a partir de aspectos da forma e da função de uma construção já convencionalizada na língua – novas construções, implica reconfiguração das dimensões internas da construção.

Nesse sentido, os autores enfatizam esse mecanismo como sendo essencial na emergência de novos padrões, pois, segundo eles, “uma perspectiva construcional da mudança apoia fortemente a ideia de que a correspondência de padrões é um fator importante na mudança, porque a gramática de construções destaca a associação de conjuntos” (Traugott; Trousdale, 2013, p. 38, tradução nossa¹⁵).

O processo de analogização, segundo Traugott e Trousdale (2013), necessariamente envolve mudança em micropassos, isto é, neoanálise. Em outras palavras, toda analogização é um tipo de neoanálise, pois resulta em nova estrutura a partir da reconfiguração das dimensões internas da construção – aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos e/ou discursivos. Por outro lado, segundo os autores, nem toda neoanálise envolve analogização. Nesse sentido, os autores consideram que “a neoanálise é, em nossa opinião, primária no sentido de ‘mais importante’ porque cobre mais casos de mudança” (Traugott; Trousdale, 2013, p. 58, tradução nossa¹⁶).

2.1.4 (Inter)subjetividade e o posicionamento avaliativo do falante

Em uma abordagem centrada no uso, há um consenso de que a função básica da língua é construir significado, sendo esse tanto cognitivo quanto comunicativo. Nesse sentido, nessa abordagem, o falante assume um papel central no desenvolvimento de mudanças linguísticas. Nessa perspectiva, Traugott (1995) defende que novas construções da língua passam a codificar cada vez mais a expressividade do falante, sendo mais subjetivas. Nesse sentido, essa codificação tende a destacar os instrumentos gramaticais responsáveis pela manifestação de pontos de vista, crenças e valores dos locutores.

¹⁵ Cf.: “A constructional perspective on change strongly supports the idea that pattern matching is an important factor in change, because construction grammar highlights membership of sets.” (Traugott; Trousdale, 2013, p. 38)

¹⁶ Cf.: “[...] neoanalysis is in our view primary in the sense of ‘more important’ because it covers more cases of change.” (Traugott; Trousdale, 2013, p. 58)

Traugott e Dasher (2005) postulam que a interação comunicativa é marcada, em algum grau, pela manifestação de subjetividade, ou seja, há maior ou menor marcação do posicionamento do locutor. Para Rosário (2015, p. 40), a subjetividade “surge na tensão entre a tendência do emissor de não dizer mais do que o necessário e a do receptor de selecionar a interpretação mais informativa do que se diz, a mais relevante”. Já a intersubjetividade “é justamente a utilização de recursos linguísticos para atuação sobre o interlocutor, com vistas à sua adesão ou anuência ao que é declarado” (Rosário, 2015, p. 40).

Nesse sentido, os significados que indexam as crenças e as atitudes do falante – significados subjetivos – podem ser projetados para a expressão da preocupação do falante com o seu interlocutor – significados intersubjetivos. Nessa lógica, a subjetividade é um pré-requisito para a intersubjetividade, na medida em que a atitude do locutor em relação ao interlocutor se dá em função da necessidade que tem o locutor de tentar convencer o interlocutor acerca de suas crenças.

Sob essa perspectiva, Traugott e Dasher (2005) propõem que o posicionamento do falante segue o seguinte *cline*: [-subjetivo] > [+ subjetivo] > [+ intersubjetivo], sendo direcionado, então, de um posicionamento de menor grau de pessoalidade para uma marcação de interpessoalidade. Como está ancorada em diferentes níveis do discurso, a subjetividade colabora também com o processo de mudança linguística, visto que ocorre tanto em nível cognitivo como social, já que “a subjetivação se baseia em princípios cognitivos, mas ocorre no contexto da comunicação e da estratégia retórica” (Traugott e Dasher, 2005, p. 31, tradução nossa)¹⁷.

2.1.5 Conclusões

Realizamos, neste capítulo, um breve panorama da Gramática de Construções e de suas vertentes. Apresentamos também detalhadamente o oitavo modelo de Gramática de Construções proposto por Traugott e Transdale (2013), ao qual este trabalho recorrerá continuamente como base teórica, a saber: a abordagem construcional da mudança, a qual se torna eixo central na Linguística Funcional

¹⁷ Cf.: Subjectification draws on cognitive principles but takes place in the context of communication and rhetorical strategizing (Traugott e Dasher, 2005, p. 31).

Centrada no Uso. A partir das proposições realizadas pelos autores, discutimos propriedades cruciais no processo de mudança linguística – esquematização, produtividade e composicionalidade – e também apresentamos os conceitos de construcionalização, mudança construcional e mecanismo da mudança – neoanálise e analogização. Por último, examinamos os conceitos de subjetividade e intersubjetividade, destacando como esses se fazem presentes no processo de mudança linguística.

Desse modo, destacamos aqui que os mecanismos discutidos – analogização e neoanálise – bem como as motivações abordadas – pensamento analógico, subjetividade e intersubjetividade – fundamentam a análise de dados realizada neste trabalho.

3 CAPÍTULO II

QUESTÕES ACERCA DE *ASSIM*: uma breve revisão

Neste capítulo, temos como objetivo revisar os principais trabalhos que se dedicam ao estudo de *assim* na língua portuguesa. Considerando a abundância de estudos – em diferentes abordagens –, encontramos diferentes conceituações e classificações de *assim* nesses trabalhos, de modo que é significativo discuti-las, haja vista a proposta de análise – e a classificação – que realizaremos no Capítulo IV. Nesse sentido, neste capítulo, referenciamos esses trabalhos, apontando suas contribuições e lacunas e ressaltando a relevância da presente pesquisa ao propor uma análise de *assim* com base na abordagem construcional da mudança.

Desse modo, de maneira específica, na seção 2.1 discutimos as postulações de *assim* nas gramáticas tradicionais e normativas. Já na seção 2.2, referenciamos trabalhos que tratam de *assim* a partir de diferentes abordagens, principalmente as de cunho funcionalista. Por fim, na seção 2.3, apresentamos as sínteses das discussões empreendidas no presente capítulo.

3.1 AS ATRIBUIÇÕES DE *ASSIM* NOS ESTUDOS NORMATIVOS

Ao revisar trabalho anteriores cujo objeto de análise é *assim*, parece-nos relevante discutir o tratamento conferido a *assim* em estudos normativos, haja vista a notabilidade dada a tal área de estudos. Nesse sentido, nesta seção, discutimos as postulações de *assim* em estudos normativos.

No que diz respeito às sistematizações de *assim* nos estudos normativos, suas conceptualizações são bastante pontuais e restritivas. Em Rocha Lima (2011), *assim* é tratado como um advérbio de modo. Na definição do autor, “é função do advérbio acompanhar o verbo, exprimindo as circunstâncias que cercam, ou precisam, ou intensificam a significação deste” (Rocha Lima, 2011, p. 422), dando, a fim de exemplificação, a seguinte sentença “*Assim* morre o forte” (itálico do original). Além da definição como advérbio, o autor, ao discutir orações subordinadas, engloba *assim*

que como conjunção subordinativa temporal. De acordo com Rocha Lima (2011, p. 354, itálico do original), “é papel da oração temporal trazer à cena um acontecimento ocorrido *antes* de outro, *depois* de outro, ou *ao menos tempo* que outro.” Nesse sentido, segundo o autor, uma das conjunções de *que* dispõe a língua portuguesa para assinalar um fato imediatamente anterior a outro é *assim que*, elucidando suas colocações com o seguinte exemplo “*assim que* o professor entrou, os alunos se levantaram” (Rocha Lima, 2011, p. 354, itálico do original).

Por sua vez, Bechara (2009) apresenta definições bastante similares às de Rocha Lima (2011). O primeiro também propõe a definição de *assim* como advérbio, destacando que esse é formado por palavra de natureza nominal ou pronominal. Ao discorrer especificamente sobre *assim* como advérbio, o autor argumenta que “certos advérbios são assinalados em função de modificador de substantivo, principalmente quando este é entendido não tanto enquanto substância, mas enquanto qualidade que esta substância apresenta” (Bechara, 2009, p. 242-243). Tal afirmação é ilustrada com o seguinte exemplo: “Pessoas ***assim*** não merecem nossa atenção.”. Ademais, o autor propõe que alguns advérbios podem funcionar como predicativo do sujeito – tal qual um adjetivo –, como em “A vida é *assim*.”

Para além das categorias de advérbio e predicativo do sujeito, Bechara conceptualiza *assim* – combinado com outros elementos – como locução conjuntiva subordinativa, comparativa ou temporal. Para o autor, as locuções conjuntivas comparativas podem ser de dois tipos: assimilativa ou quantitativa. Para nossa discussão, interessam-nos as do primeiro tipo, que, segundo Bechara (2009, p. 273), consistem “em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida”, como em “o jogo, *assim como* o fogo, consome em poucas horas o trabalho de muitos anos”. Já a locução conjuntiva temporal é formada por *assim que*, a qual exprime tempo posterior imediato como em “*assim que* saíram, o ambiente melhorou”.

Já em Cunha e Cintra (2016), *assim* não aparece nas definições e na classificação de advérbio, como nos outros gramáticos citados. Na abordagem de Cunha e Cintra (2016), *assim* é postulado como conjunção subordinada comparativa e temporal. A respeito da primeira, formada por *assim como*, os autores a definem como a que “inicia uma oração que encerra o segundo membro de uma comparação,

de um confronto” (Cunha; Cintra, 2016, p.602). Já as temporais, constituídas por *assim que*, são definidas como aquelas que “iniciam uma oração subordinada indicadora de circunstância de tempo” (Cunha; Cintra, 2016, p.601).

Dada essa breve revisão das conceptualizações de *assim* nos estudos normativos e prescritivos, pode-se constatar que a abordagem normativa não consegue abarcar todas as funções desempenhadas por *assim*, haja vista que sua categorização toma como base apenas critérios morfológicos e sintáticos. Portanto, essas categorizações, ensejadas no âmbito normativo, não são suficientes para incorporar todas as funcionalidades de *assim*, já que essas perpassam classificações morfológicas e sintáticas. Tal como discutimos na subseção anterior, desde seus usos iniciais, ainda no período do português arcaico, *assim* já exercia outras funções, de modo que outros vieses de estudos são necessários para a análise do objeto em questão em totalidade.

Nesse sentido, na próxima seção, realizaremos uma breve revisão de algumas investigações sobre *assim*, sendo a maioria delas de cunho funcionalista.

3.2 O TRATAMENTO DE ASSIM EM UMA PERSPECTIVA LINGUÍSTICA: UMA VISÃO GERAL

No que diz respeito a trabalhos de cunho funcionalista, muito já foi discutido sobre os usos de *assim*. Nesse sentido, nosso objetivo nesta seção é traçar um breve panorama do estado da literatura acerca de trabalhos com *assim* desde abordagens funcionalistas, ressaltando suas contribuições e suas lacunas e, em seguida, apontando a relevância do presente trabalho para as pesquisas acerca da mudança linguística.

Um dos primeiros trabalhos que se propõem a discutir *assim*, em termos funcionalistas, foi realizado por Martelotta, Nascimento e Costa (1996) em *Gramaticalização e discursivização de **assim*** no livro *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Neste capítulo, os autores discutem *assim* à luz do paradigma da gramaticalização/discursivização, a partir do qual eles propõem que *assim* teria passado pela trajetória de espaço > (tempo) > texto. Segundo os autores,

esse seria um percurso comum para elementos desse tipo, o que o levaria a um processo de discursivização.

Com essa proposta, os autores entendem a discursivização como um “processo em que os elementos perdem função lexical e gramatical para ficar a serviço da organização da linha de raciocínio na fala, funcionando como marcadores discursivos, que, ora marcam uma retomada da linha de raciocínio perdida” (Martelotta; Nascimento; Costa, 1996, p. 146). Nesse sentido, a reorganização do discurso funciona também para chamar a atenção do ouvinte nessa retomada, o que funciona como duplo recurso para o locutor, já que esse não perde seu turno de fala e há um tempo para organizar o que vai dizer. Nesse sentido, esse uso é definido pelos autores como preenchedor de pausa, e esse conceito é explicado com o seguinte exemplo:

(12) “... aí tem a prancheta que eu comprei há pouco tempo também... que até está sem forrar... tem que colocar um plástico... alguma coisa em cima pra pro/ pra não estragar... o que mais? tem uma mesinha do lado da minha cama que fica telefone... em frente à cama tem a televisão... que fica também na frente da janela... **assim**::... o que mais? que ela fica no alto...”

Em (12), Martelotta, Nascimento e Costa (1996) argumentam que o locutor, ao realizar uma descrição do local, enumera os móveis e utensílios do quarto. No meio dessa enumeração, ele se detém a tentar se lembrar do que mais existe lá e, para não perder o fluxo da fala enquanto pensa, usa o elemento *assim*. Para os autores, esse preenchedor de pausa seria resultado do processo de discursivização, visto que *assim* não desempenha função gramatical referente à organização interna do texto, mas assume papel de reorganizar o discurso, o qual é entendido por Martelotta, Nascimento e Costa (1996, p.155) como “o uso da língua com as estratégias criativas utilizadas pelos falantes para organizar seu texto para um determinado ouvinte e em uma determinada situação de comunicação”.

Já Lopes Damasio (2008), em sua dissertação de mestrado intitulada *A emergência do marcador discursivo assim sob a óptica da gramaticalização: um caso de multifuncionalidade e (inter)subjetivização*, realizou um estudo de *assim* em que esse opera a função de marcador discursivo (MD). A autora argumenta que *assim*,

exercendo função de MD, seria resultado de um processo de mudança. Para tal argumentação, a pesquisa pauta-se nos pressupostos da gramaticalização – a qual focaliza a mudança que se dá a partir de um processo gradual de pragmatização do significado, que envolve estratégias de caráter inferencial, que aumentam a informação pragmática, e de estratégias metafóricas, que acarretam a abstratização (Traugott, 1982, 1989, 1995; Traugott; König, 1991). Além disso, a autora também assume a perspectiva teórica da Gramática Textual Interativa, uma vez que é adotado, em seu trabalho, o conceito de linguagem como interação social.

Em sua discussão, na análise de dados, Lopes Damasio (2008) argumenta que a trajetória de *assim* parte do uso fonte dêitico, em direção a usos fóricos modais, voltados ao domínio do texto, experimentando momentos de ambiguidades, denominados dêiticos fóricos. A partir desses usos, a trajetória de *assim* teria sofrido uma bifurcação, via processos de subjetivização – o que teria levado ao uso de conjunção coordenativa conclusiva – e de (inter)subjetivação – o que teria originado o marcador discursivo. Ao alcançar esse uso, representativo do estágio mais expressivo de *assim*, Lopes Damasio (2008) argumenta que sua análise de dados revelou uma conjugação de funções textuais-interativas, de acordo com um contínuo de gradiência, que, segundo a autora, está intimamente relacionado à persistência dos traços do item fonte no item alvo.

Nesse sentido, a autora consegue mapear as seguintes subfunções de *assim* como marcador discursivo: sinalizador de construção de quadro mental, sinalizador metadiscursivo, focalizador, intensificador, indicador de conteúdo expressivo e atenuador, que estariam organizadas de acordo com um crescente de gramaticalidade e com uma concretização da trajetória unidirecional que parte do proposicional ao textual, em direção ao expressivo, verificando uma gradiência em que predominam as características textuais sobre as interativas em direção à situação inversa no ponto mais à direita da trajetória.

Por fim, Lopes Damasio (2008) discute que um estudo minucioso acerca de *assim* atuando como marcador discursivo, além de elucidar o processo de mudança que explica a multifuncionalidade sincrônica do item, também esclarece suas funções enquanto marcador, tornando possível o entendimento de seus papéis discursivo-

pragmáticos nessa categoria e a comprovação de um caso de gramaticalização configurado mediante relações expressivas de “ganhos”.

Outro trabalho que consideramos como sendo essencial para revisão neste capítulo é também de Lopes-Damasio (2011), em sua tese de doutorado intitulada *Diacronia dos processos constitutivos do texto relativos a assim: um novo enfoque da gramaticalização*. Nesse trabalho, a autora amplia seu escopo de estudo das funções de *assim*, propondo-se, então, a analisar *assim* e suas formas correlatas: *assim como*, *mesmo assim* e *assim que* no que tange: (i) ao seu funcionamento tópico geral, especificamente com enfoque nos aspectos semântico-formais e nos processos de junção instaurados; e (ii) aos processos de repetição, correção, paráfrase e parêntese, em diferentes tradições discursivas. Como base teórica para essa pesquisa, Lopes-Damasio (2011) centra-se nos pressupostos da gramaticalização (Traugott, 1995; Traugotte König, 1991), conjugada aos postulados analíticos da perspectiva textual-interativa, assentada numa concepção pragmática de linguagem e texto (Jubran, 2006) a fim de realizar um estudo diacrônico.

A autora propõe que as tradições discursivas devem ser consideradas ao investigar a mudança por gramaticalização, já que essas afetam tanto a perspectiva interna como externa de abordagem linguística. Lopes-Damasio (2011) argumenta que os dados analisados corroboram a existência de uma relação entre tradições discursivas e o caminho de mudança do item focalizado, a partir da constatação de que, enquanto determinados aspectos gramaticais se desenvolvem mediante pressões contextuais favorecidas pelas características de determinadas tradições discursivas, outros se desenvolvem independentemente delas.

Por sua vez, Souza (2009), em sua tese de doutorado intitulada *Gramaticalização dos itens linguísticos assim, já e aí no português brasileiro: um estudo sob a perspectiva da gramática discursivo-funcional*, analisa a multifuncionalidade linguística de *assim* a partir de uma perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie, 2008) e da gramaticalização (Hopper; Traugott, 1993; Traugott, 1995).

O autor tomou como base as funções dêiticas, textuais e interacionais, propondo-se a demonstrar que, a partir da gramaticalização, *assim* poderia ser

analisado conforme níveis – representacional e interpessoal – e camadas – semânticas e pragmáticas – Gramática Discursivo-Funcional. O autor argumenta que uma expansão funcional de *assim* pode ser tomada como uma evidência linguística de que esse elemento está se gramaticalizando na língua ao assumir desde funções gramaticais e discursivas a dimensões textuais e interacionais na língua.

Em sua análise, Souza (2009) corrobora que *assim* assume usos mais concretos, como na função de advérbio – modo, tempo e lugar. Nesse caso, à medida que passa a assumir outras funções na língua, como textuais – atuando como advérbio anafórico, catafórico, introdutor de episódios, advérbio relacional e conjunção coordenativa e subordinativa – e discursivas – atuando como introdutor de conteúdo comunicado, marcador discursivo e organizador de tópico –. Nesse caso, *assim* teria passado também a operar em outras camadas, realizando, então, um percurso do nível representacional para o interpessoal. Nos dados discutidos por Souza (2009), é apontado que *assim*, além de atuar em camadas semânticas do nível representacional, opera também em uma camada mais elevada do nível interpessoal, a qual o autor define como sendo a mais expressiva.

Já Guessier *et al.* (2020) investigam especificamente estruturas interrogativas com *como assim* no português brasileiro, sob a visão da Sintaxe Gerativa, utilizando aparatos da Linguística Experimental. De acordo com as autoras, estruturas com *como assim* podem ter quatro tipos de leituras possíveis: causa, motivação, elucidativa e incredulidade. Nesse sentido, Guessier *et al.* (2020) argumentam que, como causa, *como assim* tem função de um operador sentencial, e sua pergunta atua sobre o que leva a um determinado evento ou estado, como no seguinte exemplo:

(13)A: A Maria comprou um carro novo.
B: **Como assim** ela comprou um carro novo?

As autoras argumentam que, em (13), *como assim* manifesta um estado de contraexpectativa do falante: o falante B deixa expresso que ele não esperava que Maria comprasse um carro novo. Já na leitura de motivação, *como assim* tem atuação sobre o domínio de verbal, e seu questionamento recai sobre o que habilita ou provoca um evento (ou estado) que é mediado pelo estado mental de um agente, como no exemplo a seguir:

(14) A: Você ficou sabendo que o Tiago vai sair de férias para Fernando de Noronha?

B: **Como assim** ele vai sair de férias para Fernando de Noronha?

A: Para se exibir nas redes sociais.

As autoras defendem ainda que, tanto nas leituras de causa como nas de motivação, sentenças *com como assim* exprimem uma contraexpectativa do falante acerca de um conteúdo previamente apresentado. Por sua vez, nas outras duas leituras, elucidação e incredulidade, Guessser *et al.* (2020) defendem que, em dados com esse tipo de ocorrência, a ideia prototípica de pergunta não está imbuída. Nesse sentido, em estruturas com *como assim* elucidativo, o locutor pede esclarecimentos sobre o que ouviu, como na ocorrência a seguir.

(15) DOC. - (inint.) e quanto custa isso?

LOC. - Eh, com o... Completo assim deve estar uns cinquenta contos naquele Braga's, lá da, lá do edifício Central, Avenida Central.

DOC. - Sei. Agora, me diz uma coisa, e as mulheres, você tem ideia?

LOC. - Como assim? Do... Como é que é essas etapas?

DOC. - Essas etapas de tratamento de cabelo, de rosto, de pele. LOC. - Ah, não, sinceramente. Não faço a mínima ideia de como é que é.

Guessser *et al.* (2020) argumentam que, em (15), *como assim* é usado para solicitar informações adicionais ao interlocutor em uma situação em que algo não foi bem compreendido, em que o locutor (loc) faz um questionamento após não compreender o que deveria ser discriminado por ele. Já nas interpretações de *como assim* enquanto incredulidade, as autoras consideram que, em usos desse tipo, o objetivo do falante é exprimir um estado de surpresa com relação a um evento, estado ou proferimento que contraria os conhecimentos prévios do falante, como na ocorrência em sequência.

(16) Como assim vc tá namorando outra pessoa depois que eu imaginei uma vida inteira junto com você.

Ocorrências desse tipo, segundo Guessser *et al.* (2020), seriam usadas especificamente para exprimir um estado de surpresa com relação a um evento ou a proferimentos realizados anteriormente. As autoras sinalizam ainda que, em usos de incredulidade, *como assim* apresenta prosódia bastante particular. Por fim, as autoras

argumentam ainda que, no português atual, *como assim* se vincula a contextos informais de fala e escrita.

3.3 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO

Realizamos, neste capítulo, uma breve discussão acerca de *assim*. Nesse sentido, em 2.1, apresentamos uma breve revisão acerca da etimologia de *assim*, traçando seu percurso desde a sua origem até o português contemporâneo, em que constatamos que, desde seus usos incipientes, já se podia perceber seu caráter de multifuncionalidade. Além disso, ainda na primeira seção, observamos as considerações postuladas por gramáticas tradicionais e normativas, analisando as prescrições realizadas acerca de *assim*. Nesse caso, constatamos que o tratamento dado é bastante pontual e restritivo, atendo-se a critérios morfológicos e sintáticos.

Nesse sentido, na seção 2.2, buscamos estudar trabalhos em que *assim* fosse abordado desde óticas funcionais, não atendo-se apenas a categorizações morfológicas e sintáticas. Desse modo, em nossa revisão acerca do estado da literatura com trabalhos desse cunho, encontramos diversas pesquisas em diferentes perspectivas de cunho funcionalista. Nesse sentido, da seleção bibliográfica que realizamos, elegemos revisar trabalhos que, em alguma medida, dialogam com a nossa proposta de investigação, de modo que nos propusemos a analisar trabalhos de óticas funcionais.

Dos trabalhos que estudam *assim* do ponto de vista da gramaticalização, destacamos que as conclusões a que chega Lopes-Damasio (2008, 2011) muito contribuirão para nossa pesquisa. O estudo da autora trata de casos mais discursivos, MDs, e, conseqüente, mais intersubjetivos. No *corpus* constituído para nosso estudo, encontramos quatro diferentes padrões de MDs, de modo que as colocações de Lopes-Damasio (2008, 2011) colaborarão para nossa análise acerca desses padrões construcionais. Em relação às análises de Lopes-Damasio (2011), também encontramos, nos *corpora* analisados neste trabalho, dois dos padrões por ela estudados, de maneira que suas descobertas contribuirão também para nossa pesquisa.

Destacamos também que o trabalho de Souza (2009) muito contribui para a proposta desta dissertação, uma vez que o autor aborda funções de *assim* a nível textual, com usos fóricos, e também discursivos, padrões esses que também encontramos nos dados que analisamos.

Pontuamos também que o trabalho de Martelotta, Nascimento e Costa (1996) igualmente colabora com nossa pesquisa, principalmente, no que concerne a usos de caráter mais intersubjetivo, já que há dados dessa natureza nos *corpora* de análise deste trabalho. Nesse sentido, os postulados dos autores nos auxiliarão no que concerne ao estudo de dados de caráter mais discursivo.

Destacamos também, por fim, que, ainda que o trabalho de Guessier *et al.* (2020) tenha uma filiação teórica mais distante da nossa, acreditamos que o estudo em questão nos ajudará a analisar construções do padrão *como assim*, que é bastante produtivo nos nossos *corpora* de análise.

Dos trabalhos revisados na seção anterior, destacamos que todos eles trazem significativas contribuições – cada um com a sua abordagem e em diferentes filiações teóricas – ao estudo de *assim*. Das contribuições dos trabalhos revisados, destacamos também que todos eles, independentemente da abordagem teórica à qual são filiados, assumem *assim* como sendo multifuncional, o que corrobora também nossa proposta de investigação nesta dissertação.

Contudo, até o momento, nenhum deles investiga especificamente *assim* como padrão construcional a partir dos pressupostos teóricos assumidos pela Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU – e, de modo mais específico, pela abordagem construcional da mudança, nos termos propostos por Traugott e Trousdale (2013). Ademais, nos trabalhos revisados, são propostas análises de recortes de funções específicas de *assim*. Nesse sentido, nós estamos propondo mapear e analisar todos os padrões construcionais que encontrarmos nos *corpora* selecionados para análise nesta dissertação.

Desse modo, com base nas contribuições e lacunas que encontramos nesses trabalhos, entendemos que nossa proposta de pesquisa avança nos seguintes aspectos em relação aos trabalhos anteriores: (i) adoção da bidirecionalidade função < > forma (Rosário; Oliveira, 2016), isto é, a forma e a função possuem o mesmo grau

de importância nos padrões analisados com *assim*; (ii) descrição dos padrões construcionais analisados a nível microconstrucional, nos termos assumidos por Traugott e Trousdale (2013).

4 CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos e os pressupostos metodológicos adotados neste trabalho. Para tal, este capítulo está organizado em três seções. Na seção 2.1, descrevemos os *corpora* sincrônicos representativos da modalidade escrita e da modalidade oral usados para a análise das construções com *assim*; na seção 2.2, tratamos do método de pesquisa aplicado na análise de dados, realizando um equacionamento entre os métodos quantitativo e qualitativo; por fim, na seção 2.3, descrevemos os procedimentos adotados nas análises do Capítulo IV deste trabalho.

4.1. A CONSTITUIÇÃO DOS *CORPORA*: PROCEDIMENTOS E QUESTÕES FUNDAMENTAIS

O capítulo de análise deste trabalho foi desenvolvido a partir de uma perspectiva sincrônica. Para tal, usamos para nossa análise dois *corpora* – um representativo da modalidade escrita e outro da modalidade oral. O *corpus* da modalidade escrita usado para análise foi compilado por Martins (2021). Os dados em questão foram coletados para a realização de seu trabalho de dissertação de mestrado, intitulado *Construções avaliativas com verbos denominais: uma proposta de rede construcional*. O material compreende dados da rede social X, antigo *Twitter*¹⁸, que é constituído por dados escritos de dez perfis dessa rede social. Esses dados representam amostras referentes a quatro anos: 2017, 2018, 2019 e 2020, contendo um total de 1.677.627 palavras.

Já o *corpus* representativo da modalidade oral foi constituído por nós para a análise. Para tal, selecionamos dez vídeos que compõem um total de 2 horas e 3 minutos, perfazendo um total de 21.383 palavras, retirados da plataforma online *YouTube*, os quais datam dos anos de 2023 e 2024. Para a composição deste *corpus*,

¹⁸ Uma vez que o *corpus* usado para análise foi constituído quando essa rede social ainda era nomeada como *Twitter*, usaremos o seu nome antigo para nos referirmos a ela, buscando também evitar uma possível ambiguidade.

realizamos uma busca no canal do GNT¹⁹ no *Youtube*, em que selecionamos o material para constituição de *corpus* oral a partir de dois quadros disponibilizados no canal: *Conversa com Bial* e *Angélica: 50 & tanto*. Os dois programas têm como característica basilar o formato de entrevista, na qual os entrevistadores, em cada episódio, recebem celebridades brasileiras, geralmente dois ou três artistas. Trata-se, em ambos os programas, de uma proposta de entrevista menos formal em que os convidados falam sobre vários temas: família, carreira, experiências na mídia e nas redes sociais, englobando, portanto, diversos assuntos em um contexto e em um formato em que o uso da língua é menos monitorado.

Nesse sentido, usamos os *corpora* em questão a fim de analisar padrões construcionais com *assim*, à luz dos pressupostos da LFCU (Furtado da Cunha *et al.*, 2013, 2016; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016) e, mais especificamente, da abordagem construcional da mudança (Traugott; Trousdale, 2013).

Ao realizarmos a análise pautada em uma perspectiva sincrônica, não descreveremos a trajetória da mudança linguística de construções com *assim* ao longo do tempo, isto é, em uma perspectiva diacrônica, mas consideramos o uso desses padrões construcionais relacionando as inovações a padrões construcionais já existentes, o que é possível por meio de uma perspectiva sincrônica (Neves, 1997).

Embora haja uma tendência entre estudos pautados nos pressupostos da abordagem construcional da mudança a realizarem análises assumindo dados pancrônicos – amostras diacrônicas e sincrônicas – (Furtado da Cunha; Silva; Bispo, 2016), a adoção por uma perspectiva sincrônica de análise possibilita a verificação do uso e do comportamento das construções analisadas, indicando a tendência da mudança. A defesa de que uma perspectiva de análise sincrônica possibilita a verificação da mudança linguística também é ratificada por Gonçalves *et al.* (2007), que defendem que uma forma linguística é desenvolvida a partir das atribuições funcionais que lhe são conferidas pelos padrões fluidos de uso da língua, padrões esses que são percebidos no uso, o que torna factível serem analisados sincronicamente.

¹⁹ A marca em questão trata-se de um canal de televisão por assinatura, mas que compartilha diversos de seus conteúdos no *Youtube*. O que nos permitiu realizar uma seleção diversa e robusta para constituição do *corpus*.

Nesse sentido, a eleição pelo uso desses dois *corpora* em questão vai ao encontro dos postulados de que recortes sincrônicos permitem verificar a mudança linguística e o uso de diferentes padrões, uma vez que o *corpus* da modalidade escrita compreende dados de rede social, que tem por característica um uso mais informal da língua (Dioguardi, 2014). Especificamente em relação à rede social *Twitter*, Martins (2021, p.59) descreve a rede como “uma espécie de microblog, em que seus usuários compartilham o que estão pensando, suas ideias e opiniões e obtêm respostas de outros internautas”. Além disso, as publicações no *site*, na versão gratuita, são limitadas a 140 caracteres, o que leva o usuário, uma vez que dispõe de pouco espaço para se expressar, a ser o mais sucinto e expressivo ao realizar um *post*.

Desse modo, assim como Martins (2021), acreditamos que, por se tratar de um ambiente bastante propenso a usos altamente informais da língua, somado a uma limitação na quantidade de caracteres para publicação, essas amostras corroboram a possibilidade de ocorrência de construções em processo de mudança e de ocorrências inovadoras na língua.

Em relação ao *corpus* da modalidade oral, hipotetizamos também encontrar diversos dos padrões a que nos propusemos estudar, uma vez que o gênero entrevista, de acordo com Halperín (1995, p.23), “é a mais pública das conversações privadas”. Segundo o autor, apesar de estar projetada para o âmbito público, a entrevista é um gênero que funciona com as regras de um diálogo privado: expressividade marcada por interrupções, proximidade entre os interlocutores, maior grau de espontaneidade. Essas características, a respeito do gênero entrevista, elencadas por Halperín (1995), estão presentes nos vídeos que selecionamos para compor nosso *corpus*, que nos levou a preferir esse material, já que esse formato facilita também um maior grau de intersubjetividade (Traugott; Dasher, 2002), já que há uma partilha e um ambiente propício que possibilitam uma maior troca entre locutor e interlocutores.

Desse modo, considerando que a entrevista se trata de um gênero oral menos monitorado – que possibilita uma maior expressão de intersubjetividade, já que é uma interação mais espontânea e menos controlada –, esperamos encontrar ocorrências dos padrões construcionais analisados nesta pesquisa, principalmente os mais intersubjetivos. Contudo, destacamos que temos ciência de que nossa seleção de

corpora de análise representa apenas uma parte do uso da língua, e não sua totalidade.

Na próxima seção, apresentamos a metodologia empregada em nossa análise, o método quantitativo e qualitativo, e discutimos a pertinência de sua aplicação em pesquisas pautadas na abordagem construcional.

4.2 MÉTODO MISTO: DEFINIÇÕES E APLICAÇÃO NAS ANÁLISES DOS DADOS

Considerando que este trabalho tem como objetivo mapear e descrever os diferentes padrões construcionais com *assim* e propor a categorização desses padrões no nível microconstrucional, equacionamos a análise qualitativa dos dados ao levantamento da frequência de uso. O uso do método misto, como afirma Cunha Lacerda (2016), em pesquisas que abordam a mudança linguística em uma perspectiva construcional, tem muito a contribuir para trabalhos com esse enfoque, uma vez que é uma metodologia que auxilia na compreensão da regularidade de inovações que emergem na língua no âmbito da abordagem construcional. Desse modo, esse método contribui para a sinalização de evidências sobre os padrões construcionais e sobre os níveis esquemáticos que estão relacionados em uma rede construcional (Cunha Lacerda, 2016). Nesse sentido, para a análise deste trabalho, realizamos um levantamento quantitativo das ocorrências, o que nos permitirá aferir uma descrição minuciosa, por meio de técnicas estatísticas, de cunho quantitativo, do objeto em análise, partindo do contexto em que essas ocorrências se instanciam.

Desse modo, o emprego do método quantitativo para a análise de dados, segundo Diehl (2004), baseia-se na quantificação de dados analisados, visando a evitar eventuais distorções de análise e de interpretação em relação aos resultados. Nesse sentido, de acordo com Richardson (1989), o uso desse método se caracteriza pelo emprego de cálculos estatísticos, do mais simples até o mais complexo.

Por outro, segundo Bryman (1998), o método qualitativo está associado à perspectiva do pesquisador sobre o objeto. Nesse sentido, o uso dessa metodologia possibilita a descrição detalhada do objeto investigado a partir de seu contexto de instanciação. Para tal, o autor propõe que o pesquisador se atenha a: i) descrever

detalhadamente o objeto investigado; ii) compreender o contexto em que esse objeto ocorre; e iii) considerar como os conceitos surgem a partir dos dados, e não *a priori*.

No tocante ao equacionamento entre os dois métodos, especificamente para análises linguísticas, Schiffrin (1987) postula que, a partir da associação desses dois métodos – quantitativo e qualitativo –, o pesquisador pode obter um maior número de ocorrências, o que o possibilitará analisar, de forma mais adequada, a formação e a estrutura de padrões, o que pode auxiliar também na obtenção de uma análise mais aprimorada tanto do objeto em estudo como do seu contexto de ocorrência.

Nesse sentido, Cunha Lacerda (2016) propõe que o equacionamento entre os dois métodos, no âmbito de pesquisas da abordagem construcional da mudança, se deem da seguinte forma: i) no tocante à metodologia qualitativa, essa seria essencial para a caracterização do pareamento entre forma e significado a nível da microconstrução, do subesquema e do esquema e também para a descrição dos contextos de uso em que os construtos emergem na língua; ii) no que concerne à metodologia quantitativa, essa possibilitaria a investigação das propriedades de esquematicidade e de produtividade, uma vez que a frequência de uso colabora significativamente com a identificação da extensão de cada um dos níveis de esquematicidade.

Ademais, Cunha Lacerda (2016, p.89) pontua que uma análise de cunho quantitativo se tornaria relevante para uma pesquisa que englobe os seguintes objetivos:

[...] comprovar como os construtos, devido à sua alta frequência, passam a ser reconhecidos na língua como padrões microconstrucionais, que se estabelecem a partir de um pareamento simbólico e convencional entre forma e significado; [...] compreender a extensibilidade dos níveis mais hierárquicos da rede, atestando que, quanto mais esquemático (com maior número de *slots*) é um subesquema ou um esquema, maior será o número de padrões microconstrucionais sancionados; [...] verificar que, quanto mais produtivo é determinado padrão microconstrucional, maior é a probabilidade de ele servir de exemplar, a partir do mecanismo da analogização – nos termos de Traugott e Trousdale (2013) –, para a emergência de novos padrões microconstrucionais na língua.

Portanto, nesta dissertação, adotamos como metodologia de análise um equacionamento entre os métodos quantitativo e qualitativo. Consideramos, portanto,

que o método misto está em consonância com as proposições teóricas adotadas neste trabalho.

4.3 PROCEDIMENTOS ADOTADOS PARA A ANÁLISE

Conforme já mencionado ao longo deste trabalho, o objetivo geral de nossa pesquisa é investigar como se instanciam e se convencionalizam construções com *assim* na língua portuguesa, a partir dos pressupostos assumidos pela Linguística Funcional Centrada no Uso e, de modo mais específico, pela abordagem construcional da mudança (Traugott; Trousdale, 2013). Nesse sentido, buscamos mapear e descrever os padrões microconstrucionais encontrados nos *corpora* de análise delimitados para este trabalho. Desse modo, nesta seção, visamos a descrever os procedimentos de análise adotados nesta pesquisa.

A fim de cumprir os objetivos propostos, para o levantamento de dados, usamos, inicialmente, conforme já destacado acima, um *corpus*, compilado por Martins (2021), o qual compreende cerca de 1 milhão e seiscentas mil palavras, composto por dados escritos retirados de dez perfis na rede social *Twitter* de subcelebridades brasileiras com faixa etária variando entre 15 e 60 anos, os quais são representados por amostras referentes aos anos de 2017, 2018, 2019 e 2020. Em seguida, partimos para o levantamento de construções com *assim*.

Após a identificação e a coleta de todos os construtos com *assim* encontrados no *corpus*, seguimos, então, para a organização dos padrões construcionais no nível microconstrucional e para a sua subsequente análise. Para tal, classificamos as ocorrências de acordo com as características formais e funcionais por elas partilhadas. A partir da descrição desses construtos, chegamos aos padrões microconstrucionais identificados.

Durante o estudo desses padrões, levantados a partir de um *corpus* da modalidade escrita, indagamo-nos a respeito da produtividade desses mesmos padrões na modalidade oral da língua. Esse questionamento de pesquisa nos levou a uma expansão de nosso contexto de análise, de modo que constituímos um *corpus* representativo da modalidade oral da língua. Esse material é composto por entrevistas

do canal GNT, de dois programas – *Conversa com Bial e Angélica: 50 & tanto* – em que participam celebridades brasileiras, conversando a respeito de diversos temas. Conforme já sinalizado anteriormente, o *corpus* em questão compreende dez vídeos, os quais perfazem um total de 2 horas e três minutos, datados entre os anos de 2023 e 2024.

Após a seleção e a compilação desse *corpus* oral, adotamos os mesmos procedimentos que havíamos realizado anteriormente com os dados representativos da modalidade escrita: por meio da legenda dos vídeos, identificamos e extraímos todas as ocorrências que encontramos com *assim* e, posteriormente, separamos esses construtos por padrão construcional, agrupando, então, todos os *tokens* conforme os traços formais e funcionais por eles compartilhados. Após esse processo, chegamos, então, às microconstruções representativas das ocorrências empiricamente atestadas.

Portanto, nossa análise foi realizada a partir de uma perspectiva *bottom-up*, ou seja, a partir das ocorrências empiricamente atestadas, em que estudamos as informações que essas ocorrências nos forneciam. Desse modo, pudemos classificar as ocorrências identificadas a nível microconstrucional, cuja análise será apresentada a seguir, no Capítulo IV. Ademais, parece-nos importante destacar que, ainda que se pautem nos pressupostos da LFCU e da abordagem construcional da mudança, a análise realizada no próximo capítulo integra também contribuições de diversas filiações teóricas para descrever os pareamentos forma-função de cada microconstrução, representando uma interpretação mais ampla dos dados.

5 CAPÍTULO IV

ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, apresentamos a análise dos dados coletados nos dois *corpora* utilizados nesta pesquisa: o *corpus* da modalidade escrita, formado por dados da rede social *Twitter*, e o *corpus* com entrevistas do GNT, constituído por nós, os quais foram descritos no capítulo anterior. De modo específico, para este trabalho, nos dedicamos a estudar como construções com *assim* se instanciam e se convencionalizam na língua. Nesse sentido, as amostras extraídas dos *corpora* são representativas dos padrões microconstrucionais com *assim*. Para tal, adotamos como referencial teórico os postulados assumidos pela Linguística Funcional Centrada no Uso, conforme apresentamos no primeiro capítulo.

Desse modo, o objetivo principal, neste capítulo de análise, é a descrição dos pareamentos forma-função dos padrões microconstrucionais com *assim*. Para alcançar esse objetivo, realizamos a análise propriamente dita na seção 4.1, que está organizada em vinte e uma subseções –, sendo cada uma delas referente a um dos padrões microconstrucionais identificados e analisados. Já na seção 4.2, realizamos nossas considerações em relação às análises e às discussões empreendidas na seção anterior. Por fim, em 4.3, ensejamos nossas considerações em relação às análises realizadas no presente capítulo.

5.1 PADRÕES MICROCONSTRUCIONAIS COM ASSIM NOS CORPORA ANALISADOS

Conforme discutido no Capítulo I, as microconstruções são definidas por Traugott e Trousdale (2013) como ocorrências *types* mais específicas – ou seja, as microconstruções compreendem as construções individuais propriamente ditas –, as quais estão sob a hierarquia de um esquema em uma rede construcional. Por se tratar de um nível mais específico, cada padrão microconstrucional apresenta forma e função únicas e distintas dos outros padrões microconstrucionais sob a mesma hierarquia. Isso possibilita a classificação de um construto – ocorrência atestada empiricamente – como pertencente a um padrão específico, uma vez que os

construtos, ou *tokens*, são caracterizados como o sendo *locus* da mudança. A partir dos construtos, se tornam possíveis a descrição e a análise dos padrões microconstrucionais que discutimos nesta seção.

Com base nos *corpora* analisados, contatamos um total de 1031 ocorrências com *assim*, sendo 852 ocorrências referentes ao *corpus* da modalidade escrita e 179 ocorrências referentes ao *corpus* da modalidade oral. A partir da análise dessas ocorrências, identificamos vinte e um padrões microconstrucionais. Isso posto, em cada subseção desta seção, objetivamos descrever cada um desses padrões microconstrucionais por nós identificados. Nesse sentido, as subseções a seguir estão organizadas em vinte e uma. Em cada uma delas, apresentamos e descrevemos um dos padrões construcionais identificados. Para tal, apresentamos, em cada subseção, quatro ocorrências em uma análise de cunho qualitativo, sendo duas referentes ao *corpus* da modalidade escrita e duas referentes ao *corpus* da modalidade oral²⁰. Nas ocorrências relativas ao segundo *corpus* de análise, a transcrição foi realizada por nós, buscando seguir as convenções normativas ao realizar a transcrição.

5.1.1 Padrão microconstrucional temporal

O primeiro padrão microconstrucional identificado com *assim* é o padrão que indica demarcação de temporalidade, formado pelo *chunk assim que*. Nos *corpora* de análise, encontramos construtos representativos desse padrão construcional apenas no *corpus* da modalidade escrita, no qual levantamos 20 ocorrências, as quais atestaram 2,34% dos dados desse *corpus*. Esse padrão se caracteriza por indicar um fato imediatamente anterior a outro. Vejamos, no quadro 2, a seguir, a descrição da forma e da função desta microconstrução:

²⁰ Conforme apresentado na tabela 2, as microconstruções atestaram diferentes níveis de produtividade em cada *corpus*. Nesse sentido, discutiremos duas ocorrências de cada um desses *corpora* apenas nos padrões microconstrucionais que atestaram, pelo menos, duas ou mais ocorrências.

Quadro 2 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução temporal

Microconstrução 1 - Temporal	
Forma	[(oração 1) + ASSIM QUE + oração 2]
Função	Promover a delimitação temporal do evento presente na proposição

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Esta microconstrução tem sua forma descrita como [(oração 1) + ASSIM QUE + oração 2], em que a oração 1, no começo, é opcional, já que constatamos ocorrências em que a oração pode ser iniciada pelo segmento *assim que*, que é seguido por uma segunda oração que instancia o evento que é temporalmente delimitado por *assim que*. De acordo com Santos (2019, p.147), a microconstrução *assim que*, com valor temporal, “embora não possua elemento de origem temporal, em uma de suas acepções, apresenta tal valor desde os seus primeiros usos (*assim que* equivale a *quando*)”. Segundo a autora, mesmo que, em sua origem, não tenha base temporal, a associação do *slot X*, do esquema *X que*, a outros elementos de base temporal – advérbios como *logo*, *logo que* – e sua proximidade entre esses elementos na rede levaram a sua instanciação como uma construção temporal.

Ademais, nos dados representativos desse padrão construcional que encontramos, é possível corroborar os postulados de Rocha Lima (2011) de que funcionalmente *assim que* demarca temporalmente duas circunstâncias, em que uma é imediatamente anterior a outra. Desse modo, essa construção promove a delimitação temporal dos acontecimentos presentes – ou ensejados – na proposição. A seguir, descrevemos duas amostras retiradas do corpus do *Twitter*, uma vez que não identificamos ocorrências representativas desse padrão no *corpus* do *Youtube*.

Figura 7 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 1



Fonte: Twitter (2019).

Na ocorrência acima, o locutor faz um breve relato, exprimindo conjuntamente sua opinião sobre uma postagem, em redes sociais, de Madonna em sua turnê. Os locutores expressam sua opinião em relação à fala, à postura e aos temas debatidos pela cantora em sua publicação. Desse modo, mantendo esse tópico conversacional, um interlocutor, Felipe, responde pedindo que eles continuem comentando sobre o assunto – a turnê da cantora. Ao realizar esse pedido, é usada a construção temporal *assim que*, demarcando a temporalidade da solicitação de Felipe. Em relação à forma, constata-se que há, na oração 1, uma solicitação: “comenta sobre a setlist e pontos altos do show”; em sequência, é expresso o momento, demarcando, temporalmente, quando essas ações poderiam ser realizadas, o que ocorre por meio da microconstrução *assim que*. Portanto, percebe-se a função de demarcar a temporalidade – quando puderem – do pedido feito pelo interlocutor.

Figura 8 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 1



Fonte: Twitter (2019).

Na ocorrência acima, a locutora revela um hábito adquirido por ela: o de tomar chá de uma marca em específico. Ao fazer esse relato, ela compartilha alguns de seus gostos pessoais, o fato de não gostar desse tipo de bebida, mas que deveria provar os dessa marca, dizendo que, surpreendentemente, gostou muito do sabor, o que a levou a um consumo, em grandes quantidades, dos chás dessa marca. Ao relatar a alta frequência com a qual consome a bebida, a locutora relata em quais momentos de seu dia realiza essa ação, demarcando-a temporalmente. Para fazer essa delimitação temporal, a locutora usa a microconstrução temporal *assim que*, a qual, nesse construto, tem sua forma constituída pela oração 1 – com o verbo *tomar*, *tomo* – seguido por *assim que*, que se coaduna segunda oração, a qual explicita o momento do dia em que essa ação é realizada, por meio do verbo acordar, *acordo*. Constata-se, então, que a função dessa microconstrução é demarcar temporalmente o momento em que a locutora realiza a ação de tomar chá.

5.1.2 Padrão microconstrucional dêitico

O segundo padrão microconstrucional analisado, neste trabalho, é a microconstrução dêitica, a qual, nos dados, atestou 261 *tokens* – sendo 242 referentes ao *corpus* do *Twitter*, correspondendo a 28% dos dados desse *corpus*, e 19 ao *corpus*

de entrevistas, representando 10,62% de sua amostragem total. Essa microconstrução tem como característica fundamental apresentar, no discurso, um apontamento para algum elemento, seja no nível discursivo – endóforo – ou fora dele – exóforo. Vejamos o quadro 3, a seguir, o qual representa a forma e a função deste padrão microconstrucional.

Quadro 3 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução dêitica

Microconstrução 02 – Dêitica	
Forma	[[[(V)+ SN] / [V ligação + (ADJ)]] + ASSIM (+ ADJ. ADV)]
Função	Promover o apontamento de um referente no discurso

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Essa microconstrução apresenta a forma [[[(V)+ SN] / [V ligação + (ADJ)]] + ASSIM (+ ADJ. ADV)], em que um sintagma nominal – associado ou não a um verbo – ou de verbo de ligação – seguido ou não por um adjetivo –, combina-se com *assim*, realizando o apontamento para algum elemento. Ademais, constatamos que *assim* pode ser precedido por um nome, verbo ou adjetivo, pois o enfoque do apontamento – e, logo, do sintagma descrito que é objeto desse apontamento – pode aparecer em diferentes posições do enunciado, seja no começo ou no final da sentença. Ferrarezi Jr. (2019, p. 43), ao discutir o fenômeno de dêixis, comenta que “as línguas nos permitem localizar os diversos elementos no espaço e, inclusive, uns em relação aos outros”, de modo que, ao usarmos os elementos dêiticos dos quais dispõem uma língua, podemos localizar e referenciar diferentes elementos: pessoas, elementos a que nos referimos, posições no espaço e no tempo, entre outras. Ademais, em todas as ocorrências dos dados da modalidade escrita, constatamos que essa função dêitica era realizada em referência a uma imagem ou a um vídeo e que, nos dados referentes à modalidade oral, o locutor realizava um apontamento para o próprio corpo – de maneira a reproduzir uma expressão facial ou gestual –, sendo, então, um recurso linguístico bastante expressivo.

Além disso, Levison (2007) argumenta que muitas expressões na língua que não são originalmente indexicais podem, mediante o contexto de uso, se tornar indexicais. Nesse sentido, o autor argumenta que praticamente qualquer expressão

de referência pode ser usada deiticamente. Essa colocação do autor corrobora a funcionalidade e a produtividade desse padrão construcional de *assim* como dêitico. Descrevemos, a seguir, quatro amostras dessa microconstrução – sendo duas representativas do *corpus* escrito e duas do *corpus* oral.

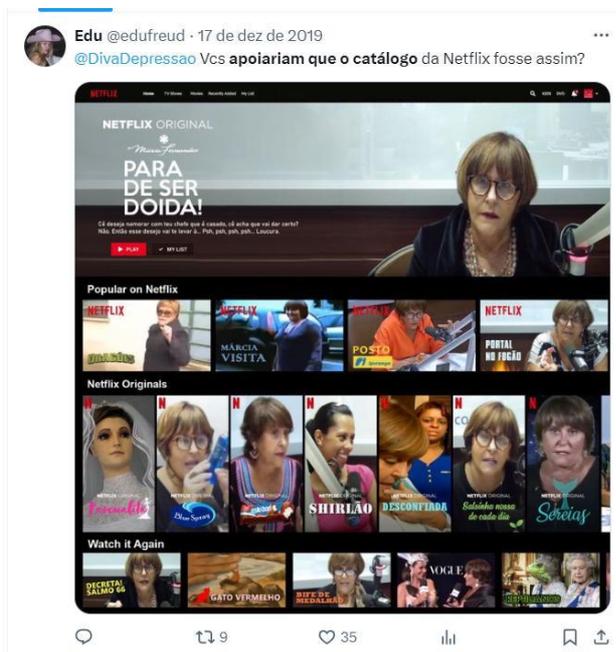
Figura 9 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 2



Fonte: Twitter (2018).

Na ocorrência acima, a locutora faz uma pergunta ao seu público, questionando se ele também estaria com algum erro no aplicativo do *Instagram*. Para explicar em que consistiria esse problema, ela anexa uma imagem com a reprodução de como está a interface do aplicativo. Ao mostrar essa imagem, constata-se o uso desse padrão microconstrucional na fala da locutora, o qual é empregado para referenciar a imagem anexada por ela. Com relação à forma, todos os elementos estão presentes nesta ocorrência: o nome “o insta” – com adjunto adnominal “de vocês” especificando os interlocutores –, seguido pelo verbo *está* e *assim*. Já no que tange à função desse construto, há a realização de um apontamento para uma imagem, que é referenciada em sua fala, de modo que contribui para corroborar os postulados no discurso da locutora.

Figura 10 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 2



Fonte: Twitter (2019).

Na ocorrência acima, o locutor faz uma pergunta a outra pessoa, marcando seu nome de usuário na rede social, em que questiona se seu interlocutor gostaria do eventual catálogo para a *Netflix* ao qual ele se refere. Para referenciar esse possível catálogo, o locutor anexa uma imagem. Todos os elementos da forma encontram-se nesse excerto: o sintagma nominal *catálogo da Netflix*, seguido pelo verbo de ligação *fosse*, antecedendo *assim*. No que tange à função, *assim* realiza um apontamento para a imagem anexada em que ancora – e amplia – sua colocação, já que na imagem há uma descrição – e exemplos – de como seria esse eventual catálogo.

(17) “eu falei vou trancar. Normal, né? Tranquei, botei a chave **assim** do lado da escrivaninha. Eu ia ligar pra minha mãe, pra ela abrir, só que eu esqueci.”²¹(*Corpus oral, entrevistas Youtube – anos 2023 e 2024*)

Na ocorrência acima, representativa dos dados obtidos na plataforma *Youtube*, a locutora, Drica de Moraes, está contando um relato de sua adolescência, narrando

²¹ Cf.: https://www.youtube.com/watch?v=WBAAttd6RmZQ&t=501s&ab_channel=CanalGNT. Acesso em 17 de jul. de 2024.

uma ocasião em que ela acabou ficando presa no próprio quarto. Ao relatar a história – e contar seus pormenores –, a atriz conta brevemente a sequência dos acontecimentos, dizendo que decidiu trancar a porta do quarto, tendo, em seguida, colocado a chave do lado da escrivaninha. Quando relata essa sequência de ações, a locutora, ao dizer que colocou a chave na escrivaninha, reproduz gestualmente como teria sido essa ação. Nesta ocorrência, a forma da microconstrução é composta pelo nome *chave*, seguido por *assim* e, em sequência, neste construto, há o elemento opcional de adjunto adverbial, “do lado da escrivaninha”. No que concerne à função, a locutora usa essa construção de maneira a apontar essa reprodução gestual de como teria sido sua ação, reencenando como foi naquele momento deixar a chave do quarto no móvel. Esse uso dêitico, seguido pelo gesto de encenação propriamente, chama a atenção de seus interlocutores e enfoca na maneira como teria ocorrido a situação, de modo a elucidar sua narrativa e a deixá-la mais clara e ilustrativa para seus interlocutores.

(18) Eu peguei o elevador, o cara entrou, olhou pra mim e falou “*brasileña?*”. Eu falei “*aham*”. Ele falou “*você podia fazer*” e já tocou no meu nariz **assim** ó “*levantar isso*”²². (Corpus oral, entrevistas *Youtube* – anos 2023 e 2024)

Em (18), a locutora, Xuxa, está relatando o contexto e as situações prévias que a levaram a fazer sua primeira cirurgia plástica aos dezoito anos. A locutora relata que, por casualidade, estava junto com um médico no elevador e que ele teria sugerido que ela fizesse pequenos ‘ajustes’ no nariz. A fim de elucidar a situação, ela reproduz as falas e, gestualmente, as atitudes do médico: “*ele fez assim*”. Desse modo, nesta ocorrência, a forma é constituída pelo sintagma nominal *meu nariz* seguido por *assim*. Já a função desta microconstrução é a de apontar para a gesticulação da locutora, uma vez que ela, ao reencenar as ações do cirurgião, chama a atenção de suas interlocutoras para o próprio corpo, de maneira a apontar para a encenação das atitudes do médico realizadas por ela própria. Constatamos, portanto,

²² Cf.: https://www.youtube.com/watch?v=Sjq0pyF6Qec&t=568s&ab_channel=CanalGNT. Acesso em 17 de jul. de 2024.

que se trata, também, de uma referenciação exófora, já que a locutora está fazendo uma remissão aos próprios gestos.

5.1.3 Padrão microconstrucional anafórico

O padrão microconstrucional anafórico, terceiro em estudo neste trabalho, atestou um total de 200 ocorrências nos *corpora* de análise. No *corpus* escrito, esse padrão se caracteriza como o segundo mais produtivo, com um total de 181 ocorrências – representando 21,24%. Já no *corpus* da modalidade oral, obtivemos 19 *tokens*, os quais correspondem a 10,62% dos dados. Esse padrão microconstrucional tem por característica prototípica a realização de referência a alguma informação anteriormente mencionada. Desse modo, o locutor faz uso dessa microconstrução como uma estratégia de remissão a algum evento prévio do discurso. A seguir, no quadro 4, apresentamos a descrição da forma e da função desta microconstrução.

Quadro 4 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução anafórica

Microconstrução 3 – Anafórica	
Forma	[porção do discurso objeto da anáfora + [[V (+ SN)/ [V ligação]] + ASSIM]
Função	Promover uma anáfora

Fonte: elaborado pela autora (2024).

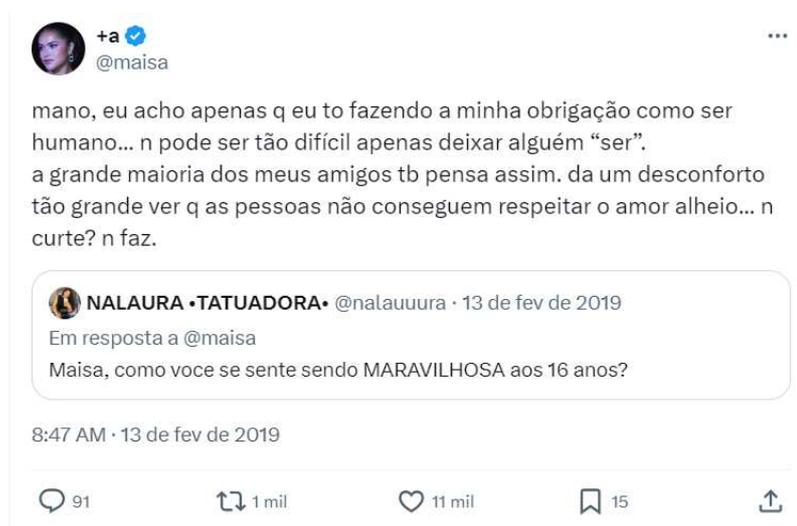
Conforme apresentado no quadro 4, a forma dessa construção é descrita como [porção do discurso objeto da anáfora + [[V (+ SN)/ [V ligação]] + ASSIM], em que verbos e/ou nomes vinculados a *assim* fazem uma remissão a uma porção do discurso anteriormente mencionada, a qual é objeto da anáfora. No que diz respeito à função, a microconstrução 3 apresenta como função basilar a realização de uma referência anteriormente mencionada no discurso.

Conforme discutimos no Capítulo II, segundo Koch (2018, p.19), ao discutir coesão textual, há “itens da língua que não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, mas remetem a outros itens do discurso necessários à sua interpretação”. Desse modo, quando essa referência é endófora, isto é, tem seu

referente expresso no próprio texto, essa remissão pode se dar de duas maneiras: se essa remissão precede elementos que serão apresentados em sequência, trata-se de uma catáfora; por outro lado, se essa retomada é feita em relação a algum elemento já mencionado, trata-se de uma anáfora. Desse modo, as microconstruções anafóricas têm por característica fundamental a retomada de alguma parte do discurso anteriormente mencionada, colaborando para a organização progressiva do fluxo de informações.

A seguir descreveremos quatro ocorrências, retiradas dos *corpora* analisados, a fim de ilustrar a microconstrução 3 no que tange ao pareamento forma-função.

Figura 11 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 3



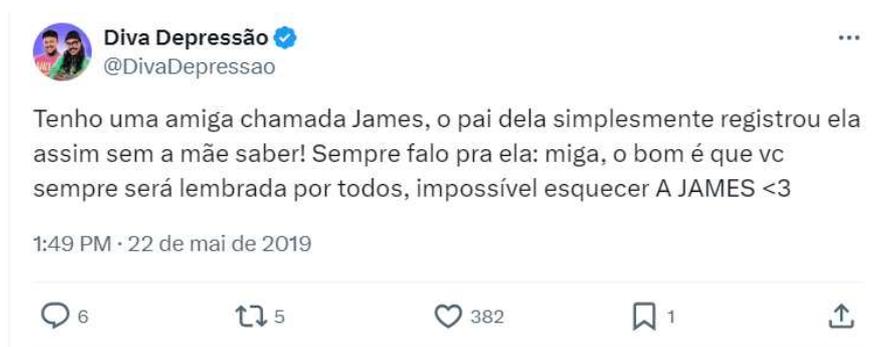
Fonte: Twitter (2019).

Na ocorrência acima, a locutora se expressa a respeito de uma pergunta feita pelo seu interlocutor, revelando como ela se sentia em relação às suas próprias atitudes e às suas ações tendo apenas dezesseis anos. Ao responder esse questionamento, a locutora exprime sua opinião: a de que, em suas palavras, está fazendo apenas sua obrigação como ser humano; em sequência, pontua que esse é um pensamento partilhado por seus amigos.

Desse modo, ao falar dos amigos, há a realização de uma anáfora, em que a forma [porção do discurso objeto da anáfora + [[V (+ SN)/ [V ligação]] + ASSIM] se cumpre, já que *assim* se coloca junto com o verbo *pensar*. Há, então, uma porção do

discurso em que locutora fala de suas próprias atitudes, seguida pelo verbo *pensar*, combinando-se com *assim*. Desse modo, essa ocorrência anafórica tem por função, ao falar dos amigos, sinalizar que ambos – a locutora e os amigos – compartilham as atitudes da locutora por ela anteriormente mencionadas.

Figura 12 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 3



Fonte: Twitter (2019).

Na ocorrência acima, o locutor narra uma situação sobre uma relação pessoal sua. Como ele destaca, uma de suas amigas, nomeada como James, teve seu nome registrado pelo pai sem que a mãe soubesse. Ao fazer esse relato, há a ocorrência de uma anáfora, em que podemos perceber todos os elementos descritos na forma da microconstrução: a porção do discurso anterior que é o objeto da anáfora, em que o relato a respeito do nome da amiga é feito; o verbo *registrou*, que se combina com pronome *ela*, que enseja a anáfora a ser realizada em sequência, junto a *assim*, contemplando, portanto, todos os aspectos formais desse padrão construcional. Já no que concerne à função anafórica, essa é exercida por meio dessa forma descrita, ao fazer uma remissão ao relato mencionado pelo locutor sobre a história do nome da amiga.

(19) Angélica: Eu quero falar um monte de coisa com vocês, mas quero que vocês falem, Preta e Bárbara também, desse momento, esse momento que eu contei o meu aqui, esse momento x ali, aquele momento que o chão sai um pouco, né. A Susana contou ali que ela “ah, não quero isso eu, não vou aceitar”, com você foi **assim** também?²³ (*Corpus oral, entrevistas Youtube – anos 2023 e 2024*)

²³ Cf.: https://www.youtube.com/watch?v=W7bSSgnSQMo&t=148s&ab_channel=CanalGNT. Acesso em 15 de jul. de 2024.

Na ocorrência acima, excerto extraído de um vídeo do programa *Angélica: 50 & tanto*, a locutora, Angélica, tem três interlocutoras: Preta Gil, Bárbara Paz e Susana Vieira. Ao retomar para si o turno de fala, expressa brevemente a sua vontade de compartilhar várias informações com suas interlocutoras, porém exprime o seu desejo de que elas – Preta e Bárbara – também o façam. Nesse sentido, para instigar essa ação por parte de suas interlocutoras, Angélica traz o tema de volta ao tópico conversacional, relatando brevemente a opinião dada por Susana sobre o assunto. Desse modo, após reproduzir a fala da atriz, a locutora – de maneira a instigar que elas compartilhem suas opiniões – pergunta as outras se com elas também havia sido dessa forma, usando, para tal, a microconstrução anafórica com *assim*. Percebemos, portanto, que a função deste construto busca realizar uma remissão à fala anterior, contribuindo para a disposição das informações na sequência discursiva. Quanto aos aspectos formais, constatamos que esses são contemplados com porção do discurso objeto da anáfora – reprodução da fala de outrem pela locutora –, com o sintagma preposicionado *com* você, seguido pelo verbo de ligação *foi*, que se combinam com *assim*, referenciando a porção do discurso anterior, que é o objeto dessa anáfora.

(20) Angélica: Eu sei que os amigos te trazem isso, mas você tem muito uma fé muito grande.

Preta Gil: eu concretizo ela nos meus orixás, porque é a minha ancestralidade, então é **assim** que ela se manifesta em mim. (*Corpus* oral, entrevistas *Youtube* – anos 2023 e 2024)

Em (20), as participantes da interação, estão conversando sobre fé e espiritualidade. Nesse sentido, Angélica diz saber que Preta Gil tem uma fé muito grande. Desse modo, ao responder à elocução da apresentadora, Preta Gil discorre sobre suas crenças, explicando como essas funcionam em sua vivência. No discorrer de sua explicação, a locutora usa a microconstrução anafórica com *assim*. Quanto aos aspectos formais, esses são contemplados com a porção do discurso, que é objeto da anáfora, estando no começo da fala de Preta, seguido pelo verbo de ligação *ser – é – e assim*, e realizando a referência à explicação anterior. Portanto, a função desta microconstrução é ser um recurso coesivo, de maneira a colaborar para a organização e a progressão das informações no discurso.

5.1.4 Padrão microconstrucional catafórico

O próximo padrão construcional identificado nos *corpora* foi o catafórico. Para esse padrão, identificamos um total de 104 ocorrências, sendo 73 delas coletadas no *corpus* do *Twitter* – em que representam 8,57% dos dados – e 31 no *corpus* de entrevistas do *Youtube* – correspondendo a 17,32%. No segundo *corpus*, esse padrão foi o segundo mais produtivo. Essa microconstrução se caracteriza por realizar uma projeção catafórica no discurso. Vejamos a descrição desse padrão construcional, no quadro 5, abaixo.

Quadro 5 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução catafórica

Microconstrução 4 – Catafórica	
Forma	[[[(SN) + V /V ligação] + ASSIM] porção do discurso objeto da catáfora]
Função	Promover uma catáfora

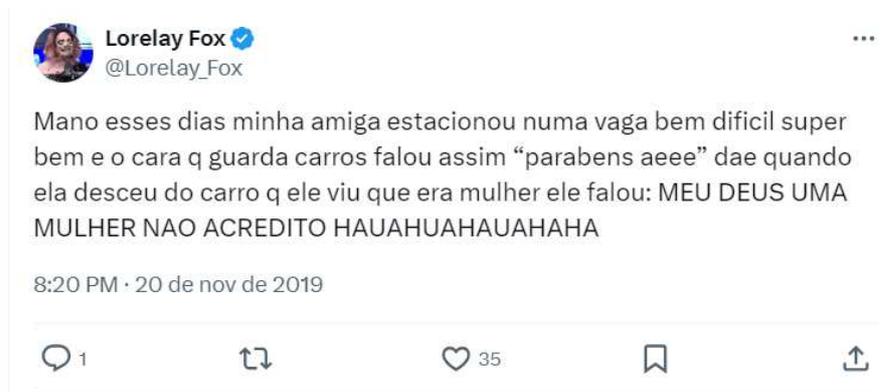
Fonte: elaborado pela autora (2024).

Conforme descrito no quadro acima, essa microconstrução tem sua forma constituída por [[[(SN) + V /V ligação] + ASSIM] porção do discurso objeto da catáfora], em que um verbo ou verbo de ligação, seguido por *assim*, realiza uma projeção sobre algum elemento subsequente.

Em relação à função desempenhada por esse padrão microconstrucional, conforme discutimos na subseção anterior, no âmbito da coesão textual, segundo Koch (2018), existem elementos na língua que não podem ser interpretados por si próprios. Desse modo, fazem referência a outros elementos para sua interpretação. De acordo com a autora, quando essa remissão é feita de forma antecipada, trata-se de uma catáfora. Nesse sentido, a junção de elementos mobilizada pela forma dessa microconstrução visa a promover uma catáfora, a qual colabora para a coesão das informações articuladas no discurso.

Em sequência, discutimos quatro amostras, retiradas dos *corpora* analisados, a fim de ilustrar a microconstrução 4.

Figura 13 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 4



Fonte: Twitter (2019).

Na ocorrência acima, a locutora relata um fato ocorrido com uma amiga alguns dias antes. A amiga em questão estava dirigindo e, ao estacionar em uma vaga descrita como difícil, é elogiada pelo funcionário do estacionamento. Ao reproduzir o elogio feito pelo funcionário, a locutora se reporta à fala de outrem – o guarda –, o que permite constatar, nessa fala, elementos prototípicos de reporte discursivo com a reprodução dessa fala realizada com o uso de aspas. Desse modo, na sequência dos acontecimentos narrados, após a realização da baliza e antes de propriamente reproduzir a fala do funcionário, a locutora projeta essa ação, por meio da proposição “o cara q guarda carros falou assim”, reproduzindo, na sequência, a fala.

Nesse sentido, ao realizar a reprodução do elogio, a locutora faz uso da microconstrução catafórica, a qual é constituída pela forma sujeito “cara que guarda carros”, pelo verbo *falar*, seguido por *assim*, projetando, em sequência, a porção do discurso que é objeto da catáfora – que, nesse caso, é a fala do funcionário do estacionamento sendo reproduzida. No que tange à função, percebemos que o uso da catáfora auxilia na construção da sequência textual, uma vez que, na ocorrência acima, trata-se de um relato sendo realizado, de modo que há uma sequência de acontecimentos sendo enumerados. Nesse sentido, usar formas remissivas, como a catáfora, nesse caso, colaboram com a coesão do discurso, o que é constatado na ocorrência acima.

Figura 14 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 4



Fonte: Twitter (2017).

Na ocorrência anterior, a locutora expõe uma ideia sua, a saber: a de fazer um vídeo para o *youtube* se maquiando em que os espectadores participariam opinando sobre a escolha dos itens que ela poderia usar. Desse modo, antes de explicar sua ideia, enunciando como as pessoas poderiam participar e colaborar, percebemos uma catáfora representativa do padrão microconstrucional 04. Observa-se que a forma dessa microconstrução é contemplada quando a locutora enuncia que teve “a ideia de fazer *live* no *youtube*”. Essa sequência se coloca junto com *assim*, que atua como um referente em relação às ideias que serão enumeradas na sequência discursiva. Desse modo, a função deste padrão construcional, nesta elocução, é colaborar para que haja coesão textual no discurso da locutora, contribuindo para a organização e o sequenciamento das informações na fala da locutora.

(21) eu fui criada com muita liberdade, minha mãe classe média, muitos filhos – cinco filhos –, e minha mãe sempre falou pra gente **assim**: “olha, vocês precisam para ser felizes três coisas.”²⁴ (*Corpus oral, entrevistas Youtube – anos 2023 e 2024*)

Na ocorrência acima, Drica Moraes está contando um pouco sobre como foi sua criação, relatando, brevemente, sobre seu contexto familiar. A atriz descreve a sua criação como sendo bastante liberal, dizendo que a mãe era de classe média e tinha cinco filhos. Ao continuar caracterizando a mãe, para reproduzir uma de suas falas, a atriz faz uso da microconstrução catafórica com *assim*. Vê-se, nesse caso, que a forma dessa construção é realizada a partir do SN “minha mãe”, que se combina com o verbo *falou*, seguido por *assim*. Desse modo, essa microconstrução tem por

²⁴ Cf.: https://www.youtube.com/watch?v=WBAAttd6RmZQ&t=70s&ab_channel=CanalGNT. Acesso em: 16 de jul. de 2024.

função realizar uma remissão, apontando para a porção do discurso que é o objeto da catáfora: a reprodução da fala da mãe.

(22) E é engraçado que as pessoas falavam **assim** “ah, você tá fazendo curso de palhaço, e aí, muita gargalhada?” eu falava “Cara, às vezes só choro²⁵” (*Corpus oral, entrevistas Youtube – anos 2023 e 2024*)

Em (22), o entrevistador, Bial, e as convidadas estão conversando sobre os desafios de trabalhar com humor. Dessa forma, quando Letrux relata brevemente a reação das pessoas quando conta que estuda sobre o assunto – se formando no teatro como palhaça –, a cantora usa a microconstrução catafórica com *assim* para reproduzir uma pergunta das pessoas com quem conversa. Nesse contexto, a função da construção catafórica é atuar como um eixo coesivo na sequência de fatos narrados pela artista, para a organização e a progressão da sequência discursiva. No que tange à forma, constata-se que todos os elementos formais desse padrão construcional são contemplados pela ocorrência do SN “as pessoas”, do verbo *falavam* e de *assim*. Na sequência, é projetada a porção do discurso objeto da catáfora, sendo essa a reprodução da pergunta das pessoas à atriz.

5.1.5 Padrão microconstrucional comparativo

O padrão microconstrucional comparativo caracteriza-se por estabelecer uma comparação entre dois elementos do discurso: um mencionado anteriormente e um subsequente a *assim como*, que é o responsável por estabelecer a relação entre os dois elementos. Nos *corpora* analisados, este padrão mostrou-se particularmente produtivo no *corpus* escrito, com 38 ocorrências – representando 4,46% da amostragem desse *corpus* –, em relação ao *corpus* oral, em que identificamos apenas 01 ocorrência – que corresponde a 0,56% dos dados nesse *corpus*. Vejamos, a seguir, no quadro 6, a descrição da forma e da função desse padrão construcional.

²⁵ https://www.youtube.com/watch?v=PSIbNc4JbsA&t=72s&ab_channel=CanalGNT. Acesso em: 16 de jul. de 2024.

Quadro 6 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução comparativa

Microconstrução 5 – Comparativa	
Forma	[porção do discurso + ASSIM COMO + porção do discurso]
Função	promover uma comparação entre referentes no discurso

Fonte: elaborado pela autora (2024).

A forma dessa construção é representada por [porção do discurso + ASSIM COMO + porção do discurso], em que duas proposições são conectadas pelo *chunk assim como*, que estabelece uma relação de comparação entre as duas proposições, com a adição de uma nova informação no segundo segmento discursivo. De acordo com Neves (2000), conforme discutimos no Capítulo II, as construções comparativas, do ponto de vista sintático, se caracterizam pela interdependência de dois elementos, o que corresponde à forma que identificamos nas ocorrências desse padrão: duas proposições que têm sua relação estabelecida, nos dados, por *assim como*. Já do ponto de vista semântico, essas construções se caracterizam pelo estabelecimento de um cotejo entre esses dois elementos. Neves (2000) especifica que as construções comparativas podem ser de dois tipos, correlativas e não-correlativas. Dessas construções, interessa-nos especificamente as de primeiro tipo, que, segundo a autora, são sempre de igualdade, implicando uma adição correlativa e tendo, no ensejo de comparação, a conjunção comparativa prototípica *como* precedida pelo indicador fórico modal *assim*, formando a construção comparativa *assim como* (Neves, 2000, p.899). Desse modo, a comparação *assim como* implica também que haja adição correlativa no segundo elemento. Apresentamos, a seguir, a descrição de três excertos, sendo dois do *corpus* do *Twitter* e um do *corpus* de entrevistas do *Youtube*.

Figura 15 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 5



Fonte: Twitter (2019).

Na ocorrência acima, a locutora, uma atriz, responde a uma opinião de um internauta sobre um personagem interpretado por ela. Para tal, a locutora comenta sobre diferentes personagens que interpretou, estabelecendo uma comparação entre eles, de maneira que usa a construção comparativa *assim como*. Quanto à forma, percebemos que há duas proposições que são cotejadas por *assim como*; sendo, então, “Maria Joaquina era uma personagem” *assim como* “Mirela, Isabela, Manoela e todos outros que fiz”. No que concerne à função, a locutora usa essa construção a fim de estabelecer uma relação entre as proposições – que Maria Joaquina e todas as outras citadas tratava-se de personagens fictícios –, realizando, na segunda proposição, a adição de informação – outros personagens – que ilustram a afirmação da locutora. Desse modo, a comparação realizada pela locutora objetiva elucidar que todos eles – os nomes citados – trata-se de personagens fictícios interpretados por ela e não da própria atriz.

Figura 16 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 5



Fonte: Twitter (2020).

Na ocorrência acima, a locutora expressa sua opinião a respeito de viajar, dentro do país, na época de carnaval. Desse modo, expõe seu argumento de que é uma época mais cara, com alto fluxo de pessoas e com preços discrepantes em relação a outras épocas do ano, reiterando ainda que mesmo viajar para o exterior, México, era mais barato do que a região nordeste do Brasil. Nesse sentido, devido a todos os fatores por ela mencionados, a locutora sintetiza que o turismo no Brasil não é acessível para o brasileiro. No enunciado final, a locutora usa a construção comparativa para *assim como*, tendo a forma: “turismo no Brasil não sendo acessível pro brasileiro” – primeira proposição –, seguida pelo *chunk assim como* “várias coisas básicas” – segunda proposição. No que tange à função, essa microconstrução é usada para cotejar as duas informações com a adição de novas informações no ato comparativo, ou seja, a acessibilidade do turismo com outras coisas no país.

(23) Juan, é o seguinte, esse negócio de ser pai jovem, que nem você é, deve ter te ajudado a ter a maturidade para encarar um personagem **assim como** agora você tá encarando. ²⁶ (*Corpus oral, entrevistas Youtube – anos 2023 e 2024*)

²⁶ Cf.: https://www.youtube.com/watch?v=4XKtMi4DikY&t=77s&ab_channel=CanalGNT. Acesso em 17 de jul. 2024.

Na ocorrência acima, o locutor, Bial, comenta a sua opinião sobre o fato de seu interlocutor, Juan, um ator, ter sido pai jovem, apontando que isso possivelmente o teria ajudado na composição de personagens como o que ele está interpretando no momento da entrevista. Ao cotejar as duas proposições, a sua opinião/ impressão acerca do seu interlocutor ter sido pai jovem e o desafio do personagem atual, o locutor usa a construção *assim como*. A forma da microconstrução, representada nesta ocorrência, é composta por porção do discurso, pelo *chunk assim como* e por mais uma porção do discurso subsequente. No que tange à função, a correlação estabelecida entre as duas proposições – ser pai jovem e um personagem mais maduro – ajuda o locutor a elucidar a sua opinião de que esse fato sobre a vida pessoal do interlocutor o teria ajudado na composição de seu personagem, auxiliando, desse modo, na construção da coesão e organização discursiva. Além disso, a proposição no segundo elemento discursivo revela novas informações acerca do papel interpretado pelo ator – de um personagem com maior maturidade.

5.1.6 Padrão microconstrucional exemplificativo

O sexto padrão identificado foi o exemplificativo, para o qual levantamos um total de 22 ocorrências, sendo 17 referentes ao *corpus* do *Twitter* – aferindo a 2,00% da amostragem desse *corpus* – e 05 ao *corpus* de entrevistas – equivalendo a 2,79% desses dados. Esta microconstrução tem como função basilar promover uma exemplificação, atuando dentro do escopo da conexão. Vejamos a seguir, no quadro 7, a descrição da forma e da função deste padrão microconstrucional:

Quadro 7 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução exemplificativa

Microconstrução 06 – Exemplificativa	
Forma	[(<i>algo/ (DET) coisas</i>) + ASSIM]
Função	Promover uma exemplificação

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Conforme apresentado no quadro 7, esta microconstrução tem sua forma constituída por [(*algo/(DET) coisas*) + ASSIM], em que, na primeira parte, há um *slot*

com duas possibilidades de preenchimento: algo ou (DET) coisas, que se coaduna a *assim*. No que tange à função, Vieira (2020), ao estudar construções com *que nem*, propõe que o padrão construcional exemplificativo estaria relacionado ao esquema metonímico de relação Todo-Parte, em que “a parte pode deslizar de funções menos específicas em direção a uma especificidade superior, aliado, sobretudo, a uma maior (inter)subjetividade” (Vieira, 2020, p.101). Ademais, Dias (2006) argumenta que construções apositivas têm, no segundo elemento, a retomada do primeiro e que, em alguns casos, essas construções podem ter subfunções conclusivas e avaliativas. Discutimos aqui os postulados de Dias em relação a construções apositivas, já que, em alguma medida, construções desse tipo englobam a ideia de exemplificação, de maneira que fazemos uso de algumas de suas considerações. Desse modo, baseando-nos em Vieira (2020) e Dias (2006), a partir das análises dos construtos deste padrão, consideramos que a função basilar desta microconstrução é a promoção de uma conexão entre a parte mais específica e o todo, de modo que a retomada da parte mais específica por meio dessa construção ratifica, a partir da corroboração de uma exemplificação, o que foi ensejado anteriormente pelo locutor. Ademais, o uso deste padrão, em algumas ocorrências, se dá no final da elocução, de modo que constatamos também, indo ao encontro aos postulados de Dias (2006), a atribuição de uma conclusão da fala conjuntamente com a exemplificação. A seguir, apresentamos quatro ocorrências desta microconstrução.

Figura 17 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 6



Fonte: Twitter (2019).

Na ocorrência acima, a locutora se diz triste por não falar espanhol, pois isso seria uma desfeita com suas raízes familiares. Ao ser indagada por um internauta em relação a esse tema – a relação de sua família com a língua espanhola –, a locutora explica que um antepassado seu veio da Espanha para o Brasil e a esposa também. Ao realizar essa explicação, é usada a construção exemplificativa, ao final da elocução, com a forma *algo* combinando-se a *assim*. No que tange à função, constata-se que há a retomada da Parte-Todo, discutida por Vieira (2020), já que há uma generalização ao falar que a tataravó poderia espanhola ou argentina e das possibilidades do gentílico da antepassada, uma vez que o uso da construção exemplificativa generaliza – para o todo – as outras possibilidades de nacionalidade da parente – outros países de língua espanhola. Notamos também a subfunção de conclusão apontada por Dias (2006), já que esta microconstrução, nesta ocorrência, conclui também a fala da locutora.

Figura 18 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 6



Fonte: Twitter (2018).

Na ocorrência anterior, o locutor relata brevemente o conteúdo de um vídeo a que assistiu, expressando a sua opinião de que se trata de histórias lindas. Após a colocação desse comentário, o locutor marca outros usuários dessa rede social, opinando que esse tipo de conteúdo deveria fazer parte do trabalho deles. Ao fazer esse comentário, o locutor usa a construção exemplificativa que, nesta ocorrência, tem sua forma constituída por *algo*, vinculando-se a *assim*. No que diz respeito à função, a construção exemplificativa é usada retomando os exemplos de vídeos anteriormente citados, de maneira que, nesta referência, ocorre a exemplificação

quando o locutor diz que vídeos desse tipo seriam interessantes no canal, ocorrendo, então, a ampliação da Parte-*Todo*.

(24) Alguma de vocês sonhava, tipo, ganhando Óscar, pegava escova de cabelo e cantava na frente do espelho alguma **coisa assim** ou não? Quando vocês eram crianças.²⁷ (*Corpus oral, entrevistas Youtube – anos 2023 e 2024*)

Em (24), a locutora, Angélica, pergunta a suas interlocutoras – todas artistas – se, quando crianças, esse universo artístico fazia parte dos sonhos delas. Ao explicar o que compreenderia esse universo, a locutora cita alguns exemplos em que, no final da sentença, constatamos o uso da construção exemplificativa. No que tange à forma, essa se constitui pelo determinante *alguma* e pelo sintagma nominal *coisa* combinando-se a *assim*, havendo, então, todos os elementos formais desta microconstrução. Já em relação à função, o uso desta construção referencia os exemplos dados antes pela locutora, levando a uma generalização do tema – o que seria o sonho de fama – e constatando, então, uma ampliação desses exemplos. Nesta ocorrência, percebe-se também a subfunção conclusiva apontada por Dias (2006), uma vez que, ao usar esta construção, a locutora sintetiza e finaliza sua pergunta.

(25) Agora eu tô fazendo yoga, pilates, muaythai, **umas coisas assim**²⁸. (*Corpus oral, entrevistas Youtube – anos 2023 e 2024*)

Em (25), em que o tópico discursivo trata de atividades que ajudam as participantes da interação a se organizarem e estarem melhor – física e mentalmente –, a locutora comenta sobre algumas atividades físicas que realiza em sua rotina. Após citar três exemplos, ao final de sua fala, constata-se o uso da construção exemplificativa. Esta ocorrência apresenta todos os aspectos da forma descritos no quadro 7: o determinante *umas*, que se combina a *coisas*, que, por sua vez, se

²⁷ Cf.: https://www.youtube.com/watch?v=kP2m0CLfnDs&t=539s&ab_channel=CanalGNT. Acesso em 24 de jul. 2024.

²⁸ Cf.: https://www.youtube.com/watch?v=wsmKvE9P3MQ&t=7s&ab_channel=CanalGNT. Acesso em 24 de jul. 2024.

vinculam a *assim*. No que tange à função, o uso desta construção retoma os exemplos de atividades físicas citadas anteriormente, de maneira que realiza uma generalização desse tipo de atividade física por meio dessa exemplificação. Ademais, constata-se também a subfunção conclusiva, já que o uso desta construção sintetiza e finaliza a fala da locutora.

5.1.7 Padrão microconstrucional conclusivo

O sétimo padrão construcional com *assim* é o conclusivo. Nos *corpora*, identificamos ocorrências desta microconstrução apenas no *corpus* escrito, em que constatamos 34 *tokens*, os quais representam 4,00% da amostragem nesse *corpus*. Esta microconstrução se caracteriza por promover uma relação conclusiva entre duas orações. Vejamos, no quadro 8, a seguir, a descrição da forma e da função deste padrão construcional.

Quadro 8 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução conclusiva

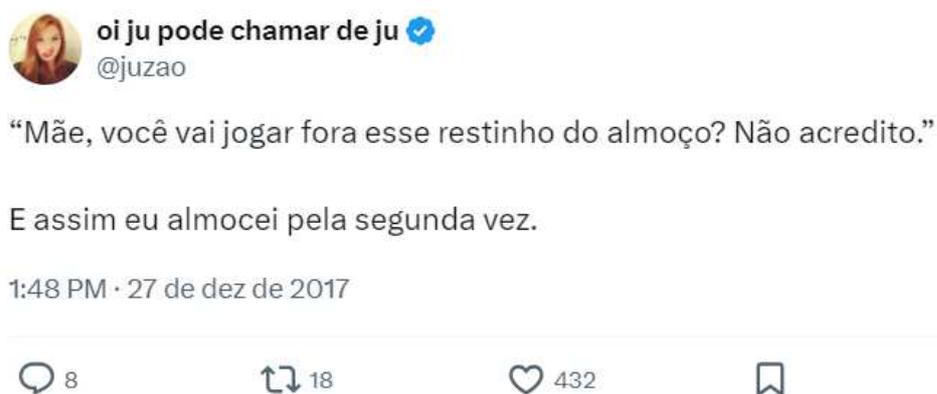
Microconstrução 07 – Conclusiva	
Forma	[porção do discurso + (e) ASSIM + porção do discurso que indica a conclusão]
Função	Promover uma relação conclusiva entre a oração anterior e a oração subsequente

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Conforme apresentado no quadro 8, a forma desta construção é caracterizada por duas porções do discurso que têm uma relação conclusiva estabelecida por *assim*, de modo que a forma deste padrão construcional se dá da seguinte maneira [porção do discurso + (e) ASSIM + porção do discurso que indica a conclusão], em que a conjunção *e* é um elemento opcional – apesar de ter sido bastante recorrente nos dados representativos deste padrão construcional. Como descrito no quadro acima, a função desta construção é de viabilizar a ideia de conclusão na oração subsequente em relação a uma ideia promovida na oração anterior. Em relação a construções

conclusivas, segundo Floret (2022), construções desse tipo se caracterizam pela codificação de “uma relação entre um segmento de discurso que expressa um fato ou uma constatação e um outro segmento que expressa uma conclusão possível a partir da informação apresentada no discurso anterior” (Floret, 2022, p. 37). Dessa maneira, trata-se de um esquema que pressupõe uma relação de implicação lógica, ademais, a autora ressalta que a ideia de conclusão é estabelecida a partir da consideração de argumentos ou premissas e de um raciocínio inferencial. Desse modo, a ideia de conclusão, neste padrão, é ensejada por argumentos ou premissas apresentados na primeira oração que têm a ideia de conclusão promovida na segunda oração por meio de um raciocínio lógico inferencial. Discutimos, a seguir, dois exemplos deste padrão construcional.

Figura 19 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 7



Fonte: Twitter (2017).

Na ocorrência acima, a locutora narra uma breve situação de que a mãe colocaria no lixo o restante do almoço, o que a levou a almoçar pela segunda vez. Constatamos, nesse relato, o uso da construção conclusiva que tem sua forma constituída pela primeira oração – relato de que a mãe jogaria o restante de comida no lixo –, seguida pela segunda oração, que é iniciada pela conjunção aditiva, a qual indica a ideia de continuação da elocução apresentada, colocando-se junto a *assim* e tendo em sequência a segunda oração em que é ensejada a ideia de conclusão. Em relação à função, constata-se, na primeira oração, a premissa de que a comida restante seria jogada fora. Desse modo, a segunda oração é articulada com *assim*,

em que se averigua a promoção de uma conclusão que pode ser percebida a partir de um raciocínio inferencial – conforme discutido por Floret (2022) – de que o que motivou a locutora a almoçar por uma segunda vez foi uma tentativa de evitar o desperdício de comida, o que havia sido evidenciado na primeira oração.

Figura 20 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 7



Fonte: Twitter (2018).

Na ocorrência acima, a locutora – a pedido de um internauta – narra uma breve história. Nesse conto, a locutora evidencia como teria sido o surgimento do arco-íris. Nesse relato, percebemos o uso da construção conclusiva com *assim* ao final da história narrada. Nesta ocorrência, há todos os elementos formais deste padrão construcional: o primeiro segmento discursivo – que apresenta as informações do começo da narrativa; o surgimento da nuvem, sua relação com o sol e a anunciação de uma surpresa dele para a nuvem –, seguido pelo segundo seguimento discursivo, o qual é iniciado pela conjunção *e* – que se coloca com *assim* –, promovendo, nesse segmento, a ideia de conclusão. No que tange à função, nesta ocorrência, verifica-se, no primeiro segmento discursivo, as informações iniciais da história – a existência de uma nuvem feliz, a chegada do sol, a tristeza da nuvem por ter que ir embora e o aviso de uma surpresa para a nuvem. Desse modo, o segundo segmento discursivo é estruturado com *assim* no começo que enseja a ideia de conclusão, a qual pode ser percebida desde um raciocínio lógico inferencial, a partir das informações

apresentadas no primeiro segmento, de que o ato de presentear a nuvem com o arco-íris se deu em razão de sua tristeza por ter que ir embora.

5.1.8 Padrão microconstrucional interrogativo

O oitavo padrão construcional identificado, neste trabalho, é interrogativo, o qual se caracteriza formalmente pelo *chunk como assim*. Nos *corpora* de análise, encontramos dados deste padrão construcional apenas no *corpus* representativo da modalidade escrita, em que constatamos 93 ocorrências, as quais correspondem a 10,91% da amostragem dos dados nesse *corpus*. A seguir, no quadro 9, apresentamos a descrição da forma e da função deste padrão construcional.

Quadro 9– Descrição do pareamento forma-função da microconstrução interrogativa

Microconstrução 8 – Interrogativa	
Forma	[(porção do discurso) + COMO ASSIM + (porção do discurso) + (ponto de interrogação)]
Função	Promover um pedido de informação e/ou esclarecimento

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Conforme descrito no quadro acima, este padrão construcional apresenta a forma bastante fluida, já que o *chunk como assim*, que caracteriza a forma desta construção, pode aparecer em diversas posições na construção do enunciado – seja no começo, meio ou fim –, o que é explicado, na descrição da forma, pela porção do discurso entre parênteses antes e depois de *como assim*. Pressupomos que essa fluidez se dê em razão da mesma possibilidade de variabilidade de posição para a formação de construções interrogativas no português. No que diz respeito à função, esta microconstrução se caracteriza por realizar uma indagação, que enseja um pedido de informação e/ou esclarecimento. Conforme discutimos no capítulo II, Guessier *et al.* (2020), ao discutirem estruturas interrogativas no português, postulam que a natureza dessas podem ser de quatro tipos: causa, motivação, elucidação e incredulidade. Dos padrões apontados por Guessier *et al.* (2020), encontramos dois

deles nos dados analisados: elucidação e incredulidade. Entre os dados dos *corpora* de análise desta microconstrução, constatamos que há uma gradação bastante estreita entre essas duas categorias, uma vez que a elucidação já requer uma ampliação ou um desenvolvimento da explicação dada anteriormente pelo locutor, enquanto nos usos de incredulidade, o objetivo do falante é de exprimir um estado de surpresa em relação a um evento, estado ou proferimento que contraria os conhecimentos prévios do falante. Desse modo, tanto a ideia de elucidação como a de incredulidade envolvem, em algum grau, uma relação de não concordância – ou não compreensão – com a fala do locutor. Dada essa explicação, assumimos esse padrão como sendo apenas um, já que a ideia de elucidação é englobada em todos os dados mapeados desta microconstrução. Analisamos, a seguir, duas ocorrências deste padrão construcional.

Figura 21 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 8



Fonte: Twitter (2018).

Na ocorrência anterior, a locutora reproduz, em sua publicação, a elocução de outrem, o que é evidenciado pelo uso das aspas em sua redação. Essa fala consiste na surpresa pelo fato de a Bélgica ter ganhado o jogo, o que é ratificado no final “o que aconteceu?”, em que se constata o uso da construção interrogativa *como assim*. Em relação à forma, a construção é iniciada por *como assim*, seguido pela porção do discurso que expressa a surpresa e o pedido de esclarecimento por parte do locutor, finalizada com o ponto de interrogação. Já no que tange à função, constatamos aqui, a partir dos termos propostos por Guessier *et al.* (2020), uma interrogação em que há

um pedido de esclarecimento, já que a pergunta sobre o acontecimento em questão – a Bélgica ter ganhado o jogo – evidencia surpresa por parte do locutor, o que é tomado com ironia por parte do interlocutor.

Figura 22 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 8



Fonte: Twitter (2019).

Na ocorrência acima, a locutora marca o perfil de outra usuária da rede social, fazendo uma pergunta a ela. Na indagação da interlocutora, averigua-se o uso do padrão construcional interrogativo. No que tange à forma, a construção é iniciada por *como assim* seguido pela porção do discurso que promove um pedido e um esclarecimento por parte da locutora, finalizada com o ponto de interrogação. No que diz respeito à função, a construção interrogativa, nesta ocorrência, enseja um pedido por parte da locutora, que, inicialmente, expressa sua surpresa por sua interlocutora ainda não haver comentado sobre o tema tratado no tópico discursivo. Ademais, também é possível inferir que há um pedido implícito por meio da continuidade da fala da locutora “só no aguardo”, ou seja, a surpresa por sua interlocutora ainda não ter comentado sobre o assunto parece ser contrária às suas ações usuais, de modo que a locutora ainda espera – realizando um pedido de maneira implícita – que ela comente sobre o tema.

5.1.9 Padrão microconstrucional progressão discursiva

O nono padrão construcional discutido, neste trabalho, é o de progressão discursiva, o qual se caracteriza por expressar ou promover uma ideia de progressão no discurso, remetendo a uma proposição ensejada anteriormente. Esta microconstrução atestou produtividade apenas no *corpus* escrito, em que identificamos 04 ocorrências, as quais representam 0,47% da amostragem desse *corpus*. No quadro 10, a seguir, apresentamos a descrição da forma e da função deste padrão construcional.

Quadro 10 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução de progressão discursiva

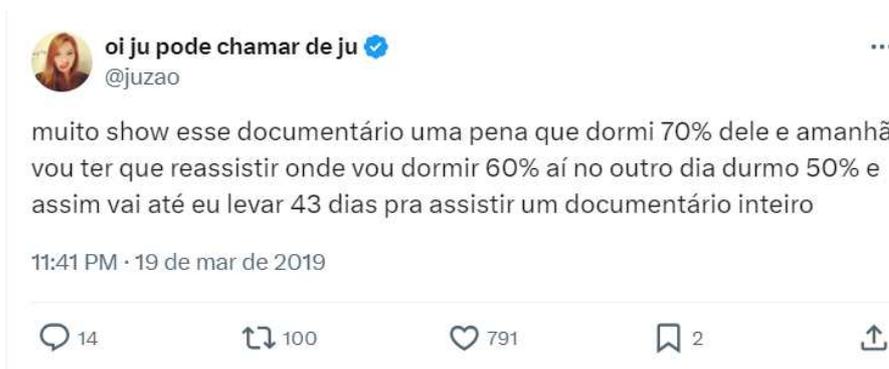
Microconstrução 10 – Progressão discursiva	
Forma	[porção do discurso + E ASSIM VAI]
Função	Promover, do ponto de vista temporal, uma ideia de progressão no discurso

Fonte: elaborado pela autora (2024).

A forma desta microconstrução é representada por porção do discurso que se combina ao *chunk e assim vai*. Com relação à função, a construção *e assim vai* projeta, sob o discurso expresso anteriormente, uma ideia de progressão – que é temporalmente contínua – em relação às atividades descritas. Koch e Marcuschi (1998) argumentam que um elemento essencial para a progressão textual é o processo de retomada, que é realizado, muitas vezes, por meio do processo anafórico. Desse modo, os autores defendem que esse processo de retomada, por meio da progressão referencial, é extremamente variado e dinâmico. Nesse sentido, Koch e Marcuschi (1998) argumentam que o conceito de anáfora não deve ser tomado como algo estrito, já que, de acordo com eles, “a expressão *retomada* nem sempre designa uma retomada referencial em sentido estrito, mas é apenas uma espécie de *remissão* que estabelece o contínuo tópico” (Koch; Marcuschi, 1998, p. 179, itálicos do original). Desse modo, fazendo uso dos postulados dos autores, adotamos a ideia de remissão, neste padrão construcional, também como um conceito mais amplo e assumimos como hipótese que a coadunação dos três elementos – *e assim vai* – gera a promoção da ideia de progressão no discurso: a conjunção *e*, que prototipicamente enseja a

noção de adição, promove no discurso a noção de prosseguimento; *assim* referencia as ações postuladas anteriormente no discurso – considerando o conceito mais amplo de remissão proposto por Koch e Marcuschi (1998); e o verbo *ir*, no presente do indicativo – *vai* –, expressa a continuidade de uma ação. Nesse sentido, o somatório dos aspectos formais e funcionais na formação do *chunk e assim vai* possibilita a compreensão de que, em termos funcionais, esse padrão construcional viabiliza a ideia de progressão discursiva – indicando uma continuidade temporal – de ações anteriormente mencionadas no discurso. Apresentamos, a seguir, duas ocorrências deste padrão construcional.

Figura 23 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 9



Fonte: Twitter (2019).

Na ocorrência anterior, a locutora relata que está assistindo a um documentário e que está realizando essa atividade de maneira parcial, em que cada dia assiste a um fragmento da obra. Ao descrever como se dá a divisão da realização dessa atividade, a locutora pormenoriza sua descrição, usando a construção de continuidade e *assim vai*. Nesta ocorrência, constatamos todos os elementos formais deste padrão construcional: porção do discurso anterior em que a locutora descreve uma sequência de ações, seguida pelo *chunk e assim vai*. Em relação aos aspectos funcionais, observa-se que o uso desta construção possibilita a progressão discursiva, uma vez que promove uma ideia de prosseguimento das ações anteriores, já que a locutora narra que todos os dias começa a assistir ao documentário, porém, como dorme durante essa atividade, ela recomeçará a assistir à obra no dia subsequente, avançando no consumo do material um pouco mais do que no dia anterior. Nesse

sentido, a construção *e assim vai* indica uma continuidade da repetição dessa atividade até que a locutora consiga finalizar a obra.

Figura 24 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 9



Fonte: Twitter (2019).

No exemplo anterior, a locutora expressa sua opinião de que estudar com os amigos é algo positivo. Ao desenvolver a justificativa sobre sua fala, a locutora exemplifica que os conhecimentos podem ser intercambiáveis em que cada um, no assunto que se sobressai, podendo ajudar o outro. Nesse caso, utiliza, no final desta afirmação, a construção de progressão discursiva. Em relação à forma, constatamos que, nesta ocorrência, todos os aspectos formais são contemplados: porção do discurso, em que são descritas uma sequência de atividades, seguida pela construção *e assim vai*. No que tange à função, esta construção possibilita a progressão do discurso, já que expressa o prosseguimento da sequência de ações descritas pela locutora, representadas pela ajuda mútua nos estudos entre os amigos como algo contínuo.

5.1.10 Padrão microconstrucional focalizador

O décimo padrão construcional com *assim*, identificado nos *corpora* de análise, é o focalizador. Esta microconstrução se caracteriza por realizar uma projeção de focalização para um elemento subsequente. Este padrão construcional, mostrou-se particularmente produtivo no *corpus* de entrevistas, sendo o padrão com maior

frequência de uso, tendo sido atestadas 33 ocorrências – as quais representam 18,43% da amostragem desse corpus. Já no corpus *Twitter*, obtivemos 27 *tokens*, os quais correspondem a 3,17% do total de dados desse *corpus*. Apresentamos, a seguir, no quadro 11, a descrição da forma e da função deste padrão construcional.

Quadro 11 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução focalizadora

Microconstrução 10 – Focalizadora	
Forma	[porção do discurso + ASSIM + ADJ/ADJ ADVERBIAL]
Função	Promover um destaque para o elemento subsequente

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Conforme apresentado no quadro acima, a forma desta microconstrução é constituída por uma porção do discurso seguida por *assim*, sequenciada por outra porção do discurso que contém o elemento focalizado, sendo esse um adjetivo ou um adjunto adverbial. Como demonstrado no quadro 11, este padrão construcional tem por função promover um destaque em relação a uma informação subsequente no discurso. Dik (1997) define o conceito de foco como tendo uma função focalizadora no discurso, isto é, a informação focalizada é a que tem maior destaque no conjunto da enunciação. Desse modo, o foco é motivado pela necessidade de contrastar algum elemento no discurso em relação a outros. Ademais, o autor argumenta que a relação de foco extrapola o nível textual, estando ancorada nos níveis pragmático e discursivo da língua. Nesse sentido, a construção focalizadora com a *assim* projeta um maior destaque a alguma informação subsequente no discurso. Apresentamos, a seguir, quatro construtos representativos deste padrão construcional, sendo dois referentes ao *corpus* do *Twitter* e dois ao *corpus* de entrevistas.

Figura 25 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 10



Fonte: Twitter (2019).

Na ocorrência acima, o locutor expressa sua percepção sobre ter que fazer ligações telefônicas, dizendo que realiza essa tarefa, porém não gosta, de modo que expressa admiração por quem consegue fazê-la. Com relação à forma, todos os elementos estão presentes nesta ocorrência: primeira parte do discurso, seguida por *assim*, que projeta focalização para a outra parte do discurso em sequência – *do nada*. No que tange à função, a focalização promovida por *assim* destaca o tipo de ligação da qual fala o locutor – pessoas que ligam sem avisar, ‘do nada’. Desse modo, o uso da construção focalizadora chama a atenção dos interlocutores para o tipo de ligação à qual o locutor se refere.

Figura 26 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 10



Fonte: Twitter (2020).

Na ocorrência acima, a locutora responde ao seu interlocutor sobre o sabor de uma bebida, usando a construção focalizadora com *assim*. No que tange à forma,

verificamos todos os elementos nesta ocorrência: primeira parte do discurso – em que se descreve a bebida – e *assim*, seguido pela segunda parte do discurso que tem o elemento focalizado – o adjetivo *doce*. Em relação à função, a locutora realiza uma descrição da bebida – tem sabor suave de maçã –, de modo que se constata que há um destaque para o elemento subsequente a *assim* – doce –, de maneira que o uso desta construção focalizadora promove um destaque para o adjetivo que caracteriza a bebida que a locutora descreve.

(26) Preta Gil: Eu falei: “eu não mereço”. Eu quase morri, eu não posso deixar um homem voltar para dentro da minha vida e continuar me tratando do jeito que ele tava me tratando. Então foi um combo **assim** desesperador²⁹. (*Corpus* oral, entrevistas *Youtube* – anos 2023 e 2024)

Na ocorrência (26), a locutora, Preta Gil, relata brevemente uma situação pessoal que estava enfrentando: a descoberta de um câncer e seu processo de divórcio. Ao detalhar esse contexto que estava vivenciando, a locutora usa a construção focalizadora com *assim*. Quanto aos aspectos formais, constata-se que todos os elementos deste padrão construcional são contemplados: primeira porção do discurso, seguida por *assim*, que projeta um destaque para o adjetivo – *desesperador* – subsequente. Já em relação à função, na primeira porção do discurso dessa sentença, a locutora realiza uma síntese de sua enunciação até o momento – “então foi um combo” –, contudo, antes de realizar a definição e a avaliação de como teria sido esse combo, a locutora usa a construção focalizadora de modo a chamar a atenção de suas interlocutoras para a caracterização que realizará em sequência, em que usa o adjetivo *desesperador*.

(27) Bial: E você às vésperas da estreia desse espetáculo, você tomou uma rasteira. Lucio: Tomei, cara. A mamãe partiu de um jeito **assim** muito rápido, muito inesperado. E a gente internou ela na sexta-feira em que começava o carnaval e ela partiu na sexta seguinte³⁰. (*Corpus* oral, entrevistas *Youtube* – anos 2023 e 2024)

²⁹ Cf.: https://www.youtube.com/watch?v=W7bSSgnSQMo&ab_channel=CanalGNT. Acesso em 24 de jul. 2024.

³⁰ Cf.: https://www.youtube.com/watch?v=8DXndrbSJaY&t=21s&ab_channel=CanalGNT. Acesso em 24 de jul. de 2024.

Na ocorrência acima, o locutor narra brevemente como foi a enfermidade de sua mãe que levou ao seu falecimento. Ao relatar essa sequência de acontecimentos, o locutor usa a microconstrução focalizadora com *assim*. Podemos perceber, nesta ocorrência, todos os elementos descritos na forma da microconstrução: primeira porção do discurso – a mamãe partiu de um jeito –, *assim*, seguido pelo elemento que recebe destaque na sequência discursiva – muito rápido, muito inesperado. No que tange à função, a focalização realizada por *assim* promove um destaque e uma restrição em relação à descrição, que é ensejada logo após a construção focalizadora acerca de como ocorreu a morte da mãe.

5.1.11 Padrão microconstrucional contraexpectativa

O padrão construcional de contraexpectativa se caracteriza por promover um rompimento com as expectativas do locutor, mencionadas anteriormente no discurso. Esta microconstrução apresentou um total de 59 ocorrências nos *corpora* de análise, em que 57 são *tokens* referentes ao *corpus* da modalidade escrita – representando 6,70% da amostragem desse *corpus* –, e 02 pertencentes ao *corpus* da modalidade oral – os quais correspondem a 1,12% dos dados desse conjunto. Apresentamos, a seguir, no quadro 11, a caracterização da forma e da função desta microconstrução.

Quadro 12– Descrição do pareamento forma-função da microconstrução contraexpectativa

Microconstrução 11 – Contraexpectativa	
Forma	[porção do discurso + (conectivo adversativo) <i>mesmo/ainda</i> + ASSIM + porção do discurso que indica contraexpectativa]
Função	Promover uma quebra de expectativa

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Conforme apresentado no quadro 11, esta microconstrução apresenta a forma [porção do discurso + (conectivo adversativo) *mesmo/ainda* + ASSIM], em que, no primeiro elemento, o *slot* pode ser preenchido por *mesmo* ou *ainda*, o qual se combina

com *assim*, seguido pela porção do discurso que indica contraexpectativa. Com relação a função, de acordo com Heine *et al.* (1991), o conceito de expectativa se baseia na perspectiva que o falante tem do conhecimento de mundo que é partilhado entre ele e seu interlocutor. Nesse sentido, a contraexpectativa se baseia no rompimento das expectativas do falante, havendo, então, um “contraste entre aquilo que corresponde e aquilo que desvia das normas e padrões característicos do mundo com o qual o falante está familiarizado, tem em mente ou acredita que o interlocutor tem em mente, em contexto específico” (Heine *et al.* 1991, p. 192), de maneira que os elementos linguísticos que demarcam esses contrastes são nomeados como marcadores de contraexpectativa.

Contudo, para Martelotta (1998), a noção de o que seria esse conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte nem sempre é clara, visto que nem sempre há um estabelecimento de o que seria – ou em que se basearia – o padrão de expectativas do falante. Nesse sentido, o autor argumenta que, na maioria das situações, a ideia de expectativa deriva do próprio texto, em que “são apresentados fatos em relação aos quais a cláusula em que ocorre a marca de contraexpectativa constitui um contraste: o que se fala pode suscitar no ouvinte uma interpretação que se quer evitar” (Martelotta, 1998, p.41). Desse modo, a noção de contraexpectativa pode ser ensejada pelas próprias expectativas do falante que não são alcançadas, de forma que ele próprio realiza uma marcação de contraexpectativa, demarcando de maneira a antecipar para seu interlocutor que essa expectativa deve ser desconstruída.

Ademais, segundo Oliveira (2012), a contraexpectativa pode ser indicada linguisticamente por meio de um elemento que negue a expectativa do falante, de forma a conferir um valor adversativo ao enunciado por meio de uma construção comparativa ou por meio das duas estratégias – negação e comparação. Construções dessa natureza, para Martelotta (1998), são constituídas por uma ‘asserção de base’, que indicam uma afirmação, e uma negação ou restrição, que integra o elemento a prevalecer na construção. Nesse segundo elemento, se realiza a noção de contraexpectativa. Nos dados dos *corpora* de análise, a construção de contraexpectativa se configura a partir de uma cláusula adverbial ou de negação. A seguir, analisamos quatro ocorrências com este padrão construcional.

Figura 27 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 11



Fonte: Twitter (2019).

Na ocorrência acima, a locutora expõe sua opinião acerca dos padrões de beleza e autoestima, argumentando que se trata de conceitos complexos. Nessa colocação, identificamos o uso da construção de contraexpectativa. Esta ocorrência satisfaz todos os elementos formais característicos do padrão construcional em questão: primeira porção do discurso – que enseja a afirmação –, a conjunção com valor adversativo *e*, o *chunk ainda assim*, seguido pela porção do discurso que expressa a ideia de contraexpectativa. No que tange à função, na primeira parte da elocução, a locutora afirma que há pessoas que se encaixam nos padrões sociais de beleza. Desse modo, a construção de contraexpectativa contrasta com essa informação, já que o fato de essas pessoas não se sentirem bem consigo mesmas leva a uma quebra de expectativas – uma vez que elas se englobam nos ditos padrões sociais.

Figura 28 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 11



Fonte: Twitter (2018).

No exemplo acima, a locutora expressa sua experiência sobre sua relação com a rede social, dizendo que essa a irrita, usando a construção de contraexpectativa com *assim*. Todos os aspectos formais são contemplados nesta ocorrência: primeira porção do discurso, seguida pela conjunção adversativa *e*, que se coloca com o *chunk mesmo assim*, tendo como sequência a porção do discurso em que é expressa a contraexpectativa. Em relação à função, a construção de contraexpectativa evidencia a contradição entre as informações dadas pela locutora, já que, a partir do fato de que a rede social a deixa irritada, seria bastante plausível que deixasse de usá-la, o que é negado na proposição seguinte. Desse modo, o uso desta construção salienta o caráter de contraexpectativa, uma vez que ocorre uma quebra de expectativa em relação à primeira afirmação, na proposição dois.

(28) Eu fui esquartejada porque eu não assumi as expectativas das pessoas, [...] “por que você lvete não teve essa é oportunidade de você falar que tem ciúme do seu marido, **mas que ainda assim** você voltou pra casa com ele”. ³¹(*Corpus oral*, entrevistas *Youtube* – anos 2023 e 2024)

Na ocorrência anterior, a locutora narra uma situação conjugal que vivenciou publicamente, em que uma suposta situação de ciúmes de sua parte é relatada na mídia. Ao fazer esse relato e ao reproduzir a fala de outrem, identificamos o uso da construção de contraexpectativa. No que diz respeito à forma, constatam-se todos os

³¹ Cf.: https://www.youtube.com/watch?v=notMpY2GfdQ&t=39s&ab_channel=CanalGNT_ Acesso em 27 de jul. 2024.

elementos nesta ocorrência: primeira porção do discurso, que apresenta uma afirmação, seguida pela conjunção adversativa *mas*, que se combina com o *chunk ainda assim*, seguido pela segunda parte do discurso, que apresenta a quebra de expectativa. Já que no que tange à função, constata-se que a locutora reproduz algumas posições da opinião pública sobre a situação vivenciada por ela em sua fala e, desse modo, no primeiro fragmento discursivo, constata-se a asserção: ter ciúmes do marido. Dessa maneira, a construção de contraexpectativa, ensejada pelo *chunk ainda assim*, aponta para esse contraste – e quebra de expectativa – na fala da fã em relação às atitudes da cantora a respeito da situação: ter voltado para a casa com o marido.

(29) Enquanto o humor que parte, por exemplo, de uma mulher, que eu tenho privilégio por ser uma mulher cis e branca, mas **ainda assim** eu sou uma mulher. Eu já reconheço o limite, eu não posso pegar um carro de aplicativo tranquila³². (*Corpus oral, entrevistas Youtube – anos 2023 e 2024*)

Na ocorrência acima, a locutora comenta sobre os desafios de se fazer e de trabalhar com humor e sobre os diferentes percalços nesta profissão em parte também pelas diferenças de gênero. Aos comentar sobre essas dificuldades, a locutora faz um breve recorte interseccional: devido ao fato de que ela é uma mulher cis e branca, as coisas são um pouco menos complicadas. Ao realizar essa argumentação, é usada a construção de contraexpectativa, em que todos os elementos formais são satisfeitos: primeira porção do discurso que contém uma asserção – ser uma mulher cis e branca –, seguida pela conjunção adversativa *mas*, que se conecta ao *chunk ainda assim*, que se combina, por sua vez, com a segunda parte do discurso que contém a quebra de expectativa. No que tange à função, a construção de contraexpectativa projeta, na segunda parte do discurso, uma ideia de contraposição em relação à primeira parte da fala da locutora, em que ela diz ter alguns privilégios, contudo, essa noção de privilégio – como sendo algo positivo – é rompida com a construção de contraexpectativa em que, na segunda porção do discurso, a locutora exprime os percalços vivenciados por ela.

³² Cf.: https://www.youtube.com/watch?v=PSIbNc4JbsA&t=397s&ab_channel=CanalGNT. Acesso em 28 de jul. 2024.

5.1.12 Padrão microconstrucional contra-argumentativo

O décimo segundo padrão construcional identificado, nos *corpora*, é o contra-argumentativo, que se constitui a partir do *chunk não é bem assim*. Esta microconstrução se caracteriza por postular/projetar uma contra-argumentação em relação a uma asserção anterior. Identificamos um total de 06 ocorrências – apenas no *corpus* escrito –, as quais correspondem a 0,70% da amostragem de dados desse *corpus*. A seguir, no quadro 13, apresentamos a descrição da forma e da função deste padrão microconstrucional.

Quadro 13 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução contra-argumentativa

Microconstrução 12 – Contra-argumentativa	
Forma	[porção do discurso + NÃO É BEM ASSIM + porção do discurso que contém a contra-argumentação]
Função	Promover uma contra-argumentação

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Conforme descrito no quadro acima, a forma desta microconstrução é constituída por [porção do discurso + NÃO É BEM ASSIM + porção do discurso], em que há, no segundo segmento discursivo, uma asserção que contém uma contra-argumentação em relação à primeira parte do discurso, a qual é apontada pelo *chunk* contra-argumentativo *não é bem assim*. No que diz respeito à função, de acordo com Alombra Ribeiro (2005), a contra-argumentatividade é caracterizada pela veiculação de diversos elementos que intervêm na formação dos enunciados, manifestando-se em diferentes funções, como contraste, oposição, atenuação, eliminação, comparação, exclusão, compensação e/ou confronto entre os elementos articulados. Nesse sentido, o contra-argumento seria, portanto, a ligação de dois membros do discurso, em que o segundo membro é apresentado como supressor ou atenuador de qualquer conclusão que pudesse ser obtida desde o primeiro. Desse modo, a função deste padrão construcional é a de promover uma contra-argumentação na segunda porção do discurso em relação aos postulados da primeira parte do discurso. A seguir, analisamos duas ocorrências deste padrão construcional.

Figura 29 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 12



Fonte: Twitter (2020).

Na ocorrência anterior, o locutor expressa sua opinião em relação aos muitos avanços da ciência que possibilitaram um rápido desenvolvimento de uma vacina contra a Covid-19, afirmação que é replicada por seu interlocutor no segmento em sequência. Na resposta do interlocutor, averigua-se o uso da construção contra-argumentativa. Em relação à forma, todos os elementos são contemplados: primeira parte do discurso, que contém uma asserção, seguida pela construção *não é bem assim* e pelo segundo segmento discursivo contra-argumentativo. No que tange à função, *não é bem assim* promove uma contra-argumentação no segundo segmento discursivo, em que o locutor contrapõe a afirmação um – de que a prontidão da fabricação da vacina teria ocorrido apenas em razão dos avanços científicos –, contra-argumentando que, no segundo segmento discursivo, após o *chunk não é bem assim*, foi a existência de outras variantes do mesmo vírus que teria possibilitado a fabricação rápida do imunizante – havendo, então, já algum conhecimento prévio sobre o vírus em questão.

Figura 30 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 12



Fonte: Twitter (2018).

Na ocorrência anterior, o locutor faz algumas colocações sobre as comemorações do dia de Cosme e Damião, em que contrapõe algumas crenças populares, usando a construção contra-argumentativa. Todos os elementos formais deste padrão construcional são contemplados nesta ocorrência: primeiro segmento do discurso, seguido pela construção contra-argumentativa *não é bem assim*, que se combina com a segunda porção do discurso que contém a contra-argumentação. Em relação à função, a construção *não é bem assim* é usada para contrapor a afirmação do segmento um – a crença de que as festividades de Cosme e Damião teriam raízes na umbanda –, o que é reiterado também pela presença da conjunção adversativa *mas* junto a *não é bem assim*, que projeta, no segundo segmento discursivo, a contra-argumentação – de que se trata de uma tradição herdada do catolicismo português.

5.1.13 Padrão microconstrucional modalizador epistêmico delimitador

O décimo terceiro padrão construcional analisado neste trabalho é o modalizador epistêmico delimitador. Esta microconstrução se caracteriza por promover uma delimitação em relação a alguma proposição mencionada anteriormente no discurso. Este padrão apresentou produtividade apenas no *corpus* entrevistas, com 03 ocorrências – que correspondem a 1,67% da amostragem desse *corpus*. A seguir, no quadro 14, apresentamos a descrição da forma e da função desta microconstrução.

Quadro 14 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução modalizadora epistêmica delimitadora

Microconstrução 13 – modalizadora epistêmica delimitadora	
Forma	[porção do discurso + SN/SADJ + ASSIM]
Função	Promover uma delimitação em relação à asserção anterior

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Conforme descrito no quadro acima, este padrão construcional tem sua forma caracterizada por uma porção discursiva seguida por um sintagma nominal ou por um sintagma adjetival que se combinam a *assim*. No que tange à função, como demonstrado no quadro 14, esta microconstrução promove uma delimitação de alguma informação em relação à asserção anterior na sequência discursiva.

Segundo Castilho e Castilho (2002), a modalização é responsável por expressar o julgamento do falante na proposição. Especificamente em relação à modalização epistêmica, essa diz respeito ao conhecimento do locutor sobre o grau de verdade nos/dos enunciados (Nascimento; Silva, 2012). Nessa mesma linha de argumentação, Castilho e Castilho (2002) defendem que os modalizadores epistêmicos expressam uma avaliação do locutor sobre o valor e as condições de verdade sobre o conteúdo proposicional. Nesse sentido, um enunciado epistemicamente modalizado é aquele em que o locutor qualifica seu comprometimento com relação à verdade da proposição. Os autores subcategorizam os modalizadores epistêmicos em três: asseverativo, quase-asseverativo e delimitador. O último, de acordo com Castilho e Castilho (2002), demarca limites ao conteúdo da proposição, de modo que pondera, sob a asserção que modaliza, e limita o valor de verdade do conteúdo proposicional.

Por outro lado, Nascimento e Silva (2012), adotando a mesma perspectiva de análise de Neves (2000), não incluem os modalizadores delimitadores como sendo epistêmicos, pois, de acordo com os autores, “a ideia de que os delimitadores não garantem nem negam o valor de verdade do que se diz, mas sim estabelecem a condição, o ambiente das afirmações e ou das negações” (Nascimento; Silva, 2012, p. 90), de modo que esse modalizador apenas sugeriria uma delimitação sobre o que é dito, atuando apenas como um negociador na articulação argumentativa com o interlocutor.

Neste trabalho, vamos ao encontro dos postulados de Castilho e Castilho (2002) e assumimos o padrão microconstrucional em discussão como sendo epistêmico, uma vez que, ao nosso ver, é possível verificar o valor de verdade nas asserções que contém essas construções, em que a construção modalizadora atua ponderando e delimitando alguma informação na proposição. Desse modo, o SN ou SADJ que antecede *assim* colabora na articulação da modalização delimitadora, ponderando epistemicamente a asserção contida na primeira porção discursiva, conforme corroboraremos nas duas ocorrências analisadas a seguir.

(30) Marina: eu fazia sempre um mural, aquilo de mentalizar realmente aquilo que você quer e dormir e acordar olhando para aquilo.

Paola: já era evoluída, viu?!

Marina: É sério, isso com uns doze anos **assim**.³³ (*Corpus oral, entrevistas Youtube – anos 2023 e 2024*)

Na ocorrência anterior, Marina está respondendo à pergunta da entrevistadora, Angélica, de que se o meio artístico fazia parte de seus sonhos desde a infância. A locutora, ao compartilhar sua vivência, descreve os hábitos que tinha em relação ao tema quando criança: ter um mural onde mentalizava e planejava metas futuras. Com essa declaração, sua interlocutora, Paola, se mostra impressionada com a mentalidade e as atitudes de Marina, o que é corroborado pela locutora demarcando a idade na qual tinha esse hábito de construir um mural e planejar o futuro. Nessa fala de Marina, verifica-se o uso da construção com modalização epistêmica delimitadora que, nesta ocorrência, tem sua forma constituída pelo primeiro segmento discursivo, seguido pelo SN *uns doze anos* que se combinam com *assim*. No que tange à função, a construção modalizadora epistêmica delimitadora é usada para demarcar a idade na qual a locutora tinha o costume de planejar seu futuro em um mural. Nesse sentido, ao usar o SN *uns doze anos*, a locutora marca temporalmente a realização desse hábito e o restringe com o *assim*. Percebe-se também que essa delimitação é atenuada pelo artigo indefinido *uns*, delimitando, mas não total e estritamente, a idade na qual a locutora tinha esse costume – por volta dos doze anos.

³³ Cf.: https://www.youtube.com/watch?v=kP2m0CLfnDs&t=663s&ab_channel=CanalGNT. Acesso em 26 de dez. 2024.

(31) Então, eu já ouvi essa pergunta algumas vezes sobre virgindade, sobre namoro, sobre beijo desde os dez, doze **assim**.³⁴ (*Corpus* oral, entrevistas *Youtube* – anos 2023 e 2024)

Em (31), as participantes da interação, todas artistas que estão no meio público desde a infância, conversam sobre o posicionamento – e invasão – da mídia em relação a assuntos privados, como vida amorosa e sexual totalmente expostas de maneira desrespeitosa na imprensa. A locutora, Maisa, ao narrar sua experiência com o tema em discussão, relata que já teve que responder a essas perguntas desde muito nova. Em sua fala, constata-se o uso da microconstrução modalizadora epistêmica delimitadora. Nesta ocorrência, a construção é representada formalmente pela primeira porção do discurso – em que a locutora caracteriza o tipo de pergunta feito a ela –, seguida pelos SNs *os dez, doze*, que se combinam com *assim*. Em relação à função, a construção com modalizador epistêmico delimitador é usada para demarcar a idade com que Maisa começou a ser questionada pela imprensa sobre o assunto tratado no tópico discursivo. Desse modo, a locutora modaliza sua fala, marcando a idade na qual essas perguntas começaram em sua vida pública. Essa ponderação é realizada, também, pela locutora ao não demarcar precisamente uma idade: *os dez doze* atenuam a idade na qual esse tipo de pergunta começou a ser realizada – entre os dez e doze anos de idade.

5.1.14 Padrão microconstrucional modalizador epistêmico asseverativo

O décimo quarto padrão construcional deste trabalho é o modalizador epistêmico asseverativo. Esta microconstrução se caracteriza por promover um julgamento a partir de uma asseveração. Este padrão atestou um total de 29 ocorrências nos *corpora* de análise – sendo 22 relativas ao *corpus* do *Twitter*, representando 2,59% da amostragem desses dados, e 07 ao *corpus* de entrevistas, as quais conferem a 3,91% do total desse *corpus*. A seguir, no quadro 15, descrevemos a forma e a função desta microconstrução.

³⁴ Cf.: https://www.youtube.com/watch?v=wsmKvE9P3MQ&t=477s&ab_channel=CanalGNT. Acesso em 27 de dez. 2024.

Quadro 15 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução modalizadora epistêmica asseverativa

Microconstrução 14 – modalizadora epistêmica asseverativa	
Forma	[porção do discurso + TÃO + ADJ/ADV/ ADJUNTO ADNOMINAL + ASSIM]
Função	Promover um julgamento a partir de uma asseveração

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Conforme apresentado no quadro acima, a forma desta microconstrução é constituída por [porção do discurso + TÃO + ADJ/ADV/ ADJUNTO ADNOMINAL + ASSIM], em que uma porção do discurso é seguida por o intensificador TÃO, que se combina a um adjetivo, advérbio ou adjunto adverbial que se coadunam a *assim*. Como discutido na subseção anterior, de acordo com Castilho e Castilho (2002), a modalização epistêmica ocorre quando o falante considera o conteúdo da proposição como verdadeiro ou certo. Nesse sentido, em relação, especificamente, à modalização epistêmica asseverativa, essa demonstra o grau de comprometimento do locutor com relação ao que foi dito. Desse modo, a modalização epistêmica asseverativa diz respeito a uma maneira de o falante indexar linguisticamente suas crenças e opiniões acerca de uma proposição. Para Lyons (1997), o caráter da modalização epistêmica trata de questões acerca das opiniões, das crenças e dos conhecimentos do falante, de modo que esse faz uso de diferentes recursos linguísticos para indexá-las – o que, neste caso, é realizado por meio da construção em discussão. Desse modo, a função desta microconstrução é a de expressar – e/ou atenuar – a opinião do falante sobre sua asserção, tratando-se, portanto, de um padrão construcional mais intersubjetivo, uma vez que indexa as crenças e os julgamentos do locutor. Descrevemos, a seguir, quatro ocorrências representativas desta microconstrução.

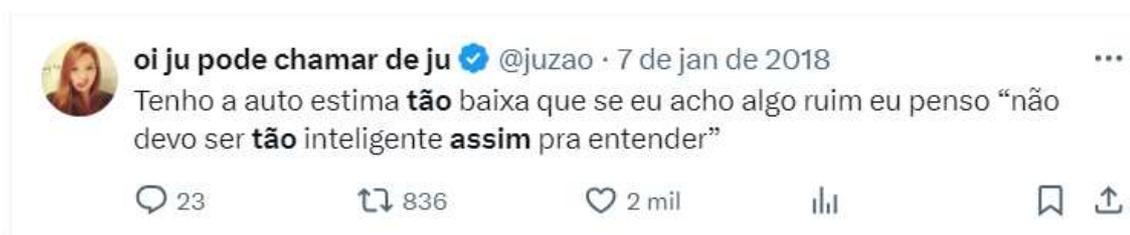
Figura 31 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 14



Fonte: Twitter (2019).

Na ocorrência acima, a locutora relata – e pede a seus interlocutores que façam o mesmo – uma situação em que deu um presente ao seu pai, emitindo uma opinião em relação ao presente dado por ela. Ao expressar sua opinião, a locutora usa a construção modalizadora epistêmica asseverativa, que, nesta ocorrência, tem sua forma constituída por: porção do discurso, seguida pelo intensificador *tão*, que se combina com o adjetivo *prático*, que se vinculam, por sua vez, a *assim*. Além disso, este construto cumpre a função descrita no quadro 15, já que promove um julgamento em relação ao presente dado ao pai – asseverando por meio do *tão prático assim* –, certificando a sua baixa utilidade.

Figura 32 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 14



Fonte: Twitter (2019).

Na ocorrência anterior, a locutora expressa uma opinião acerca de si mesma, afirmando possuir a autoestima baixa. Ao exemplificar seu parecer, ela menciona uma situação hipotética de que não se consideraria inteligente o bastante para entender algo quando lhe parece ruim. Ao fazer essas considerações, a locutora usa a construção modalizadora epistêmica asseverativa, que, nesta ocorrência, tem a forma

constituída pela primeira porção do discurso, seguida pelo intensificador *tão*, que se combina com o adjetivo *inteligente*, que, por sua vez, se vinculam a *assim*. Esse construto tem a função de asseverar as considerações que a locutora faz de si própria – seu grau de inteligência –, expressando, então, seu julgamento acerca da própria inteligência.

(32) Nós temos uma relação bacana com o tempo. Olhando cada uma de nós aqui, a gente tá em paz com o tempo, eu acho. Eu pelo menos, Angélica, estive, não estive **tão** em paz **assim**. Tipo, eu há um tempo atrás, tinha 23 anos de idade tomei aquele hormônio do crescimento. ³⁵(*Corpus oral, entrevistas Youtube – anos 2023 e 2024*)

Na ocorrência (32), a locutora expressa a sua opinião sobre a sua relação – e de suas interlocutoras – com o tempo. Contatamos todos os elementos formais da microconstrução modalizadora epistêmica asseverativa: primeira porção do discurso, seguida pelo intensificador *tão*, que se combina à locução *em paz*, que se vinculam, por sua vez, a *assim*. A função desta construção, nesta ocorrência, é a de promover um julgamento, pela própria locutora, sobre sua proposição, o que é marcado formalmente pela locução *em paz* e asseverado por *tão* e *assim*.

(33) Eu faço uma série atualmente onde eu tenho 15 anos, e daí, óbvio, eu Maisa tô com unha, eu tô com cílios alongamento e tal. E aí quando eu tô lá fazendo essa personagem não faz sentido uma menina de 15 nos anos 2000 está assim, então eu tiro tudo. Aí a minha cabeça vai acostumando de novo, óbvio que no começo é estranho de não tá **tão** patizinha **assim**.³⁶

Na ocorrência acima, a locutora relata seu processo de transformação para caracterização de um personagem que interpreta, para o qual tem que modificar as vestimentas e os acessórios que usa, expressando sua opinião em relação ao seu contraste com a personagem. Ao expor essa opinião, a locutora usa a construção modalizadora epistêmica asseverativa que, nesta ocorrência, tem sua forma constituída por porção do discurso, seguida por *tão*, que se combina com o adjetivo *patizinha*, coadunando-se a *assim*. Já a função desta construção, conforme descrito no quadro 15, é a de promover um julgamento em relação à asserção. Desse modo,

³⁵ Cf.: https://www.youtube.com/watch?v=Sjq0pyF6Qec&t=555s&ab_channel=CanalGNT. Acesso em 28 de jul. 2024.

³⁶ Cf.: https://www.youtube.com/watch?v=wsmKvE9P3MQ&t=504s&ab_channel=CanalGNT. Acesso em 28 de jul. 2024.

a construção *não é tão patizinha assim* revela o julgamento da narradora sobre ela mesma no que se refere à caracterização da personagem que interpreta.

5.1.15 Padrão microconstrucional resumitivo-avaliativo

O décimo quinto padrão construcional analisado, neste trabalho, é o resumitivo-avaliativo, formado a partir do *chunk simples assim*, o qual tem por função basilar realizar uma síntese e uma avaliação da proposição, finalizando-a. Esta microconstrução atestou 04 ocorrências nos *corpora* analisados, sendo todas extraídas do *corpus* do *Twitter* – representando 0,47% dos dados dessa amostragem. Vejamos, a seguir, no quadro 16, a representação da forma e da função desta microconstrução.

Quadro 16– Descrição do pareamento forma-função da microconstrução resumitiva-avaliativa

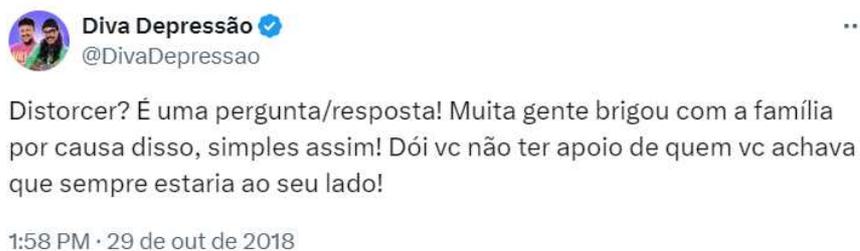
Microconstrução 15 – Resumitiva-avaliativa	
Forma	[porção do discurso + SIMPLES ASSIM]
Função	Promover uma retomada da porção do discurso anterior, avaliando-a e finalizando-a.

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Como é possível observar no quadro acima, esta microconstrução tem a sua forma constituída por uma porção do discurso seguida pelo *chunk simples assim*. Já no que diz respeito à função, esta construção promove uma síntese e uma avaliação da porção do discurso anterior, de modo a finalizar o tópico discursivo. De acordo com Conte (2003, p.178), o encapsulamento anafórico, ou anáfora resumitiva, consiste em um recurso coesivo “pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumidora para uma porção precedente de texto. Esta porção de texto (ou segmento) pode ser de extensão e complexidade variada – um parágrafo inteiro ou apenas uma sentença”. Nesse sentido, o encapsulamento anafórico realiza a sumarização de uma – ou mais – informação precedente no discurso, que, neste padrão construcional, tem essa retomada feita por *assim*. Já o adjetivo *simples* realiza uma avaliação acerca dessa retomada discursiva, de modo que o *chunk simples assim* atua, portanto,

funcionalmente como resumidor e avaliador. Analisamos, em sequência, duas ocorrências representativas desta microconstrução.

Figura 33 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 15



Fonte: Twitter (2018).

Na ocorrência em questão, o locutor expressa sua opinião sobre o assunto em discussão, usando a construção resumitiva-avaliativa. Esta ocorrência tem sua forma constituída pela primeira porção do discurso – o assunto ter levado a muitas brigas familiares –, que se combina com o *chunk simples assim*. No que tange à função, esse construto realiza uma retomada da proposição anterior e permite que o locutor expresse, conjuntamente a essa síntese, o seu julgamento em relação à asserção presente no fragmento anterior, o que também encerra o tópico discursivo.

Figura 34 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 15



Fonte: Twitter (2019).

Na ocorrência acima, a pedido de seu interlocutor, a locutora compartilha a receita de um strogonoff de grão de bico. Ao final de sua elocução, averigua-se o uso da construção resumitiva-avaliativa, que, nesta ocorrência, tem sua forma constituída por porção do discurso – que contém os passos da receita –, juntamente a *simples assim*. Em relação à função, esse construto possibilita a indexação, conjuntamente com a sintetização promovida por *assim*, da avaliação da locutora sobre a proposição contida no primeiro fragmento discursivo. Nesse sentido, o uso desta construção permite que a locutora retome, no discurso, os comandos da receita à medida que também expressa sua avaliação sobre essa, realizando juntamente a avaliação o encerramento da proposição.

5.1.16 Padrão microconstrucional avaliativo

O décimo sexto padrão construcional analisado, neste trabalho, é o avaliativo, que se caracteriza por promover uma avaliação do locutor em relação a um referente presente na sequência discursiva. Identificamos um total de 26 ocorrências nos *corpora* de análise, todas coletadas do *corpus* representativo da modalidade escrita – as quais equivalem a 3,05% da amostragem desse *corpus*. A seguir, no quadro 17, descrevemos a forma e a função desta microconstrução.

Quadro 17 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução avaliativa

Microconstrução 16 – Avaliativa	
Forma	[N ^{avaliativo} + V ^{fazer} + ASSIM]
Função	Promover a avaliação de um referente

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Conforme apresentado no quadro acima, esta microconstrução tem sua forma constituída por [N^{avaliativo} + V^{fazer}+ ASSIM], em que um nome avaliativo – tal como *rainha, fada, princesa* – se coloca com o verbo fazer – geralmente na terceira pessoa do singular do presente do indicativo –, vinculando-se a *assim*. Já no que diz respeito à função, esses nomes avaliativos – juntamente a *assim* – promovem uma avaliação

que, nos termos de White (2003), é realizada por meio do posicionamento avaliativo do falante, em que esse agrega valores negativos ou positivos ao discurso a partir de seu engajamento. Segundo o autor, é a partir deste engajamento que os locutores se expressam e se posicionam por meio de atitudes, emoções e julgamentos de valor. Nesse sentido, a microconstrução avaliativa trata-se de um padrão construcional mais intersubjetivo, já que indexa as crenças e as atitudes do locutor em relação a uma proposição de seu interlocutor. Descrevemos, a seguir, duas ocorrências representativas deste padrão construcional.

Figura 35 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 16



Fonte: Twitter (2018).

Na ocorrência anterior, a locutora comenta uma publicação de outra usuária na rede. Nesta ocorrência, a locutora expressa sua opinião em relação à proposição de sua interlocutora, em que se verifica o uso da construção avaliativa, que tem, neste construto, sua forma constituída pelo nome avaliativo *rainha*, que se coloca com o verbo *faz*, vinculando-se a *assim*. No que tange à função, o uso desta construção possibilita que a locutora realize uma avaliação em relação à proposição da interlocutora, em que o nome avaliativo com conotação positiva – *rainha* – expressa o julgamento positivo da locutora em relação às atitudes da interlocutora, as quais são retomadas para serem avaliadas por meio de *faz assim*.

Figura 36 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 16



Fonte: Twitter (2019).

Na ocorrência acima, o locutor expressa sua avaliação em relação a uma proposição de seu interlocutor, em que observamos o uso da construção avaliativa, que tem sua forma constituída por nome avaliativo *diva*, que se coloca com o verbo *faz*, vinculando-se a *assim*. Em relação à função, verifica-se que há uma viabilização da realização de uma avaliação do locutor sobre a proposição da interlocutora, que é avaliada positivamente. Isso pode ser constatado pela escolha do nome avaliativo com conotação positiva – *diva* – em relação à atitude da sua interlocutora: a sua declaração de torcida pelo jogador.

5.1.17 Padrão microconstrucional marcador discursivo *tipo assim*

O décimo sétimo padrão construcional é o marcador discursivo *tipo assim*, que se caracteriza por auxiliar a articulação de informações na sequência discursiva. Identificamos, nos dados, um total de 03 ocorrências, todas coletadas no *corpus* do Twitter – as quais correspondem a 0,35% da amostragem nesse conjunto de dados. Apresentamos a seguir, no quadro 18, a descrição da forma e da função desta microconstrução.

Quadro 18 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução marcador

Microconstrução 17 - Marcador discursivo <i>tipo assim</i>	
Forma	[porção do discurso + (conectivo) TIPO ASSIM + porção do discurso]
Função	Atuar na organização da sequência discursiva, articulando alguma informação dada anteriormente na elocução

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Conforme descrito no quadro 18, a forma desta construção é composta por [porção do discurso + (conectivo) TIPO ASSIM + porção do discurso]. No que diz respeito à função, os marcadores discursivos (MDs), prototipicamente, realizam uma marcação no discurso que opera a nível discursivo, ajudando a organizar, estruturar ou modalizar a elocução. Para Briton (2017), os MDs têm pouco significado proposicional, sendo difíceis de preencher lexicalmente, uma vez que não adicionam conteúdo informacional ao enunciado, sendo sintática e gramaticalmente dispensáveis. Especificamente sobre o marcador discursivo *tipo assim*, Castelano e Ladeira (2010) argumentam que esse atua como um marcador de inserção na sequência explicativa, auxiliando na organização da sequência discursiva e articulando alguma informação dada anteriormente na elocução. A seguir, descrevemos duas ocorrências representativas deste padrão construcional.

Figura 37 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 17



Fonte: Twitter (2019).

Na ocorrência acima, o locutor narra brevemente uma situação vivenciada por ele em uma ida à lotérica: ter enfrentado uma fila grande. Ao descrever esse episódio, o locutor usa o marcador discursivo *tipo assim*, que, nesta ocorrência, tem sua forma constituída pela primeira porção do discurso – *eu fui na lotérica* –, seguida pelo conectivo *e*, que se combina com *tipo assim*, seguido, por sua vez, pela outra porção do discurso – *a fila tava gigantesca*. No que diz respeito à função, o uso do MD *tipo*

assim colabora com a organização da sequência discursiva, auxiliando na disposição das informações, já que, na primeira porção do discurso, há uma informação – a ida do locutor à lotérica. Nesse sentido, o uso do marcador discursivo auxilia na mobilização para a articulação de uma nova informação na sequência discursiva – de que a fila estava muito grande.

Figura 38 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 17



Fonte: Twitter (2019).

Na ocorrência acima, o locutor faz um relato em relação a algumas bandas de Curitiba, expressando sua opinião em relação às letras das canções tocadas por esses grupos. Nesta ocorrência, esta microconstrução tem sua forma constituída pela primeira porção do discurso – descrição das temáticas das músicas cantadas pelas bandas curitibanas –, seguida pela conjunção *mas*, que se combina com *tipo assim*, que é, por sua vez, seguido pela segunda porção do discurso – a afirmação de que não há mar em Curitiba. No que tange à função, percebe-se que, após a informação dada na primeira porção discursiva – músicas de bandas curitibanas com a temática que versam sobre mar, praia e oceano –, o locutor usa o marcador discursivo *tipo assim* de maneira a estruturar a organização de novas informações na sequência discursiva – de que não há mar em Curitiba.

5.1.18 Padrão microconstrucional marcador discursivo organizador do discurso

A décima oitava microconstrução deste trabalho é o segundo padrão com marcador discursivo, sendo esse o marcador discursivo organizador do discurso. Este padrão construcional se caracteriza fundamentalmente por auxiliar a articulação de

informações, por parte do locutor, na sequência discursiva. Nos *corpora*, constatamos um total de 29 ocorrências, sendo 03 referentes ao *corpus* da modalidade escrita – representando 0,35% dessa amostragem –, e 26 pertencentes ao *corpus* da modalidade oral –, equivalendo a 14,52% da amostragem desse conjunto. No quadro 19, a seguir, descrevemos a forma e a função desta microconstrução.

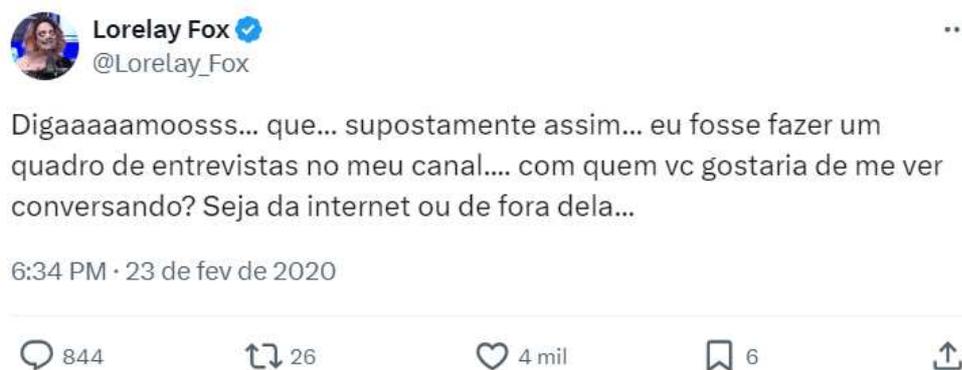
Quadro 19– Descrição do pareamento forma-função da microconstrução marcador discursivo organizador do discurso

Microconstrução 18 – Marcador discursivo organizador do discurso	
Forma	[porção do discurso + (pausa) ASSIM (pausa) + (MD) + porção do discurso]
Função	Auxiliar na organização das informações na sequência discursiva

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Conforme apresentado no quadro acima, este padrão construcional tem sua forma constituída por [porção do discurso + (pausa) ASSIM (pausa) + porção do discurso]. Quanto à função, de acordo com Martelotta (2004), abordando especificamente a modalidade oral da língua, os marcadores discursivos que atuam na reorganização do discurso são uma espécie de “preenchedor de pausa” quando a linearidade do fluxo discursivo é perdida. Nesse sentido, para o autor, em contextos desse tipo, os marcadores do discurso atuam como organizadores do discurso, em que o locutor faz uso da pausa como uma estratégia para organizar mentalmente seus pensamentos antes de articulá-los. Ademais, caracteristicamente, na maioria dos casos, na modalidade escrita, essa pausa no fluxo de informações para a organização das ideias a serem expostas é representada por uma segmentação, seja um sinal gráfico – como uma vírgula ou reticências – ou por espaço de parágrafos, em contextos de usos mais informais, como é o caso do *corpus* de análise da modalidade escrita. Além disso, para Risso (2006), essa atuação dos MDs na organização da sequência discursiva, muitas vezes, se dá em contextos em que ocorre uma mudança de assunto, ou seja, esse MD pode atuar iniciando um novo tópico no fluxo discursivo, em que a pausa – ou a segmentação no caso da modalidade escrita – auxilia o locutor na organização e na articulação de ideias. Analisamos, a seguir, quatro ocorrências representativas deste padrão construcional.

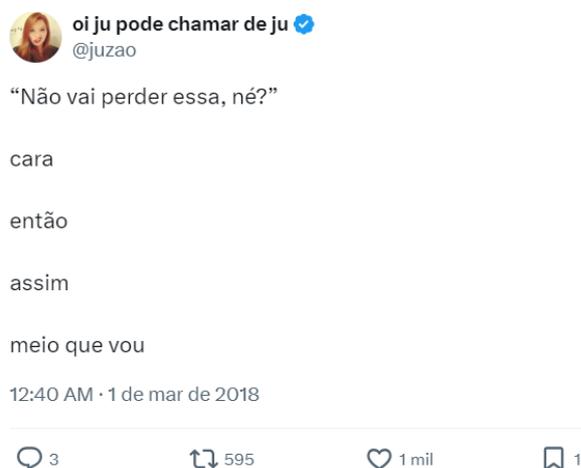
Figura 39 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 18



Fonte: Twitter (2020).

Na ocorrência acima, a locutora realiza uma elocução em que apresenta algumas hipóteses acerca de um possível novo quadro em seu canal, abrindo espaço, então, para que seus interlocutores opinem acerca de possíveis convidados. Nessa elocução, identifica-se o uso da construção marcador discursivo organizador do discurso com *assim*, que tem sua forma constituída pela primeira porção do discurso – *digamos que supostamente* –, seguida por *assim*, que é sequenciado pela outra porção do discurso – *eu fosse fazer um quadro de entrevistas no meu canal*. Além disso, constata-se também que a ideia de pausa (Martelotta, 2004) é postulada por meio da segmentação com o uso de reticências. No que tange à função, o MD atua no plano interacional, funcionando como um organizador do discurso, já que esse MD introduz a nova informação que a locutora quer dar – a de um novo quadro no seu canal.

Figura 40 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 18



Fonte: Twitter (2018).

Na ocorrência anterior, a locutora reproduz um discurso de outrem – evidenciado pela reprodução desse segmento com o uso de aspas – com um convite feito a ela. Em sua resposta, na continuação do segmento discursivo, há uma negação para o convite feito, em que se constata o uso do MD organizador discursivo com *assim*. Nesta ocorrência, verificam-se todos os elementos formais: porção do discurso – “não vai perder essa, né?” –, seguida por *assim*, sendo esse elemento sequenciado por outra porção do discurso. Ademais, a noção de pausa discutida por Martellota (2004), aplica-se nesta ocorrência com a segmentação pelo uso de espaçamento de parágrafo em sua resposta, antes e depois da construção. Já no que tange à função, o uso do MD integra a articulação de uma nova informação no segmento discursivo: a resposta da interlocutora ao convite feito a ela anteriormente.

(34) A minha mãe sempre foi muito livre, ela com o marido sempre tiveram uma relação muito. Eu tive muito isso em casa **assim** então, eh, eu não acho que seja um que a gente seja uma aberração no sentido da do da exceção, acho que não é um casal de exceção. ³⁷(*Corpus oral, entrevistas Youtube – anos 2023 e 2024*)

Nesta ocorrência, a locutora, ao descrever brevemente o enredo – e o personagem que interpreta – da peça teatral em que está atuando, relata a opinião de sua mãe sobre o casal em questão. A partir disso, a locutora expressa o seu parecer de como a mãe e seu cônjuge se parecem com o casal da obra em que está trabalhando, em que se verifica o uso da construção com MD organizador do discurso. Nesta ocorrência, observam-se todos os elementos formais descritos no quadro 19: porção do discurso – *eu tive muito isso em casa* –, seguida por *assim*, e o marcador discursivo *então*, que é sequenciado por outro fragmento do discurso – *eu não acho que seja um que a gente seja uma aberração*. Em relação à função, o uso do MD organizador do discurso atua como um preenchedor de pausa, nos termos de Materlotta (2004). Nesse caso, essa pausa auxilia a locutora a reorganizar suas ideias e a integrá-las ao fluxo discursivo, de modo que colabora para o encaminhamento da mudança de assunto na sequência discursiva: encerrar sua opinião em relação à mãe e voltar a opinar sobre o casal de sua peça teatral.

³⁷ Cf.: https://www.youtube.com/watch?v=WBAAttd6RmZQ&t=16s&ab_channel=CanalGNT. Acesso em 30 de jul. 2024.

(35) Bial: você tinha consciência que ela tava partindo, não né?

Lucio: Não, eu tinha uma esperança, **assim** sabíamos que tinha ali um câncer muito devastador e que nós íamos eh tratar da sobrevivência dela com a maior qualidade possível³⁸. (*Corpus* oral, entrevistas *Youtube* – anos 2023 e 2024)

Nesta ocorrência, o locutor relata a doença enfrentada por sua mãe, que ocasionou seu falecimento. Ao responder à pergunta do entrevistador – sobre ter consciência da seriedade da enfermidade –, o locutor comenta, com mais detalhes, a gravidade do câncer enfrentado pela mãe. Em relação à forma da microconstrução MD organizador do discurso, esta ocorrência contém todos os elementos formais: primeira porção do discurso – *não, eu tinha uma esperança* –, o MD *assim*, sequenciado pela segunda porção do discurso – *sabíamos que tinha ali um câncer muito devastador*. Funcionalmente, o uso dessa construção contribui para a reorganização de informações na sequência discursiva, já que há uma mudança no tópico discursivo do locutor – deixa de explicar quais eram suas esperanças diante da situação para contextualizar, de maneira mais minuciosa, o quadro da enfermidade da mãe – que é introduzida pelo MD *assim*.

5.1.19 Padrão microconstrucional marcador discursivo encerramento do tópico discursivo

O padrão microconstrucional marcador discursivo de encerramento do tópico discursivo se caracteriza por realizar uma chamada de atenção do interlocutor para uma asserção anterior no discurso de modo a finalizar o tópico discursivo. Nos *corpora* de *análise*, encontramos dados desta microconstrução apenas no *corpus* de entrevistas, em que identificamos 08 *tokens*, os quais correspondem a 4,47% dos dados desse *corpus*. A seguir, no quadro 20, descrevemos a forma e a função deste padrão construcional.

³⁸ Cf.: https://www.youtube.com/watch?v=8DXndrbSJAY&t=69s&ab_channel=CanalGNT. Acesso em 31 de jul. de 2024.

Quadro 20 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução marcador discursivo encerramento do tópico discursivo

Microconstrução 19 – Marcador discursivo encerramento do tópico discursivo	
Forma	[porção do discurso + ASSIM + (porção do discurso)]
Função	Chamada de atenção restritiva e focalizada em relação à proposição anterior, finalizando o tópico discursivo

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Conforme descrito no quadro 20, esta microconstrução tem sua forma constituída por um primeiro segmento discursivo, seguido *assim*, podendo haver, ou não, um segundo segmento discursivo. No que diz respeito à função, essa se caracteriza por realizar uma chamada de atenção restritiva e focalizada em relação à proposição anterior, finalizando o tópico discursivo. Para a discussão desta microconstrução, fazemos uso dos postulados de Barbosa (2019), que, discutindo marcadores discursivos com *só* e *bem*, assinala, em um dos padrões com *só* por ele analisado, que, funcionalmente, “o locutor visa a chamar a atenção de seu interlocutor para um de seus pontos de vista defendidos dentro do contexto em que se insere, funcionando como uma espécie de ênfase para o argumento que é apresentado” (Barbosa, 2019, p.142). O MD com *assim*, nesta microconstrução, atua de maneira similar. Contudo, esse não abarca contextos apenas argumentativos. Na verdade, o foco e a restrição projetados pelo MD recaem sempre sob a proposição anterior. Além disso, no padrão construcional em discussão, constatamos que o MD *assim*, nos contextos das ocorrências que constituem esta microconstrução, ademais de realizar uma chamada de atenção focalizada, opera também uma restrição, nessa chamada de atenção, ao finalizar o tópico discursivo com o uso desse MD. Ademais, neste padrão construcional, a construção com MD atua encerrando um tópico discursivo, mas também, em algumas ocorrências deste padrão, constatamos que encerra igualmente a fala do locutor. Por isso, no pólo da forma, a segunda porção do discurso se encontra entre parênteses. A seguir, analisamos duas ocorrências representativas deste padrão construcional.

(36) Angélica: tem alguma coisa que você mostrava e que hoje você não mostra mais?

Marina: Então, eu diminuí um pouco esse aspecto de talvez namoro **assim**.³⁹ (*Corpus oral, entrevistas Youtube – anos 2023 e 2024*)

Na ocorrência acima, as participantes da interação conversam sobre como lidam com a exposição à internet – e às redes sociais – e como isso impacta na vida delas. Nesse contexto, a apresentadora, Angélica, pergunta à Marina se há algum aspecto pessoal que ela teria deixado de compartilhar nas redes sociais em razão da demasiada exposição – e opinião pública. Na resposta da atriz, verifica-se o uso da microconstrução com marcador discursivo de encerramento do tópico discursivo.

Nesta ocorrência, esta construção tem sua forma constituída pela primeira porção do discurso – *eu diminuí um pouco esse aspecto de talvez namoro* –, sequenciado por *assim*. No que tange à função, o uso do MD, ao fim da fala da locutora, realiza uma chamada de atenção, por parte da locutora, às suas interlocutoras, em que há a focalização de uma informação anterior em sua fala: a de que se expõe menos no que se refere aos seus relacionamentos. Nesse sentido, o MD com *assim* projeta uma chamada de atenção de suas interlocutoras para essa informação, encerrando também o tópico discursivo tratado.

(37) Bial: Juan, é o seguinte, esse negócio de ser pai jovem, que nem você é, deve ter te ajudado a ter a maturidade para encarar um personagem assim como como agora você tá encarando.

Juan: [...] então, acho que mudou um pouco do meu pensamento, virou uma chave. Até então era só um jovem ali inconsequente que queria só se divertir com a galera, e depois vem a responsabilidade, você entende que é uma vida em suas mãos. E aí eu não posso me permitir falhar. Eu falho muito, mas não posso me igual me permitia antes **assim**.⁴⁰ (*Corpus oral, entrevistas Youtube – anos 2023 e 2024*)

Em (37), o locutor, Juan, responde à pergunta do entrevistador sobre como o fato de ter sido pai jovem o ajudou a ganhar mais maturidade na sua carreira de ator e, mais especificamente, no papel que interpreta no momento – personagem mais complexo e menos juvenil. Em sua fala, o ator comenta que ter se tornado pai jovem o ajudou não só como ator, mas em todos os aspectos de sua vida, o que, segundo

³⁹ Cf.: https://www.youtube.com/watch?v=kP2m0CLfnDs&t=213s&ab_channel=CanalGNT. Acesso em 29 de dez. 2024.

⁴⁰ Cf.: https://www.youtube.com/watch?v=4XKtMi4DikY&ab_channel=CanalGNT. Acesso em 29 de dez. 2024.

ele, colaborou para que se tornasse uma pessoa mais responsável e reflexiva. Em sua fala, constata-se a construção com MD de encerramento do tópico discursivo, que, nesta ocorrência, tem sua forma constituída por primeiro segmento discursivo – *eu falho muito, mas não posso me igual me permitia antes* –, que se combina com *assim*. Em relação à função, o MD atua encerrando a fala do locutor e projetando também uma chamada de atenção de seus interlocutores em que focaliza uma informação anterior em sua fala: a de que ele próprio não se permite falhar como antes de se tornar pai, o que finaliza sua fala e encerra, portanto, o tópico discursivo.

5.1.20 Padrão microconstrucional marcador discursivo focalizador

O penúltimo padrão construcional identificado, neste trabalho, é o marcador discursivo focalizador do discurso. Esse MD tem por característica fundamental focalizar uma informação subsequente no fluxo discursivo. Nos *corpora*, encontramos um total de 25 ocorrências, todas extraídas do *corpus* representativo da modalidade oral – as quais representam 13,97% da amostragem desse conjunto. A seguir, no quadro 21, descrevemos a forma e a função desta microconstrução.

Quadro 21 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução marcador discursivo focalizador

Microconstrução 20 – Marcador discursivo focalizador	
Forma	[porção do discurso + ASSIM + porção do discurso]
Função	Promover um destaque para a asserção subsequente no discurso

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Conforme apresentado no quadro acima, este padrão microconstrucional tem sua forma constituída por [porção do discurso + ASSIM + porção do discurso]. No que tange à função, de acordo com Barbosa (2023, p.12), os marcadores discursivos focalizadores são usados com o intuito de “chamar a atenção do interlocutor para determinados pontos julgados relevantes no jogo discursivo. Assim, criam-se escopos específicos sobre determinadas informações do discurso a partir dos elementos

focalizadores”. Nesse sentido, os MD focalizadores com *assim* atuam de maneira que o locutor destaque alguma informação – julgada como sendo mais importante – para seu interlocutor na asserção subsequente à construção focalizadora. Descrevemos, a seguir, duas ocorrências deste padrão construcional.

(38) Gente, eu não tenho paciência mais para esse povo. **Assim** eu não ligo mais tanto.⁴¹ (*Corpus oral, entrevistas Youtube – anos 2023 e 2024*)

Na ocorrência em questão, o tópico discursivo trata do quanto a influência de fãs, imprensa, comentários – e opiniões sobre suas vidas pessoas –, em rede social, impactaram suas vidas – no âmbito pessoal e mental. A locutora expressa sua opinião sobre o tema, afirmando que não dá mais tanta importância ao assunto. Em relação à forma, esta ocorrência é formada pela primeira porção do discurso – *eu não tenho paciência mais para esse povo* –, seguida por *assim*, e pela segunda porção do discurso que contém a asserção focalizada. No que tange à função, a construção ocorre também nesta fronteira entre duas informações na sequência discursiva, em que o uso do MD focalizador atua realizando um apontamento para a porção discursiva que o sucede, salientando a importância do que vai ser dito em seguida na sequência discursiva. Nesse sentido, nesta ocorrência, a locutora destaca sua explicação em relação à primeira afirmação – de que não se importa mais tanto.

(39) a sua música tá na peça **assim** de um álbum que você fez lá atrás.⁴² (*Corpus oral, entrevistas Youtube – anos 2023 e 2024*)

Nesta ocorrência, em que o tópico discursivo em pauta aborda a peça na qual as interlocutoras estão trabalhando, o locutor comenta que uma das interlocutoras tem uma música que compõe a trilha sonora da obra teatral. Quanto aos elementos formais deste padrão construcional, nesta ocorrência, esses são constituídos pela primeira porção do discurso, sequenciada por *assim*, que é seguida pela outra porção do

⁴¹ Cf.: https://www.youtube.com/watch?v=kP2m0CLfnDs&t=688s&ab_channel=CanalGNT_. Acesso em 31 de jul. de 2024.

⁴² Cf.: https://www.youtube.com/watch?v=PSIbNc4JbsA&t=397s&ab_channel=CanalGNT_. Acesso em 31 de jul. de 2024

discurso com a asserção focalizada. No que diz respeito à função, o uso da microconstrução com MD focalizador, neste segmento discursivo, realiza um enfoque, promovendo um destaque de uma informação – a música da interlocutora na peça teatral que é tópico discursivo. Desse modo, o uso dessa construção aponta para a informação subsequente de que a música mencionada anteriormente pelo locutor faz parte de um álbum antigo da interlocutora.

5.1.21 Padrão microconstrucional marcador discursivo prefaciador

O último padrão construcional deste trabalho é o marcador discursivo prefaciador, que se caracteriza fundamentalmente por realizar um retardamento do início – ou continuidade – da elocução, havendo uma chamada de atenção em relação ao interlocutor. Nos dados, encontramos um total de 02 ocorrências – todas identificadas no *corpus* Twitter – que representam 0,23% do total de dados nesse *corpus*. A seguir, no quadro 22, apresentamos a descrição da forma e da função desta microconstrução.

Quadro 22 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução marcador discursivo prefaciador

Microconstrução 21 – Marcador discursivo prefaciador	
Forma	[(MD) + ASSIM + porção do discurso]
Função	Promover uma chamada de atenção em relação ao interlocutor

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Conforme representado no quadro acima, esta microconstrução tem sua forma constituída por [(MD) + ASSIM + porção do discurso], em que o MD é um elemento opcional, apesar de ter sido bastante recorrente nos dados. No que diz respeito à função, de acordo com Risso (2006), os MDs que indicam prefaciação possuem uma natureza fática e um automonitoramento formulativo, fazendo com que funcionem “para manter aberto o canal de interlocução enquanto se procura o feitiço da resposta propriamente dita” (Risso, 2006, p.494). Segunda a autora, muitas vezes, esse MD atua como uma maneira de retardar a resposta imediata ao interlocutor. Além disso, de acordo com Risso (2006), para além da estrutura tópica pergunta-resposta, os MDs

prefaciadores atuam, em diferentes contextos, em posição intratópica – dentro de um determinado tópico – ou intraturno – dentro de um determinado turno –, em que a abertura e o sequenciamento do tópico são entendidos em relação a aspectos novos de uma informação já parcialmente desencadeada. A autora argumenta que a posição deste MD prefaciador, na abertura do turno de fala, funciona também como um chamamento de atenção do interlocutor. Analisamos, a seguir, duas ocorrências representativas desta microconstrução.

Figura 41 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 21



Fonte: Twitter (2018).

Na ocorrência acima, a locutora relata um episódio sobre sua vida pessoal, revelando a estratégia usada por ela para resolver assuntos pessoais, em que tentou dar a outra face. Em sua elocução, é usada a microconstrução com MD prefaciador, que tem, nesta ocorrência, a forma constituída pelo MD *então*, seguido por *assim* e pela porção do discurso. Já em relação à função, este MD atua no intraturno – dentro de um mesmo turno de fala, já que, nesta ocorrência, é usado depois de outro MD – *então* –, de maneira que seu uso auxilia no ganho de tempo para a formulação de seu enunciado. Nesse caso, o MD prefaciador é também uma estratégia para retardar o relato da locutora, já que nesse é narrado o fracasso de sua atividade – a falha na tentativa de ‘dar a outra face’ –, de modo que realiza também um chamamento de atenção de seu interlocutor em relação à asserção que realizará em sequência.

Figura 42 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 21



Fonte: Twitter (2018).

Nesta ocorrência, há uma interação entre dois participantes, em que a locutora comenta sobre algumas atitudes das pessoas, de forma geral, em paqueras e tem sua opinião julgada por seu interlocutor como sendo ousada. Ao responder seu interlocutor, constata-se o uso da construção com MD prefaciador, que tem sua forma constituída por *assim*, seguido pela porção do discurso com a opinião da locutora. Já no que tange à função, o uso do MD prefaciador atua como um retardamento para a resposta da interlocutora, funcionando como uma estratégia de proteção à face, nos termos de Goffman (1967), uma vez que sua atitude, descrita na primeira elocução, foi tomada como negativa – considerada ousada por seu interlocutor. Desse modo, a justificativa, em sua resposta, busca também uma avaliação positiva perante o seu interlocutor, ao mesmo tempo em que esta construção funciona como um chamamento de atenção do interlocutor em relação à asserção que a locutora irá realizar.

5.2 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO

Conforme discutido na seção acima, identificamos neste trabalho, vinte e uma microconstruções com *assim*, a partir de um total de 1031 ocorrências, sendo 852 pertencentes ao *corpus* da modalidade escrita e 179 referentes ao *corpus* da modalidade oral. Pautando-nos na análise das microconstruções empreendidas na seção anterior, verificamos que as microconstruções com *assim* se distribuem em padrões construcionais cada vez mais intersubjetivos. Desse modo, apresentamos, a seguir, na tabela 01, a tabulação dos dados e dos resultados de análises a partir dos padrões microconstrucionais identificados. Para a organização da tabela, tomamos como referência a ordenação de padrões menos intersubjetivos para padrões mais intersubjetivos.

Tabela 1 – Frequência das microconstruções nos *corpora*

Padrões microconstrucionais com <i>assim</i>	<i>Corpus</i> escrito		<i>Corpus</i> oral	
	N.º de ocorrências	%	N.º de ocorrências	%
Temporal	20	2,34	0	0
Dêítico	242	28,40	19	10,62
Anafórico	181	21,24	19	10,62
Catafórico	73	8,57	31	17,32
Comparativo	38	4,46	01	0,56
Exemplificativo	17	2,00	05	2,79
Conclusivo	34	4,00	0	0
Interrogativo	93	10,91	0	0
Progressão discursiva	04	0,47	0	0
Focalizador	27	3,17	33	18,43
Contraexpectativa	57	6,70	02	1,12
Contra-argumentativo	06	0,70	0	0
Modalizador epistêmico delimitador	0	0	03	1,67
Modalizador epistêmico asseverativo	22	2,59	07	3,91

Resumitivo-avaliativo	04	0,47	0	0
Avaliativo	26	3,05	0	0
Marcador discursivo - tipo assim	03	0,35	0	0
Marcador discursivo organizador do discurso	03	0,35	26	14,52
Marcador discursivo encerramento do tópico discursivo	0	0	08	4,47
Marcador discursivo focalizador	0	0	25	13,97
Marcador discursivo prefaciador	2	0,23	0	0
Total	852	100	179	100

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Conforme demonstrado na tabela acima e discutido na seção anterior, os padrões construcionais com *assim* são diversos e bastante produtivos nos *corpora* de análise. Foram identificados vinte e um padrões microconstrucionais, em que constatamos que, no *corpus* escrito, os padrões mais produtivos, isto é, que apresentam uma maior frequência de uso são as microconstruções de cunho textual. Por sua vez, no *corpus* oral, houve uma maior variabilidade em relação à frequência de uso desses padrões, já que tanto padrões mais concretos como mais abstratos atestaram alta produtividade.

No *corpus* da modalidade escrita, que atestou um total de 852 ocorrências, o padrão mais produtivo foi o dêitico, com 242 ocorrências, representando 28,40% do total. Por sua vez, o padrão anafórico foi o segundo mais produtivo com um total de 181 construtos, atestando 21,24%. Em sequência, as construções interrogativas certificaram 93 *tokens*, representando 10,91%. Já o padrão construcional catafórico apresentou 73 ocorrências, o que corresponde a 8,57% dos dados. Por sua vez, com a microconstrução de contraexpectativa, constatamos 57 *tokens*, sendo 6,70% de nossa amostragem. Já com o padrão comparativo, as 38 ocorrências totalizam 4,46%. Com o padrão conclusivo, encontramos 34 ocorrências, representando 4,00%. Por sua vez, a microconstrução focalizadora certificou 27 *tokens*, atestando 3,17%. Já com as construções avaliativas, obtivemos 26 ocorrências, equivalendo a 3,05% dos

dados. Com a microconstrução modalizadora epistêmica asseverativa, constatamos 22 *tokens*, representando 2,59% dos dados. Por sua vez, as construções temporais apresentaram 20 ocorrências, certificando 2,34%. Com o padrão exemplificativo, obtivemos 17 ocorrências, representando 2,00%. Já na microconstrução contra-argumentativa, levantamos 06 *tokens*, equivalendo a 0,70%. Por sua vez, nos padrões construcionais resumitivo-avaliativo e de progressão discursiva, encontramos o mesmo número de ocorrências, 04, certificando, cada um deles, 0,47%. Já algumas das microconstruções de caráter mais intersubjetivo atestaram uma frequência de uso menor, como se pode observar nos dados de marcadores discursivos, em que: i) o marcador discursivo *tipo assim* e marcador discursivo organizador do discurso apresentaram, cada um deles, 03 ocorrências, representando 0,35%, em cada padrão; e ii) o marcador discursivo prefaciador atestou 02 *tokens*, conferindo a 0,23%.

Por sua vez, no *corpus* da modalidade oral, que apresentou um total de 179 ocorrências, o padrão microconstrucional que atestou maior produtividade foi o focalizador, com 33 ocorrências, conferindo a 18,43% do total desse *corpus*. Já o padrão catafórico foi o segundo mais produtivo com 31 *tokens*, representando 17,32%. Por sua vez, as construções de marcador discursivo organizador do discurso atestaram 26 ocorrências, o que corresponde a 14,52% dos dados. Em sequência, o padrão marcador discursivo focalizador certificou 25 ocorrências, representando 13,97%. Já nas microconstruções dêitica e anafórica, identificamos, em cada padrão, 19 *tokens*, o que representa 10,62% em cada um desses padrões. Na microconstrução marcador discursivo de encerramento do tópico discursivo, levantamos 08 ocorrências, correspondendo a 4,47%. Com o padrão modalizador epistêmico asseverativo, obtivemos 07 ocorrências, representando 3,91%. Por sua vez, o padrão exemplificativo atestou 05 *tokens*, conferindo a 2,79%. Já o padrão modalizador epistêmico delimitador apresentou 03 ocorrências, correspondendo a 1,67%. Na microconstrução de contraexpectativa, obtivemos 02 ocorrências, representando 1,12%. Por fim, o padrão comparativo apresentou 01 ocorrência, correspondendo a 0,56% do total de dados.

A partir dos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (Furtado da Cunha *et al.*, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016) e, mais especificamente, a partir da abordagem construcional da mudança (Traugott;

Trousdale, 2013), buscamos, neste capítulo de análise, apresentar os padrões microconstrucionais com *assim* que foram identificados nos *corpora* analisados neste trabalho. Conforme demonstrado no Capítulo III, estas microconstruções foram identificadas a partir dos dados levantados nos *corpora* que compõem este trabalho: um *corpus* representativo da modalidade escrita (Martins, 2021), constituído por dados da rede social *Twitter*, e outro *corpus*, compilado por nós, representativo da modalidade oral a partir de vídeos do gênero entrevista retirados da plataforma *YouTube*.

Conforme apresentado no Capítulo III, os *corpora* analisados, neste trabalho, apresentam naturezas significativamente distintas. Não apenas pertencem a modalidades distintas – sendo um escrito e outro oral – como também possuem características consideravelmente específicas. O *corpus* da modalidade escrita é composto por dados de uma rede social – o que, por si só, já configura um ambiente para usos mais informais da língua –, o *Twitter*, que, devido à limitação da quantidade de caracteres em cada postagem, tem por características textos curtos, o que leva seus usuários a serem expressivos de maneira sucinta. Nesse sentido, o *corpus* obtido por meio do *Twitter* apresenta o uso de muitas abreviações, como se pode constatar nos dados apresentados na seção anterior, o que se dá tanto em virtude do ambiente de uso como da limitação de caracteres. Já o *corpus* da modalidade oral é constituído por vídeos do gênero entrevista em que não há um espaço para arguição tão limitado quanto no *Twitter*. Por outro lado, por mais que tenhamos buscado um uso menos monitorado da língua – recorrendo a formatos menos tradicionais de entrevistas de perguntas e respostas e selecionando contextos em que entrevistadores e participantes estivessem menos engessados e monitorados, usando a língua da maneira mais espontânea possível –, temos consciência de que, ainda assim, não se trata de um ambiente de uso tão altamente informal quanto o de uma rede social, haja vista que a natureza e o contexto de interação também são de natureza distintas, já que, no segundo contexto, a interação acontece no momento em que os participantes estão interagindo face a face, diferentemente de uma interação por rede social.

Nesse sentido, dado o argumentado, não nos pareceu plausível – já que se trata de dois *corpora*, cada qual com características tão particulares – equiparar os

dados encontrados em cada um deles – no sentido de somá-los e analisar os dados e a frequência de cada microconstrução apenas como uma, não separando os *corpora* de análise. Em contrapartida, justamente por essa razão, nos pareceu relevante a análise de dois *corpora* tão diferentes, o que nos permitiria verificar – considerando a hipótese inicial de produtividade de cada padrão microconstrucional em cada *corpora* – e cotejar o comportamento de cada padrão construcional em cada um dos *corpora* considerados neste trabalho.

Ademais, por se tratar de *corpora* de naturezas distintas, tínhamos inicialmente métricas diferentes: i) quantidade de palavras para o *corpus* escrito, 1.677.627 palavras; e ii) quantidade de horas, 2 horas e 3 minutos, para o *corpus* oral. Isso nos direcionou a adotar uma mesma métrica nos dois *corpora*, contabilizando, nos dois casos, o número de palavras, e verificando, portanto, que as 2 horas e 3 minutos do *corpus oral* corresponderiam, na verdade, a 21.383 palavras. Assim, trabalhando com a mesma métrica – número de palavras –, foi possível aferir o comportamento cada padrão microconstrucional em cada um dos *corpora*.

Apesar do tamanho de cada *corpora* ser significativamente diferente, usar uma mesma métrica em ambos os *corpora* possibilitou atestar a frequência de *assim* em cada um desses *corpora*. Nessa análise, constatamos que, no *corpus* representativo da modalidade escrita, *assim* apresenta uma frequência de 0,05 % em relação à frequência total do *corpus*. Por sua vez, no *corpus* representativo da modalidade oral, foi atestada a frequência de 0,83% com *assim* em relação ao total de palavras desse *corpus*. Nesse sentido, de maneira geral, construções com *assim* apresentam uma maior frequência de uso no *corpus* de entrevistas.

A partir da análise qualitativa e do cálculo de frequência das ocorrências analisadas, corroborando a hipótese inicial, a produtividade das microconstruções se mostrou diversa em cada *corpora*, uma vez que constatamos que os contextos e os ambientes em que ocorrem as construções com *assim* são diversos. Verificamos que os padrões construcionais identificados seguem um contínuo de intersubjetividade. No *corpus* oral, por exemplo, os padrões que atestaram maior frequência de uso foram respectivamente o focalizador – com 33 *tokens*, correspondendo a 18,43% desses dados – e o catafórico – com 31 ocorrências, representando 17,32% da amostragem desse *corpus*.

Das vinte e uma microconstruções mapeadas e descritas neste trabalho, identificamos doze delas no *corpus* oral e dezoito no *corpus* escrito, sendo, então, nove padrões comuns aos dois *corpora* analisados. Todos os três padrões que foram mapeados apenas no *corpus* de entrevistas – modalizador epistêmico relativo, marcador discursivo encerramento do tópico discursivo e marcador discursivo focalizador – constituem microconstruções de cunho mais subjetivo. Essa constatação nos leva a hipotetizar que, na oralidade, há uma maior propensão de que o falante tenha uma maior expressividade ao usar construções com *assim*, o que é sustentado também se consideramos que, neste *corpus*, três dos quatro padrões que atestaram maior frequências de uso – focalizador, catafórico, marcador discursivo organizador do discurso e marcador discursivo focalizador – configuram padrões construcionais mais intersubjetivos.

No entanto, não identificamos o contrário no *corpus* da modalidade escrita, isto é, não há um decréscimo contínuo de frequência de uso de padrões menos intersubjetivos para padrões mais intersubjetivos. Houve, de forma geral, uma expressiva produtividade de padrões menos intersubjetivos, em que as microconstruções com maior frequência de uso foram, respectivamente, a dêitica – com 242 ocorrências, representando 28,40% desses dados – e a anafórica – com 181 *tokens*, correspondendo a 21,24% da amostragem desse *corpus*. Contudo, a microconstrução formada a partir do *chunk como assim*, que não é tão concreta, apresentando características mais intersubjetivas, teve a terceira maior frequência de uso nesse *corpus* – com 93 ocorrências, que equivalem a 10,91% dos dados desse *corpus*. Para corroborar essa maior produtividade de padrões menos intersubjetivos, precisaríamos de uma maior amostragem, inclusive, em outros contextos de uso da modalidade escrita.

Apesar do número de *tokens* ser menor no *corpus* oral, em relação ao escrito, trata-se um *corpus* robusto, que atestou nove padrões construcionais, o que possibilitou rigorosas e profundas análises, já que, nesse *corpus*, identificamos diversas microconstruções – três, inclusive, que não atestaram produtividade no *corpus* escrito. Contudo, em ambos os *corpora*, constatamos que tanto padrões menos intersubjetivos como padrões mais intersubjetivos são produtivos, como discutido acima. Temos por hipótese que isso se dê em razão da expansão de uso de

assim para contextos cada vez mais intersubjetivos, já que esses padrões atestam frequência de uso em diferentes ambientes discursivos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, neste trabalho, apresentar os padrões microconstrucionais com *assim*, baseando-nos nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e, mais especificamente, na abordagem construcional da mudança, proposta por Traugott e Trousdale (2013). Nesse contexto, de modo mais específico, tivemos como objetivos: (i) identificar os padrões microconstrucionais com *assim* nos *corpora* delimitados para esta pesquisa; e (ii) descrever as características formais e funcionais dos padrões analisados.

Para tal, a fim de cumprir os objetivos propostos, partimos das seguintes hipóteses: (i) as diferentes construções com *assim* são instanciadas na língua a partir de diversos ambientes discursivos; (ii) há uma expansão semântico-pragmática de seus usos, e ela está relacionada a um aumento de intersubjetividade; e, (iii) diferentes padrões microconstrucionais com *assim* apresentam produtividade nas diferentes modalidades de uso da língua – oral e escrita. Como demonstramos no capítulo anterior, tais hipóteses se confirmaram.

Para a realização da análise, nos baseamos em dois *corpora* sincrônicos. O primeiro representativo da modalidade escrita, compilado por Martins (2021), é composto por publicações na rede social *Twitter*, com dados que datam dos anos de 2017, 2018, 2019 e 2020, com um total de 1.677.627 palavras. Já o segundo *corpus* de análise, representativo da modalidade oral, é constituído por dez vídeos do gênero entrevista da plataforma *YouTube*, os quais perfazem, em sua totalidade, duas horas e três minutos, com um total de 21.383 palavras. As construções identificadas, e posteriormente organizadas em seus respectivos padrões microconstrucionais, foram submetidas à análise qualitativa e ao cálculo da frequência de uso.

A partir das análises realizadas, verificamos, por meio das similaridades identificadas tanto na forma quanto na função, que as microconstruções com *assim* seguem um contínuo de intersubjetividade, de usos menos intersubjetivos para usos mais intersubjetivos e mais abstratos, partindo de usos menos intersubjetivos, como padrões textuais (fóricos) – como catafórico, por exemplo –, até usos mais intersubjetivos, como o padrão avaliativo. Nesse sentido, construções que envolvem, por exemplo, anáfora, catáfora e dêixis são menos intersubjetivas, ao passo que

construções que tangenciam, por exemplo, avaliação e a marcação discursiva são mais intersubjetivas.

As análises realizadas apontam também para a produtividade de *assim* em diferentes ambientes discursivos, confirmando a hipótese inicial deste trabalho. Verificamos também que o *corpus* da modalidade escrita apresentou mais *types*, 18, e *tokens*, 852, em relação ao *corpus* da modalidade oral, em que obtivemos 179 ocorrências em um total de 12 microconstruções. Isso pode ter ocorrido também em virtude do tamanho de cada *corpus*, já que, como discutido na seção anterior, a frequência de *assim* em relação ao total de palavras foi maior *corpus* oral do que no escrito.

Em virtude dessas conclusões e de outras encaminhadas no decorrer da realização deste trabalho, acreditamos que a pesquisa realizada apresenta contribuições relevantes para futuros estudos acerca de construções com *assim* e, de modo geral, para os estudos sobre construcionalização gramatical. No entanto, ressaltamos que a análise realizada no presente trabalho possui limitações, havendo, ainda, muito a ser investigado no que se refere às construções com *assim*.

Especificamente, em relação à possibilidade de investigações que possam se desdobrar a partir do presente trabalho, nos parece relevante algumas questões, tais como: (i) aplicação de *softwares* e/ou ferramentas que possibilitem a análise da prosódia, nos dados da modalidade oral, de maneira a refinar e pormenorizar as análises realizadas; (ii) expansão dos *corpora* para outros ambientes discursivos, para além de redes sociais, no caso dos dados da modalidade escrita, e para outros gêneros discursivos além de entrevistas, de maneira a investigar a produtividade de padrões construcionais com *assim* em ambientes discursivos diferentes dos analisados no presente trabalho; (iii) estabelecimento dos demais níveis de esquematicidade propostos por Traugott e Trousdale (2013) – esquema e subesquema – a fim de propor uma rede construcional para construções com *assim*.

REFERÊNCIAS

ALOMBA RIBEIRO, M. D'A. *Los conectores argumentativos en los aprendices hispanohablantes de portugués*. 2005. Tese (Linguística Aplicada) – Departamento de Filologia, Universidade de Alcalá, Alcalá de Henares, 2005.

BALLY, C. *Linguistique générale et linguistique historique*. 4.ed. Berne: Éditions Francke, 1965.

BARBOSA, G. P. R. *Os marcadores discursivos focalizadores com só e bem: uma proposta de rede construcional*. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2019.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERGEN, B.K.; CHANG, N. Embodied Construction Grammar in simulation-based language understanding. In J.-O. Östman and M. Fried (eds.) *Construction Grammar(s): Cognitive and Cross-Language Dimensions*. Johns Benjamins, 2005.

BISPO, E. B.; SILVA, J. R. *Variação linguística, mudança linguística e construcionalização*. In: XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

BOAS, H. C.; SAG, I. *Sign-based Construction Grammar*. Stanford: CSLI Publications, 2012.

BRINTON, L. J. *The evolution of pragmatic markers in English: Pathways of change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

BRYMAN, A. (1998) Quantitative and qualitative research strategies in knowing the social world. In: MAY, T.; WILLIAMS, M. (eds.). *Knowing the social world*. Philadelphia: Open University Press.

BYBEE, J. L. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.

BYBEE, J. *LPhonology and language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

_____. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (Eds.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 602-623.

_____. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. Usage-based Theory and Exemplar Representations of Constructions. In: HOFFMAN, T; TROUSDALE, G. (Eds.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford University Press, 2013.

_____.; FLEISCHMAN, S. *Modality in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

_____.; J. L. MCCLELLAND. Alternatives to the combinatorial paradigm of linguistic theory based on domain general principles of human cognition. In Nancy A. Ritter, *The Role of Linguistics in Cognitive Science*. Special Issue of *The Linguistic Review* 22, 2005. p. 381–410.

CASTELANO, K. L.; LADEIRA, W. T. Funções discursivo-interacionais das expressões “assim”, “tipo” e “tipo assim” em narrativas orais. In: *Letra Magna*. Ano 06 n.12 - 1º Semestre de 2010-

CASTILHO, A.T.; CASTILHO, C.M.M de. Advérbios modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (Org.). *Gramática do português falado*. Vol. II. 4. ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.

COELHO, F. A. *Dicionário manual etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: P. Pantier, 1890.

CONTE, M. E. Encapsulamento Anafórico. In: CAVALCANTE, M.; RODRIGUES, B. (org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 177-190. (Clássicos da Linguística. v. 1).

CORTESÃO (A. A.) .*Subsídios para um dicionário completo (histórico-etimológico) da língua portuguesa*. Coimbra, Franga Amado, 1900-1.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.

_____.; CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexicon, FAPERJ, 2010.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 7ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

CUNHA LACERDA, P.F.A.; FURTADO DA CUNHA, M. A. Gramática de construções: princípios básicos e contribuições. In: OLIVEIRA, Mariangela Rios; CEZÁRIO, Maria Maura Cezário. (Org.). *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. 1. ed. Niterói: Eduff, 2017. p. 17- 46

CUNHA LACERDA, P. F. A.. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016, vol. especial, p. 83-101.

DIAS, N. B. Cláusulas apositivas em português: estatuto sintático-discursivo. *Estudos Linguísticos XXXV*, p. 1534-1543, 2006.

DIEHL, A. A. (2004) *Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas*. São Paulo: Prentice Hal

DICK, S. C. *The theory of functional Grammar*. 2. Ed. By K. HENGEVELD. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.

DIOGUARDI, G. *Argumentação e redes sociais: o tweet como gênero e a emergência de novas práticas comunicativas*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014

ERNOUT A., MEILLET A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. 3.ed. Paris: Libraire C. Klincksiech, 1957.

FERRAREZI JR., C. *Semântica*. Coleção Linguística para o Ensino Superior. Vol. 6. São Paulo: Parábola, 2019.

FERREIRA, J. de A. (ed.) (1987) *Afonso X, Foro Real*, Lisboa, I.N.I.C., pp. 125-309

FILLMORE, C. J. The Case for Case. In: BACH; HARMS. *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart and Wilson, 1988.

_____. Berkeley construction grammar. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (eds.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. New York: Oxford University Press, 2013.

_____.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. *Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: The Case of Let Alone*, *Language*, Berkeley, v. 64, n. 3, p. 501-538, 1988.

FLORET, F. M. *A trajetória das construções conclusivas com portanto, por isso, logo e então*. Tese (doutorado) – Faculdade de Letras, Programa de pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad, 2013, p. 13-44.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SILVA, J. R.; BISPO, E. B. *O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais*. Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume Especial, dez de 2016, p. 55-67.

GEERAERTS, D. 1997. *Diachronic Prototype Semantics: A Contribution to Historical Lexicology*. Oxford: Clarendon Press.

GEERAERTS, D. 1997 *Diachronic Prototype Semantics*. A Contribution to Historical Lexicology, Oxford, Oxford University Press.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University Press, 1995.

_____. *Constructions: a new theoretical approach to language*. *Trends in Cognitive Sciences*, v. 7, 2003, p. 219-224.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: University Press, 2006.

_____. *Constructionist Approaches*. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. *The Oxford handbook of construction grammar*. New York: Oxford University Press, 2013, p. 15- 31.

_____. *Constructionist approach to language*. In: *Workshop em XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, 2016*.

GONÇALVES, S. *et al.* (orgs.). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007

GUESSER, S.; MEDEIROS, L.; KÉDOCHIM, F.; S., Raquel. *Sobre as leituras de como assim em português brasileiro*. Revista Letras, Curitiba, v. 101, p. 144-177, jan. 2020. Semestral.

HALLIDAY, M. A. K; HASAN, R. *Cohesion in English*. Londres: Longman, 1976.

HALPERÍN, J. *La entrevista periodística: intimidades de la conversación pública*. Barcelona: Paidós, 1995.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HIMMELMANN, N. *Lexicalization and grammaticization: Opposite or orthogonal?* In: BISANG, HIMMELMANN, and WIEMER, eds., 2004, p. 21–42.

HOFFMANN, T. Construction grammars. In: DANCYGIER, B. (Ed.). *The Cambridge Handbook of Cognitive Linguistics*. Cambridge: University Press, 2017.

HOFFMAN, T.; TROUSDALE, G. Variation, change and constructions in English. *Cognitive Linguistics*, 22, 2011, p. 1-23.

HOFFMAN, T.; TROUSDALE, G. *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: University Press, 2013.

KAY, P.; FILLMORE, C. J. *Grammatical constructions and linguistic generalizations: The what's X doing Y construction*. *Language*, 1999, p. 1-34.

KEMMER, S. *Schemas and lexical blends*. 2003. Disponível em:<10.1075/cilt.243.08kem>.

KOCH, I. G. V. *A coesão textual*. 22.ed. São Paulo: Contexto, 2018.

KOCH, I. G. V; L. A. MARCUSCHI. Processos de referência na produção discursiva. *D.E.L.T.A.* , vol.14, no. especial, p.169-190, 1998.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. W. *Cognitive Grammar*. New York: Oxford University Press, 2008.

_____. *Concept, image and symbol: the cognitive basis of grammar*. New York: Mouton de Gruyter, 1991.

_____. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____. Syntactic Reanalysis. In: C. N. Li (Ed.) *Mechanisms of Syntactic Change*. Austin University of Texas Press, 1977.

_____. *Investigations in Cognitive Grammar*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2009.

LEVINSON, S.C. A dêixis. In: *Pragmática*. Trad. Borges e Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LOPES-DAMASIO, L. R. *A emergência do marcador discursivo “assim” sob a óptica da gramaticalização: um caso de multifuncionalidade e (inter)subjetivização*. São José

do Rio Preto. Dissertação de Mestrado – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista, 2008.

_____. *Diacronia dos processos constitutivos do texto relativos a assim: um novo enfoque da gramaticalização*. São José do Rio Preto. Tese de Doutorado – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista, 2011.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, v.2. 1997

MARTELOTTA, Mário Eduardo; NASCIMENTO, Enrico; COSTA, Sílvia. A. Gramaticalização e discursivização de assim. IN: MARTELOTTA, M.; VOTRE, S.; CESÁRIO, M. M. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, p.261-76, 1996

MARTELOTTA, M. Gramaticalização e graus de vinculação sintática em cláusulas concessivas e adversativas. *Revista Veredas*, v. 2, n. 2, 1998, p. 37-56.

MARTELOTTA, M. E. Operadores argumentativos e marcadores discursivos. In: Votre, S.J.; Cezario, M.M.; Martelotta, M.E. (orgs.). *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, p. 82-137, 2004.

MARTINS, S. C. *Construções avaliativas com verbos denominais: uma proposta de rede construcional*. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2021.

NASCIMENTO, E. P.; SILVA, J. M. *A argumentação na redação comercial e oficial: estratégias semântico-discursivas em gêneros formulaicos*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2012.

NEVES, M. H. de M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, M.H. M..*Gramática de usos do português*. 2.ed. São Paulo: UNESP, 2000.

NEVES, M^a. Helena de Moura. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2013.

NETO, J. A. S. (ed.) (1997), *Duas Leituras do Tratado Ascético-Místico Castelo Perigoso*, Dissertação de Doutorado, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. Edição revista por Irene Nunes e cedida pelo editor. Cf. se esta é a edição que está no CD do Barbosa Machado

NUNES, I. F. *A Demanda do Santo Graal*. Versão revista e digitalizada com base na edição publicada pela Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa 1995, cedida pela editora.

OLIVEIRA, N. F. de. *Gramaticalização do verbo “esperar”*: uma abordagem funcionalista. 2012. 205 f. Dissertação de mestrado em Linguística. Juiz de Fora, MG: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012.

PINHEIRO, D.; ALONSO, K. 30 anos (ou mais) de Gramática de Construções: primeiros apontamentos para uma história do movimento construcionista (ou: 1988: o ano que não terminou). *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, 2018.

PINHEIRO, D.; SOARES DA SILVA, A.; JUNIOR, R. (2022). Gramática de Construções Baseada no Uso. *Revista SOLETRAS*. 45. 1-15. 10.12957/soletras.2023.75349.

RISSE, M.S. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. [Orgs]. *Gramática do português falado no Brasil*. Campinas, SP: Unicamp, 2006.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

ROSÁRIO, I. C. Gramática, gramaticalização, construções e integração oracional: algumas reflexões. OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (Orgs). *Linguística centrada no uso – teoria e método*. 1.ed. Lamparina, FAPERJ, 2015.

ROSARIO, I. C; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Revista de Linguística*, v. 60, p. 233-259, 2016.

SANTOS, M. P. K. dos. *A formação das microconstruções uma vez que, já que e assim que*: uma abordagem cognitivo-funcional. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SCHIFFRIN, D. (1987) *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press.

SOUZA, E. R. F. *Gramaticalização dos itens linguísticos assim, já e aí no Português Brasileiro: um estudo sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional*. 2009. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

STEELS L. Introducing fluid construction grammar. *Design Patterns in Fluid Construction Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2011.

TRAUGOTT, E. C. Subjectification in grammaticalization. In: STEIN, D.; WRIGHT, S. *Subjectivity and subjectification*. New York: Cambridge University Press, 1995, p. 31-54.

_____.; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 1-50.

_____.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VIEIRA, A.C. *A arquitetura constitucional do que nem na língua portuguesa: uma relação entre uso, cognição e (inter)subjetividade*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2020.

WHITE, P. *An introductory tour through Appraisal Theory*. 2003. Disponível em: <http://www.grammatics.com/appraisal/appraisaloutline/framed/frame.htm>.

BARBOSA, P.R.G. *Padrões microconstrucionais de marcadores discursivos focalizadores das línguas portuguesa, espanhola, francesa e inglesa*. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2023.